



Programa de Pós-Graduação em  
**LINGUÍSTICA**

---

**A EMOÇÃO NA CRIANÇA DE 3 A 4 ANOS: LAÇOS DE ALTERIDADE E  
MEDIações ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM MEIO  
A PANDEMIA DA COVID-19**

**SÃO CARLOS**

**2021**



**ISABELLE NOBREGA BORGES**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**A EMOÇÃO NA CRIANÇA DE 3 A 4 ANOS: LAÇOS DE ALTERIDADE E  
MEDIações ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM MEIO  
A PANDEMIA DA COVID-19**

Isabelle Nobrega Borges

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof(a). Dr(a). Poliana Bruno Zuin

**São Carlos - São Paulo - Brasil**

**2021**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Linguística

---

**Folha de Aprovação**

---

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Isabelle Nobrega Borges, realizada em 08/11/2021.

**Comissão Julgadora:**

Profa. Dra. Poliana Bruno Zuin (UFSCar)

Profa. Dra. Monalisa Muniz Nascimento (UFSCar)

Profa. Dra. Alessandra Del Ré (UNESP)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística.

*Dedico este trabalho primeiramente a Deus, e a minha família que me apoiou desde o início de minha trajetória. Foi um período de muitas dificuldades, superações e desafios. Com lágrimas de felicidade em meus olhos, dedico à minha mãe, meu pai, minha irmã e amiga Daniele, meu esposo, Vinícius, e meu maior incentivador, que me despertou o interesse por estudar sobre emoções, meu filho, Gabriel. Obrigada por fazerem de tudo para que eu chegasse até aqui, mesmo no cenário mais difícil de nossas vidas. Com todo meu carinho, amor e minha gratidão.*

## AGRADECIMENTOS

Demonstrar meu enorme agradecimento a todos os envolvidos na realização da minha formação não é tarefa fácil.

A minha orientadora, Poliana Bruno Zuin, minha eterna gratidão, que em suas aulas partilhou saberes, emoções, construção de autoconhecimento e despertou em mim o interesse em estudar sobre linguagem e educação infantil. É uma honra tê-la como minha orientadora. Uma personalidade doce, atenciosa, sempre disposta a nos ajudar em todos os momentos. Aos professores que aceitaram o convite para compor essa banca e partilhar suas ideias e saberes: Sandra Gattolin, Maria Iolanda Monteiro, Monalisa Muniz e Alessandra Del Ré.

A todos os educadores com quem convivi na Universidade, especialmente os docentes do Departamento de Letras e Linguística, que há sete anos agregam tanto saber a minha vida. A todas as “minhas” crianças da UAC – Unidade de Atendimento à Criança e aos familiares. A todos os profissionais da UAC, que sem vocês, este trabalho não seria realizado.

A toda minha família: Em especial, aos meus pais, Roseli e Silviano (com quem fui aprendendo que apesar de todos os problemas e dificuldades, alegria e perseverança é o que importa) minha irmã Daniele, que sempre esteve comigo e me apoiou (e apoia) em todos momentos. Ao meu esposo, Vinícius, que com sua garra e força me mostra a cada dia que somos capazes de tudo. Obrigada pelo amor, cuidado e incentivo a seguir minha carreira acadêmica. Ao meu filho, Gabriel, razão da minha vida. Aos meus avós João e Maria (Dona Maria que me incentivava a ler e despertou em mim a paixão pela linguística).

Aos amigos: Mayara, Adriele, Vanessa e Aline pelas deliciosas e infindas conversas cujas palavras não explicam... só sentir, apenas isso. Só nós sabemos por quantas coisas passamos juntas. Obrigada pelo apoio de sempre, minhas irmãs, amo vocês.

Agradeço em especial a Professora Monalisa Muniz, do departamento de Psicologia da UFSCar, pelo incentivo e ajuda a estudar o que mais amo, sobre as emoções humanas.

Obrigada a todos, pelo incentivo, atenção e cuidado.

“A realidade existe na mente humana e em nenhum outro lugar.”

(George Orwell)

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a trajetória das significações das emoções historicamente constituídas por um grupo de crianças de 3 a 4 anos, durante o período de isolamento social ocasionado pela Pandemia da Covid-19. As crianças pertencem a uma sala da Unidade de Atendimento à Criança (UAC) na Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, campus São Carlos-SP. Devido à pandemia da Covid-19, o projeto foi desenvolvido em ambiente virtual, com uso de aplicativos como Whatsapp e Google Drive para diálogo com as famílias das crianças, bem como para o envio de sugestões de atividades semanais abordando a temática de emoções. Baseando-se no constructo teórico do filósofo da linguagem M. Bakhtin e de autores que compõem a teoria Histórico Cultural como Vygotsky, Luria, Leontiev, entre outros que compreendem a linguagem como atividade constitutiva da consciência e das emoções, foram recolhidos relatos e narrativas dos familiares sobre suas crianças neste momento de isolamento social a fim de analisar se as propostas de atividades ajudaram na compreensão da significação das distintas emoções pelas crianças. Essa pesquisa contribuirá para as áreas da Linguística, Psicologia e Educação, pois busca evidenciar a importância de nomear as emoções durante a infância para o desenvolvimento emocional e intelectual da criança. Os dados analisados à luz do referencial teórico possibilitam que políticas públicas possam incorporar no currículo da Educação infantil a temática “Emoção e Sentimentos”, bem como busca auxiliar professores a trabalharem essa temática em sala, acolhendo as famílias e suas crianças sobretudo no retorno às atividades presenciais durante e pós pandemia da Covid-19.

**Palavras-chave:** Linguagem; Emoção; Literatura infantil; Educação Infantil.

## ABSTRACT

This research aims to analyze a trajectory of the meanings of emotions historically constituted by a group of children aged 3 to 4 years in social isolation caused by the Covid-19 Pandemic. The children belong to a room at the Child Care Unit (UAC) at the Federal University of São Carlos - UFSCar, campus São Carlos-SP. Resulting from the Covid-19 pandemic, the project was developed in a virtual environment, using applications such as Whatsapp and Google Drive to dialogue with the children's families, as well as sending suggestions for weekly activities addressing the theme of emotions. Based on the theoretical construct of the philosopher of language M. Bakhtin and authors who compose a cultural-historical theory such as Vygotsky, Luria, Leontiev, among others who understand language as a constitutive activity of consciousness and emotions, reports and narratives were collected. of family members about their children at this moment of social isolation in order to analyze whether the proposed activities helped in understanding the meaning of different emotions for children. This research will contribute to the areas of Linguistics, Psychology and Education, as it seeks to highlight the importance of naming emotions during childhood for the child's emotional and intellectual development. Frontal data in the light of the theoretical framework allow public policies to incorporate the theme "Emotion and Feelings" in the Early Childhood Education curriculum, as well as seeking to help teachers to work on this theme in the classroom, welcoming families and their children, especially when returning to face-to face activities during and after the Covid-19 pandemic.

**Keywords:** Language; Emotion; Children's literature; Child education.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 CAPÍTULO 1.....</b>	<b>17</b>
2. 1 A formação do sujeito nas teorias Histórico-cultural de Vygotsky e de Mikhail Bakhtin.....	17
2. 2 A linguagem como constituidora das interações e da consciência.....	21
<b>3 CAPÍTULO 2.....</b>	<b>29</b>
3.1 O meio social, histórico, cultural e as emoções na criança de 3 a 4 anos.....	29
3. 2 Conceito de emoções na obra de Vygotsky: Linguagem, consciência e emoção.....	36
<b>4 CAPÍTULO 3.....</b>	<b>58</b>
4. 1 O uso da literatura infantil para aprendizagem e desenvolvimento emocional na criança.....	58
4. 2 Literatura e emoções: a importância de nomear os sentimentos para o desenvolvimento emocional da criança.....	65
<b>5 CAPÍTULO 4.....</b>	<b>77</b>
5. 1 Relação escola e família no desenvolvimento da criança em meio a pandemia de Covid-19.....	77
5. 2 Educação infantil no ensino a distância: acolhimento e desenvolvimento emocional infantil via tecnologias de informação em tempos de pandemia.....	82
5. 3 O uso do Whatsapp como forma de comunicação e parceria entre pais e professor: algumas formas sobre como ensinar os pequenos no ensino remoto.....	87
<b>6 CAPÍTULO 5.....</b>	<b>93</b>
6.1 O contexto da pesquisa e seu percurso metodológico.....	93
6. 2 Trechos das narrativas das Famílias sobre o projeto Emoções e Sentimentos durante a pandemia da COVID-19.....	99
6. 3 Análise e Resultados.....	101
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS.....</b>	<b>116</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>121</b>
<b>ANEXOS A.....</b>	<b>129</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O novo coronavírus surgiu de forma inesperada e atípica, tirando todos de sua zona de conforto, mudando rotinas, vidas – mudando o mundo. A pandemia da COVID 19, uma doença respiratória aguda grave causada pelo Coronavírus (SARS-CoV-2), teve início em Wuhan, província de Hubei, na China, em 1 de dezembro de 2019. Paralisou o mundo, a população mundial teve que ficar em isolamento, fechando escolas, aeroportos, comércio, empresas, como uma forma de tentar controlar a transmissão do vírus.

Com as escolas fechadas, muitos se perguntavam, como dar continuidade ao ensino da educação infantil e desenvolvimento da criança? Práticas on-line funcionam com a educação infantil? Muitas escolas particulares adotam métodos de ensino remoto com crianças de 0 a 6 anos. Mas será que realmente funciona? Devido à pandemia do Covid-19, as crianças realmente precisam ter atividades obrigatórias ou é suficiente um suporte emocional e acolhimento por meio de atividades dialógicas entre professores e pais?

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), é preciso, no desenvolvimento infantil, explorar aspectos da vivência sociocultural, da natureza tátil, e estimular a interação entre alunos e professores, visando colocar a criança frente a diferenças sociais, regras cotidianas, um conjunto de práticas que estimulem o todo da criança como cognição motora, paladar, aspectos culturais, entre tantos pontos que só podem ser ensinados através da tríade mediativa família-escola-aluno. Dessa maneira, em tempos atípicos como o de pandemias, devemos nos apoiar, escola e família.

Nossas crianças estão acima de qualquer bem. Com as mudanças de rotina por conta da COVID-19, as famílias estão vulneráveis, excesso de trabalho, cuidar dos filhos, preocupações que geram emoções como ansiedade, estresse, tristeza, raiva e medo. Se para nós, adultos, é uma situação extremamente complicada, imagine para uma criança. Os pais devem conversar abertamente com seus filhos de modo que eles consigam entender a situação. Nomear emoções ajuda as crianças a compreenderem seus sentimentos. A linguagem tem a função de regular nossas emoções e ações sobre o mundo. O adulto professor é responsável por mostrar, através da linguagem, o mundo das emoções à criança.

A linguagem é constituída socialmente, por meio das interações com outros sujeitos. É ela que regula nossos sentimentos e comportamentos. É na e pela palavra que conseguimos, entre outras coisas, compreender as emoções. A criança, na fase de aquisição da linguagem, utiliza diferentes recursos para conseguir expressar seu pensamento e suas emoções. Esses recursos são adquiridos pelo contato que a criança tem com o ambiente social em que vive.

A criança, em interação com outros falantes, constrói diferentes conceitos e adquire diferentes linguagens que expressam sua forma de pensar. Segundo Luria (1976), conceito não é simplesmente algo que se aprende pela repetição, com um conteúdo mecanicista ensinado por meio de diferentes métodos. O conceito se forma em conjunto com o próprio desenvolvimento cognitivo da criança, quando atinge seu nível intelectual necessário para entendimento dos conceitos. Ou seja, o desenvolvimento do conceito de uma palavra vai além de assimilação e compreensão, envolve diversos fatores sociais, sociointerativos e contextuais.

Conforme ressalta Luria (1976), o ser humano passa por dois processos de desenvolvimento de conceitos: o cotidiano e o científico. Os conceitos do cotidiano, como o próprio nome diz, são conceitos instaurados nas práticas do dia a dia, em conversas familiares, ambientes de trabalho e diálogos espontâneos. Já os conceitos científicos, são de base científica, metodológica, com viés de aprendizado escolar. O autor revela que os conceitos científicos são adquiridos pela criança através da mediação verbal do professor. Pelo uso da palavra no contexto comunicativo e de exemplificações de determinado conceito que o professor utiliza em sala de aula é que a criança, gradativamente, consegue assimilar e organizar suas estruturas mentais com o conhecimento adquirido e desenvolver outras habilidades intelectuais.

E nesse processo sociointerativo, envolvendo professor, aluno e familiares, a criança internaliza os conceitos, a linguagem, apropriando-se deles e, assim, organiza seus pensamentos. Segundo Vygotsky (1998), a internalização é esse processo de adquirir conceitos externos (sociais) para si (intrapsicológico) a fim de estruturar e construir novos conhecimentos. A internalização se caracteriza quando a criança se apropria da palavra do outro, tornando-a sua, transformando sua mente. Essa linguagem interiorizada tem a função organizadora das ações, ou seja, a criança aprendendo a palavra ou o conceito, utiliza-os para

expressar suas emoções, seus sentimentos, ao invés de agir instintivamente, fisiologicamente, como por exemplo, bater, gritar, morder.

Em um ambiente escolar, o professor como mediador de conhecimento tem a função de instruir a criança nessa fase importante do desenvolvimento dos conceitos emocionais, guiá-lo para que consiga compreender seus sentimentos e emoções, e lidar com eles através da linguagem, que possui função reguladora das ações instintivas do ser humano. Na relação professor-família-criança, a criança está em contínua transformação, não consegue compreender e lidar com suas emoções sozinha, precisa de auxílio, de mediadores de conhecimento para que possam construir, por meio da linguagem, conceitos das emoções que ajudarão a organizar e regular suas ações em sociedade.

Para Geraldi (1992), no âmbito escolar, ao trabalhar com a linguagem, o professor precisa levar em consideração questões históricas, sociais e contextuais, pois a palavra se transforma e se desenvolve nas e pelas relações histórico-culturais. A linguagem se constitui socialmente, então, necessita-se abordar no processo educacional o sujeito e sua história. Respeitar as características culturais e étnicas que fazem com que a língua exista. Como Bakhtin (1992) ressalta, a língua se (trans)forma na interação dos sujeitos no contexto comunicativo. É na atividade dialógica que os sujeitos se (re)constroem e se posicionam como seres pensantes no mundo. Dessa forma, os conceitos das emoções como tristeza, amor, ódio, alegria, também se constituem no âmbito social, de acordo com a realidade cultural que o indivíduo vive.

Segundo Bakhtin (1992), a linguagem se concretiza somente através da interação. O autor salienta que a língua não se caracteriza como algo engessado e mecanicista, que leva em conta questões estruturais, somente gramaticais. A língua se constrói pela historicidade, cultura, contexto, com base na realidade e experiência do sujeito, pelas diferentes relações sociais. Dessa forma, se a linguagem é um constructo social, cultural, baseado nas trocas de experiências entre indivíduos, as nossas emoções também são desenvolvidas socialmente? Pelo contexto social que vivenciamos?

Tomando como referencial teórico Bakhtin (1992), Vygotsky (1931-33/2004), entre outros autores da Psicologia, Educação e Linguística nos indagamos: a interação social constitui as emoções? A linguagem realmente tem a função de regular as ações e emoções?

Buscando responder a estas questões, o corpus da pesquisa é constituído por trechos dos relatos de pais e familiares sobre a trajetória das significações das emoções de seus filhos perante o isolamento social ocasionado pela pandemia de Covid-19. Os relatos e narrativas das famílias foram coletados via Whatsapp, constituindo-se como corpus de pesquisa documental para compor livros, portfólios. Os dados também foram coletados em situações particulares em que a pesquisadora conversou no modo privado com pais que aceitaram participar da pesquisa, como forma de analisar como as crianças estavam se desenvolvendo emocionalmente. O corpus desta pesquisa se fez também via intervenções a fim de se trabalhar o conceito de emoção tendo a literatura infantil como instrumento mediador. Enviamos atividades instrutivas (leituras via áudio, contação de histórias pelo YouTube, *Lives*, pdfs instrutivos com atividades planejadas, etc.) aos pais como meio de dar continuidade ao desenvolvimento emocional e intelectual das crianças, devido à pandemia da Covid-19.

Voltando ao contexto da coleta de dados, ao todo são 15 crianças que estudam em uma sala de uma instituição de educação infantil localizada em uma Universidade Federal no interior do estado de São Paulo. Porém, para coleta de dados foram utilizadas as narrativas e relatos de familiares de 9 crianças. A faixa etária é compreendida por crianças de 3 a 4 anos de idade.

Com viés da Linguística, Educação e da Psicologia Histórico-Cultural buscamos analisar o processo de desenvolvimento do conceito das emoções nas crianças de 3 a 4 anos de idade por meio de mediações a partir da literatura infantil. Entender como as crianças representam suas emoções através da verbalização, desenhos e diálogos com os familiares.

Mas por que a escolha desta temática sobre linguagem e emoções na infância? Sempre tive interesse em conhecer mais sobre as emoções humanas, como elas modelam nossa forma de agir e pensar perante o mundo. A profunda paixão pela linguagem e pensamento humano resultou em meu interesse em pesquisar e compreender como a linguagem influencia em nossas ações, pensamentos e conseqüentemente nossas emoções. A infância é o período em que o aprendizado e o desenvolvimento ocorrem de forma mais significativa, justamente por estar em desenvolvimento, o cérebro da criança por sua plasticidade neural faz ligações e novas conexões neurais através de cada nova experiência e aprendizado com o mundo.

A linguagem, construída socialmente por meio de determinadas culturas, transforma o pensamento e ações da criança. Uma criança extremamente agitada, nervosa, que bate, morde, grita, é simplesmente birra ou ela está querendo nos dizer algo? Siegel (2015) relata que pela falta de maturidade cerebral e por estar em formação, a criança não possui ainda o lado esquerdo do cérebro completo, que é responsável pelo raciocínio lógico, pela fala e organização do pensamento. É pelo contato, convívio social, experiências do dia a dia que, por intermédio da linguagem, a criança começa a aprender sobre a linguagem, construir seu pensamento e a lidar com suas emoções e sentimentos.

Uma criança, privada de contato afetivo, de amor, de apoio dos familiares, com pais agressivos, como ela entenderá o conceito da palavra amor. Como esse conceito de emoção, criado em determinada cultura, será inferido por esta criança? Desta forma as nossas emoções são, sim, em parte construídas através da linguagem, do contato e experiências sociais. Cabe a nós, professores, implementar juntamente ao governo planos de estudo que abordem a temática das emoções para auxiliar no desenvolvimento emocional da criança, que necessita tanto deste auxílio para ter um crescimento sadio até a vida adulta. Para que consiga lidar com problemas ao longo de sua vida de forma madura e emocionalmente controlada, pois teve em sua infância um trabalho emocional que a ajudou a nomear e compreender suas emoções.

O objetivo desse projeto é mostrar como a linguagem, por meio da nomeação das emoções, é fundamental para o desenvolvimento emocional da criança. Como as relações familiares, a parceria entre professor e pais são essenciais para que a criança consiga compreender e lidar com suas emoções que antes, sem a interação social, são somente instintivas. Mostrar que, a forma de diálogo, a linguagem utilizada para expressar determinada emoção faz com que a criança internalize e compreenda aquele sentimento tendo a capacidade de regular suas ações. Projetos educacionais e métodos de aprendizagem em meio a pandemias, como a do Covid-19, que visam ajudar a dar continuidade no desenvolvimento da criança e a lidar com suas emoções são de extrema urgência no ensino para que tanto o professor como os pais e a criança, um sujeito que ainda não consegue entender suas emoções, consigam lidar juntos com os sentimentos.

O desenvolvimento desta pesquisa justifica-se primeiramente com o intuito de contribuir com a área de formação de professores que atuam na Educação Infantil para que

entendam e compreendam a Língua Materna e o desenvolvimento das emoções como interação e mediação entre aluno e professor. Com esse trabalho buscamos oferecer subsídios teóricos e metodológicos em pesquisas, bem como aprofundar o interesse do professor/pesquisador em pesquisar assuntos voltados para a Psicologia Histórico-Cultural e o desenvolvimento do conceito das emoções na criança. Diante do exposto, são objetivos da pesquisa:

**Objetivo Geral:** Analisar o processo de desenvolvimento do conceito das emoções nas crianças de 3 a 4 anos de idade por meio de mediações a partir literatura infantil em meio a pandemia da covid-19.

**Objetivos Específicos:**

- Entender como as crianças representam suas emoções através da verbalização, desenhos, diálogos com as famílias;
- Identificar nos relatos dos familiares, via WhatsApp, como as crianças estão significando as suas emoções; e
- Compreender por meio do olhar das famílias e relatos e narrativas se as sugestões das atividades modificaram o processo de significação das emoções nas crianças.

Desta maneira, este trabalho está organizado em 5 capítulos. O primeiro refere-se sobre a formação do sujeito nas teorias Histórico-cultural de Vygotsky e de Mikhail Bakhtin. No capítulo 2, destacamos o desenvolvimento do conceito de emoções na criança de 3 a 4 anos na perspectiva de Vygotsky (2004), Mayer, J. D., & Salovey, P. (1999). No capítulo 3 destaca-se a importância do uso da literatura infantil para nomeação das emoções, aprendizagem e desenvolvimento emocional na criança. No capítulo 4, a relação escola e família no desenvolvimento da criança em meio à pandemia de Covid-19 e diferentes usos de ferramentas da tecnologia como meio de comunicação. No capítulo 5, temos o contexto da pesquisa, seu percurso metodológico, as análises e as considerações finais.

## 2 CAPÍTULO 1

### 2. 1 A formação do sujeito nas teorias Histórico-cultural de Vygotsky e de Mikhail Bakhtin

A formação do sujeito, segundo a teoria Histórico-cultural , se dá nas relações sociais e experiências de mundo as quais o sujeito vive. Segundo Vygotsky (2001) mentor desta Psicologia sociocultural, o desenvolvimento do ser humano se dá na interação com o meio social. O conhecimento é fruto das interações que o sujeito estabelece como seu meio sociocultural.

Segundo o princípio da teoria Histórico-cultural, o ser humano desde o nascimento, a partir das relações sociais se apropria dos signos linguísticos construídos naquele âmbito social e se constitui como tal por intermédio desta relação. Nos construímos como seres humanos a partir de uma dada cultura social.

Uma criança, desprovida de contato social, como se desenvolverá? Para Vygotsky, o desenvolvimento do ser humano se dá pela inter-relação das funções biológicas e sociais. Para o teórico, o desenvolvimento biológico depende da herança natural da espécie humana. Faz parte desta herança o que Vygotsky denominou de funções psicológicas superiores.

As funções psicológicas são caracterizadas por Vygotsky como elementares, que são funções mentais de caráter biológico que caracterizam o comportamento da consciência humana como a memória, percepção, pensamento, atenção, são marcas pelo imediatismo e por meio da percepção; e superiores, que através da sociointeração e mediação social por meio de signos e instrumentos o sujeito desenvolve seus pensamentos, ações, vontades intermediadas pelo meio social.

Para Oliveira (1997, p. 23), o desenvolvimento das funções superiores acontece pelo aparato biológico, ou seja, as estruturas mentais em conjunto com o social, na relação entre sujeito e mundo mediada por sistemas linguísticos que organizam e moldam o pensamento.

Para Vygotsky (2001), o indivíduo se (trans)forma nas relações socioculturais e por meio das diversas experiências. As interações socioculturais moldam a forma de pensar e agir

do indivíduo, inclusive comportamento, emoções. O pensamento é moldado por questões ambientais e externas que o sujeito tem contato. A linguagem tem a função de estruturar e organizar os sentimentos, pensamentos. Pela mediação da linguagem é que o homem consegue se posicionar no mundo.

Para Oliveira (1997),

[...] o processo de mediação, por meio de instrumentos e signos, é fundamental para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, distinguindo o homem dos outros animais. A mediação é um processo essencial para tornar possível atividades psicológicas voluntárias, intencionais, controladas pelo próprio indivíduo (OLIVEIRA, 1997, p. 33).

Essa mediação do ser humano com o mundo social que pode ocorrer por diferentes tipos de signos como linguagem verbal, gestos, de imagens etc, é o que nos torna seres tipicamente humanos, pois com o uso destes signos conseguimos nos posicionar, agir, pensar e dar significado ao mundo que nos cerca.

Para Vygotsky (1994), é nesta mediação com o mundo exterior que o ser humano se desenvolve. No processo sociointerativo é que ocorre a internalização dos modos de pensar e agir de uma dada cultura. Esta internalização de signos e instrumentos é constante e é um processo que se inicia desde o nascimento.

A partir das interações com os adultos, as crianças em suas brincadeiras, no cotidiano, vão se apropriando das diferentes formas de pensar e agir que vão sendo progressivamente internalizadas e se tornam seu modo de pensar. Segundo esta abordagem vygotskyana existe a Lei do duplo desenvolvimento, na qual todas as funções no desenvolvimento da criança acontecem duas vezes: uma no nível interpsicológico (entre as pessoas) e outra no nível intrapsicológico (no interior da criança).

No nível intrapsicológico é que ocorre a compreensão de determinada realidade do mundo. O sujeito reconstrói determinada realidade com sua interpretação subjetiva. O sujeito não é um ser passivo que somente recebe algo das relações externas, mas um sujeito atuante sobre o mundo e que age nas relações sociais, transformando e construindo o seu pensamento.

Para Bakhtin (1992), é pelas relações sociais que a linguagem e o pensamento se constituem. Nas trocas de diálogos o sujeito se reflete no outro, e assim coloca sua visão de

mundo daquele contexto conversacional. Pelas trocas de experiências de mundo, de falas, o sujeito se constitui e, também, se altera constantemente. Isto é o que Bakhtin chama de alteridade, ao mesmo tempo em que o sujeito se constrói nas relações ele, também, se altera, colocando sua visão de mundo. Nos constituímos através das interações, das palavras e, assim, nos alteramos pelas trocas de experiências, culturas e vivências distintas. É pelo outro, pelo olhar do outro, que o eu se constitui.

Na interpretação e compreensão de um determinado diálogo, a palavra do outro está sempre presente. Na filosofia de Bakhtin, a noção de alteridade são as diferentes vozes, culturas, ideologias que se relacionam e moldam nosso pensamento. A palavra é carregada de ideologias, visões de mundo, culturas. A identidade do sujeito se forma e se transforma a partir das diferentes visões de mundo, opiniões, pensamentos que constroem a consciência do indivíduo.

Na perspectiva Vygotskiana, o sujeito só se desenvolve em meio social, perante suas vivências e mediações culturais, históricas que o moldam e transformam seu modo de pensar. A linguagem que é formada social, cultural e historicamente nos torna seres pensantes e com emoções, nos diferenciando dos animais. O cérebro humano é desenvolvido por aspectos históricos e sociais.

Para Luria (2001) temos as características fisiológicas do humano que influenciadas pelo meio cultural e social, alteram os fatores psicológicos e comportamentais do sujeito. Esses comportamentos são mediados pelo homem através de instrumentos, como a linguagem, símbolos, com o intuito de modificar as ações humanas.

A linguagem é a mediação entre homem e mundo, responsável pelo desenvolvimento cognitivo humano, regulação do comportamento e representação da realidade que o sujeito vive sob pensamento abstrato e generalizante. Dessa forma, a cultura e sociedade que o sujeito habita é que fornece subsídios para entender uma determinada realidade. O sujeito internaliza a linguagem social (interpsicológico) e, depois, passa ao nível individual (intrapicológico) havendo interpretação do homem das diferentes experiências que vivenciou e dos distintos diálogos que presenciou.

De acordo com Mello (1999), para o desenvolvimento da inteligência e personalidade humana é fundamental, durante a infância, contato com adultos e outras crianças, diferentes

experiências culturais e sociais que constroem ligações neurais necessárias para o desenvolvimento cognitivo, do pensamento e consciência humana. Assim, é na e pelas relações com os outros que o indivíduo se forma e internaliza uma determinada linguagem estabelecida culturalmente.

Vygotsky defende a teoria de que as qualidades tipicamente humanas (funções psicológicas superiores) se formam a partir das práticas sociais, culturais e históricas de uma sociedade, o que nos diferencia dos animais que reagem somente a funções psicológicas inferiores (instintivo). Em cada experiência do mundo, relações sociais e culturais contribuem para formação das funções psicológicas superiores, ou seja, qualidades que nos torna humanos, como emoções, sentimentos, raciocínio lógico etc. Para Vygotsky o desenvolvimento da criança é marcado por evoluções, não é algo linear e, sim, por traços interfuncionais. Nesse processo surgem as crises, que tem função primordial para o desenvolvimento humano.

A crise dos três anos, segundo Vygotsky, é marcada pelo negativismo, desobediência, e as crianças são contestadoras e sentem a vontade da independência. Aos três anos a criança se espelha nos pais, familiares, e muitas vezes assume papéis dos adultos em brincadeiras. Nesse momento existe uma etapa de desenvolvimento marcada por transformações da criança em busca de sua personalidade e papel na sociedade. O ambiente que a criança vivencia e suas experiências sociais, culturais são formadores de sua consciência e subjetividade.

Vygotsky ressalta a importância das relações sociais, culturais para a formação do indivíduo, tendo em vista que são nelas que a gênese das funções individuais se origina. É pela coletividade, os diferentes acontecimentos na história que faz com que o sujeito se modifique e (re)construa sua subjetividade. A linguagem, como mediadora entre homem e mundo, tem a função de regular nossas ações e comportamentos, além de transformar a consciência humana.

Segundo Bakhtin (1992) e Vygotsky (2004), vemos a extrema importância das interações sociais para constituição do ser humano como tal. Um ser pensante que, em posição com outros falantes, coloca através da linguagem, da palavra, suas ideologias, visão de mundo, experiências culturais.

## 2. 2 A linguagem como constituidora das interações e da consciência

Para Vygotsky (1994), o primeiro contato da criança com a linguagem é no ambiente familiar. É pela relação familiar que a criança começa a construir e moldar sua consciência. É pela mediação do adulto através da linguagem, que o infante começa a adquirir a fala. Ela começa a utilizar gestos, desenhos, algumas palavras que estão sendo construídas e desenvolvendo seu pensamento.

Na concepção de um sujeito que se desenvolve na e pelas relações sociais, o conhecimento é fruto deste processo de interação. Pela mediação do outro o sujeito se altera e se transforma, sendo capaz de modificar sua consciência.

Nas interações o sujeito toma a palavra para expressar sua visão de mundo que é marcada histórica e ideologicamente, carregada de princípios culturais e sociais que, quando interiorizada a palavra, revela-se a subjetividade de cada sujeito e experiências de mundo.

Para Bakhtin (2003), a palavra é carregada de ideologia, história, experiências e medeia a interação sujeito-mundo. Bakhtin explica que a palavra é interior quando é ligada à subjetividade do sujeito e sua mente, ou seja, a visão de mundo daquele indivíduo. Depois, a palavra no caráter social, caracteriza-se com as diferentes formas de verbalização entre os sujeitos.

Por meio das relações sociais, culturais, a palavra adquire diferentes sentidos ideológicos, com distintas experiências de mundo. Assim, a palavra é que dá vida ao pensamento, à consciência, em que permeia as culturas e ideologias de cada comunidade linguística. A palavra é responsável pela formação da consciência. Sem ela, como pensaríamos? O social é fundamental para construção da consciência, para o sujeito se colocar no mundo e refletir sobre seu modo de ser. É pelas trocas de diálogos, interação que interpreto o mundo.

Bakhtin explicita que (2003, p.341), “ser significa ser para o outro e, por meio do outro, para si próprio”. Nos constituímos como sujeitos na e pelas interações sociais, culturais, transformando nosso modo de pensar e agir

Tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, chega do mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros (da minha mãe, etc.), com a sua entonação, em sua tonalidade valorativa emocional. A princípio eu tomo consciência de mim através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e a tonalidade para a formação da primeira noção de mim mesmo” (BAKHTIN, 2003, p.373- 374).

Sobre a formação da consciência, Bakhtin (2003) usa o conceito de *exotopia* para explicar que a consciência do ser humano só se constitui em meio às relações sociais. Nós, como sujeitos, isolados de uma determinada cultura, de uma língua, como vamos formar nossa consciência? São nas trocas dialógicas, nos discursos que eu construo, me altero. Minha palavra precisa do outro para me tornar um sujeito pensante. A palavra tem valores sociais, ideológicos e expressam a maneira de ver o mundo.

Segundo Vygotsky (1924/2004), a palavra possui significados diversos e que, em determinado contexto de comunicação, o sujeito a utiliza de acordo com suas vivências, com as emoções e necessidades que motivaram a sua escolha. Podemos dizer então que a consciência se transforma a partir de aspectos sociais e do cognitivo do sujeito. Sua transformação implica em motivações mediadas por características biológicas, ou seja, do âmbito cognitivo e, por intermédio de sentidos e significados construídos socialmente através da mediação pela palavra.

Vygotsky (1924/2004) cita três características para constituição da consciência: o pensamento, o afeto e a motivação. O pensamento, segundo o psicólogo, é entendido como um conjunto de reflexos, ou seja, a consciência (pensamento) enquanto parte do aparato biológico que, o sujeito em contato com o mundo externo mediado por signos ideológicos, transforma sua consciência.

A relação com o outro, com o meio social é fundamental para construção do conhecimento e do autoconhecimento. Nessa concepção, o sujeito é uma conformação de sistema de reflexos - a consciência, partindo do aparato biológico, na qual o ambiente sociocultural tem a função de construir o pensamento, formas de ver o mundo.

Vygotsky (1924/2004) referiu-se à consciência enquanto reflexividade, capacidade do ser humano fazer reflexões de si mesmo e de compreender sua realidade através da palavra.

O sentimento (afetos) e a vontade (motivação) também fazem parte do entrelaçamento dos sistemas de reflexos, pois o sujeito ao optar por determinado significado de uma palavra,

a escolhe com base em seus sentidos pessoais, e vontade (motivação) de sua utilização. Vygotsky ressalta que o conceito de uma palavra é o responsável pela (trans)formação da consciência.

O sentido é parte psicológica da consciência que só o conceito da palavra tem a função de suscitar. O conceito da palavra é base para formação da consciência e, também, modificação. Assim, leva-se em consideração que o pensamento se origina através das relações sociais. Sem linguagem e interação, não existiria pensamento.

Com isto abordamos um aspecto na natureza da palavra cujo significado ultrapassa os limites do pensamento como tal e em toda a sua plenitude só pode ser estudado em composição com uma questão mais genérica: a palavra e a consciência. Se a consciência, que sente e pensa, dispõe de diferentes modos de representação da realidade, estes representam igualmente diferentes tipos de consciência. Por isso, o pensamento e a linguagem são a chave para a compreensão da natureza da consciência humana (VIGOTSKI, 2000, p. 485).

Para Vygotsky o sujeito (1924/2004) é pela experiência de mundo de cada sujeito e destas trocas de experiências que o indivíduo desenvolve. Desse modo, ao dizer uma palavra, o sujeito parte do sentimento e da motivação de seu uso. A vontade tem o caráter de impulsionar a escolha de determinado conceito em que o sujeito se apodera de uma palavra por meio de uma vontade de expressar seu pensamento. O conceito foi construído inicialmente no social, para quando o sujeito internaliza e torna a palavra sua, transformando sua consciência.

Dessa maneira, a consciência é construída a partir das palavras que estão carregadas de ideologias e sentidos constituídos socialmente e que o sujeito compreende segundo sua realidade social e cultural. Vygotsky (1924/2004) pontua que a consciência é responsável por filtrar o mundo, uma realidade em que o sujeito consegue atuar sobre ela. O sujeito, através dessa realidade, consegue se encontrar em um determinado contexto social e refletir sobre seus pensamentos o modificando constantemente.

Desse modo de se construir a consciência através da interação social, retomamos o conceito de Bakhtin de *exotopia* a fim de ressaltar que o pensamento se constitui na relação entre os sujeitos. Diz o autor que do mesmo modo que a minha visão de mundo, pensamento, consciência precisa do outro, minha palavra precisa também da interação para ter sentido:

Esse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha posse – excedente sempre presente em face de qualquer outro indivíduo – é condicionado pela

singularidade e pela insubstituibilidade do meu lugar no mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim (2003, p.21).

Com base nas teorias de Vygotsky e Bakhtin podemos dizer que o sujeito se revela pelo discurso do outro. Uma determinada pessoa, com sua visão de mundo, experiências sociais, pode mediar, com suas palavras algo que o outro sujeito não conheça, com isso se constrói pensamentos e saberes. Portanto, a (trans)formação da consciência é efeito desse compartilhamento de saberes e experiências de mundo entre sujeitos, em que se instaura a linguagem que permite o indivíduo conhecer e decifrar mutuamente sua consciência e a do outro.

Vygotsky (1994/2004), relata que o ambiente em que vivemos tem papel fundamental no desenvolvimento da consciência da criança. O desenvolvimento do pensamento, de sua consciência ocorre de fora para dentro. Assim, nesse processo interacional entre social e intersubjetivo ocorre a internalização da palavra, ou seja, que permite absorver o conhecimento vindo do contexto, das experiências de mundo em que o sujeito internaliza e compreende segundo suas ideologias.

A internalização, segundo Vygotsky (1999, 2001b, v.2), é esse processo de fora (social) para dentro (psíquico). A criança, em determinado ambiente social, internaliza as palavras tornando-a sua e assim, desenvolvendo seus pensamentos e consciência. O autor, diz que a linguagem externa (social) tem o papel de subsidiar a criança para que ela construa sua fala e tenha capacidade de se comunicar. No momento da internalização a linguagem social organiza e estrutura a mente humana, com os conceitos construídos socialmente. Nessa organização da mente, a linguagem se torna *egocêntrica*, que a palavra tem a função de regular e organizar o comportamento e ações da criança, porém ainda está na forma da palavra social.

Na relação com a criança, o adulto ao usar a palavra dá a ela conceitos construídos social e culturalmente. A todo momento a criança observa o que as pessoas falam, o mundo ao seu redor, como o dizem, o que fazem. Ela, então, internaliza essas palavras e as transforma em sua propriedade. Para isso, ela recria, dentro de si, as conversações e demais interações observadas, não como um ser passivo, mas, sim, como um ser pensante e que tem

autonomia.

Assim, segundo Vygotsky, o conhecimento por parte da criança, passa necessariamente pela mediação do outro. O papel do adulto como mediador é fundamental para o desenvolvimento da criança. A educação entra também com um papel de extrema importância para esta teoria, uma vez que a considera

(...) o traço distintivo fundamental da história do pequeno ser humano. A educação pode ser definida como sendo o desenvolvimento artificial da criança. Ela é o controle artificial dos processos de desenvolvimento natural. A educação faz mais do que exercer influência sobre um certo número de processos evolutivos: ela reestrutura de modo fundamental todas as funções do comportamento (Vygotsky, 1994: 45).

Consequentemente, os adultos, professores, são os principais mediadores que podem ajudar a ampliar o conhecimento da criança. Dessa forma, sempre que há algum tipo de troca, há aprendizagem e desenvolvimento.

Com relação ao desenvolvimento da consciência, Vygotsky (1994/2003) nos apresenta dois níveis, o desenvolvimento real e o proximal. A zona de desenvolvimento real refere-se às etapas já alcançadas pela criança e que permitem que ela solucione problemas de forma independente e a zona de desenvolvimento proximal é um conjunto de atividades ou tarefas que a pessoa realiza com o auxílio de alguém mais experiente. Segundo a análise de Vygotsky (1994/2004), a aprendizagem acontece pelo elo intermediário entre as zonas real e proximal, que faz com o desenvolvimento intelectual, da consciência se concretize. O contato que a criança faz com a ajuda de alguém hoje – nível de desenvolvimento proximal – se tornará o nível de desenvolvimento real, sendo capaz de realizar sozinha. Mas para que o desenvolvimento aconteça é necessário a mediação de um adulto, professor, pai ou mãe, para que a consciência e aprendizado se desenvolvam de forma eficaz.

Para Luria (1979) o desenvolvimento da consciência na criança vai além de uma simples maturação neurológica, depende da influência constante da linguagem e relações sociais entre criança e adultos que levam a formação de sua fala. Esta comunicação é fundamental para reorganizar e estruturar a consciência da criança. Com a linguagem, a criança é capaz de refletir sobre o mundo circundante e formar sua própria linguagem, modificando sua percepção de mundo. Luria ressalta que é com base na linguagem que o homem regula suas próprias ações sobre a sociedade, cultura que vive. Embora no começo a

linguagem entre adultos e crianças seja uma forma de comunicação, gradualmente transforma a consciência da criança e organiza suas ações e atividades psicológicas.

A consciência em Vygotsky (1924/2004) surge com o conceito de uma palavra. Esse significado/conceito, criado social e culturalmente são interpretados a partir das experiências de mundo que o sujeito obteve. Esses conceitos são convertidos em sentidos pessoais, particular de cada pessoa, de acordo com as emoções e necessidades que motivaram o uso da palavra. Dessa forma, o sentido despertado pelo uso de determinada palavra revela eventos na consciência e é base para sua formação. Assim, a consciência se forma socialmente, pois o conceito da palavra serve para comunicação e regulação de comportamento de ações do ser humano.

Para Wallon (1993) a consciência no ser humano se constrói através das relações sociais e experiências pessoais que a pessoa tem com o meio. O bebê, por exemplo, ao nascer age de maneira impulsiva, com limitações pela falta de maturação neurológica, porém consegue se expressar emocionalmente, ao chorar, por exemplo. Com o tempo e relações com os adultos, o bebê começa a perceber que seu choro desperta uma ação no adulto e com isso consegue organizar suas emoções e comportamentos.

À medida que as emoções como choro, raiva, sono vão se aperfeiçoando, o bebê consegue controlar seus movimentos, torná-los expressivos e utilizá-los a seu favor vai construindo a consciência de si e do seu redor. Dessa forma, Wallon (1993) relata que o desenvolvimento motor e mental estão interligados e que a consciência é fruto desta maturação motora com relação às experiências pessoais de cada pessoa.

Vygotsky e Luria defendem a ideia de que a formação da consciência no homem se dá histórica e socialmente. A construção da capacidade de pensar não se reduz somente a aspectos fisiológicos, mas, também por intermédio das relações sociais e culturais que o sujeito vivencia. A atividade consciente humana tem suas origens na evolução da sociedade e transmissão de conhecimento através da história.

Luria ressalta que o trabalho da Psicologia deve ser de “estabelecer as leis da sensação e percepção humana, regular os processos de atenção e memorização, de realização do pensamento lógico, formação das necessidades complexas e da personalidade, considerando todos estes fenômenos como produtos da história social”, contudo "sem separar este estudo da

análise dos mecanismos fisiológicos que lhes servem de base". (Luria, 1979, p. 7), ou seja, os mecanismos fisiológicos interligados com a história, sociedade e cultura. Deve-se estudar o comportamento do homem e sua formação por características fisiológicas e por sua experiência sociocultural. Dessa forma, o comportamento humano não se explica somente pelas relações socioculturais, mas também por via hereditária, características biológicas, e pela influência da experiência passada do próprio sujeito.

Assim, Luria e Vygotsky, compreendendo o homem como ser social, histórico, sem desprezar a fisiologia, hereditariedade, afirmam que a consciência se forma em caráter social, porém sem negligenciar suas bases fisiológicas e hereditárias do indivíduo.

Dessa forma, antes mesmo de adentrar em um ambiente escolar, a criança desenvolve seu potencial a partir das interações sociais, familiares e ambientes estimuladores em que adquire determinado conhecimento. Vimos como a interação social e o contato com o mundo externo é fundamental para construção e desenvolvimento da consciência. A palavra, como mediadora entre homem e mundo externo, interno, é responsável pela concepção do pensamento crítico, subjetivo do sujeito, o qual a utiliza para expressar suas visões e experiências de mundo.

A criança, por intermédio de estímulos sociais, culturais se torna um ser pensante, um sujeito com consciência sobre determinado âmbito social que vive. Para Vygotsky, o sujeito é constituído e modificado pelas relações socioculturais, pois a consciência se (trans)forma a partir das interações com o mundo externo. É um processo de mediação da linguagem social que se torna intrapessoal.

Em suas relações sociais, intermédio com o mundo que vive, a criança possui arcabouço comunicacional, conhecimentos que foram adquiridos informalmente nestas relações. Na escola, inicia-se o processo de se trabalhar determinados conteúdos formais onde uma gama de conhecimentos deve ser aprendida pela criança.

As interações que acontecem, principalmente entre professor e aluno, visam um objetivo maior que é promover o conhecimento e desenvolver habilidades antes não aprendidas. Desta forma, a professora como mediadora do conhecimento tem o papel de orientar a criança na sua atenção, buscando elementos que considera importantes para estimular a compreensão de determinados conhecimentos. Analisa situações com a criança, levando-a refletir sobre determinado conteúdo. Estas ações levam a criança a aprender

significados, constroem pensamentos e formas de agir sobre diversas situações. A criança consegue organizar suas estruturas mentais a partir do que foi refletido e aprendido em sala de aula.

O papel do professor como mediador do conhecimento é fundamental para construção do desenvolvimento dos conceitos emocionais na vida da criança. O professor contribui com o novo aprendizado, dando informações, pistas que a criança ainda não conhecia, interferindo no desenvolvimento proximal, que contribui com processos de elaboração e desenvolvimento que não aconteceriam individualmente.

Portanto, o meio de comunicação, a linguagem é o mediador de conhecimento entre professor e aluno no ambiente escolar é responsável por desenvolver e estruturar o pensamento da criança. A consciência se desenvolve e se transforma por intermédio das relações sociais. O indivíduo se desenvolve e aprende novas habilidades por meio do ambiente sociocultural que vive, por mediadores externos como signo linguístico, pessoas, instrumentos etc. Pelas trocas interacionais entre adultos, criança, ambiente escolar, por esta relação entre mim e o outro é que se constrói a consciência e o desenvolvimento emocional.

A partir destas vertentes teóricas da Linguística de Bahktin e Psicologia (Vygotsky e outros), buscou-se verificar como a linguagem, a nomeação das emoções contribui para o desenvolvimento emocional da criança e mostrar, a partir destas teorias, a importância de um trabalho sistematizado de projetos pedagógicos que visem desenvolver habilidades emocionais nas crianças. Projetos que auxiliem as crianças a nomearem, compreender as emoções, ajudarão em sua formação emocional e social ao longo da vida. O desenvolvimento do conceito de emoções na infância é fundamental para se construir habilidades intelectuais e emocionais nas crianças e é isso que vamos ver no capítulo a seguir.

## 3 CAPÍTULO 2

### 3.1 O meio social, histórico, cultural e as emoções na criança de 3 a 4 anos

A linguagem como reflexo do mundo, vivências do sujeito sobre uma cultura, mostra como somos moldados pelas práticas sociais em que estamos inseridos. Ao utilizar a linguagem, a palavra para expressar seus sentimentos, o indivíduo por meio de seu conhecimento de mundo, ideologias, reflete, no significado da palavra, sua própria concepção sobre determinado conteúdo.

Como instrumento de comunicação, há elementos na linguagem que o sujeito considera no momento da fala como emissor e receptor. A escolha da palavra leva em consideração os sentimentos do sujeito no momento interacional com o outro; sentimentos que o indivíduo deseja expressar pela palavra. É na e pela interação que o sujeito constrói seu discurso.

Segundo Vygotsky (1998), nos constituímos como sujeitos na e pela linguagem e nas relações uns com os outros que se apropriam das diferentes formas de pensar, influenciados pela comunidade em que se vive. Por meio da linguagem, da sociointeração que conceitos são formados. Conceitos esses que são influenciados pelo contexto social e situacional.

Na interação entre professor e aluno, a palavra dita para demonstrar determinado conhecimento tem que apresentar um conceito que a criança conheça, de seu ambiente social, familiar para que ela consiga assimilar e compreender o que o professor diz. Para Vygotsky (1998), para o aprendizado acontecer, necessita de mediação do outro para que ocorra a construção do conhecimento daquilo que não conheço. O professor tem a função de trabalhar com questões que a criança esteja familiarizada para que possa se consolidar e estruturar as novas aprendizagens. O ensino, para Vygotsky, se baseia em apresentar ao aluno conhecimentos que ele ainda não sabe e não consegue aprender sem o devido auxílio. E é justamente isto que Vygotsky chama de “zona de desenvolvimento proximal”, como mostramos na página 22, que seria o conhecimento que a criança já possui antes de adentrar

ao ambiente escolar, com novos conceitos que ela pode aprender com a ajuda de um adulto.

No processo de interação, quando se relaciona com o adulto, a criança constrói o pensamento, as significações e os usos das palavras. Todos os dias, em diferentes ambientes sociais, a criança observa o que as pessoas dizem, o que fazem. Ela, então, internaliza e o transforma em sua propriedade. Para isso, ela recria, dentro de si, as conversações e demais interações observadas.

A linguagem, vista e compreendida de modo amplo, constitui-se uma expressão do nosso ser e pode ser manifestada por diferentes formas, não apenas pela fala e escrita, mas também pelo corpo, por sinais, por códigos, por imagens, pela voz, pelos gestos e pelo olhar.

Para Bakhtin (1992), a língua é resultado do trabalho constante das trocas interacionais entre sujeitos de diferentes etnias e culturas. A nossa consciência se origina por conta das diferentes visões de mundo, ideologias perpassadas pela palavra e seu conceito. Portanto, a língua só existe pelo resultado das relações sociais, históricas e culturais.

Desse trabalho da linguagem entre os falantes, Bakhtin ressalta que “a compreensão de uma fala viva de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa” (BAKHTIN, 2003, p. 290), em que o ouvinte compreende o significado do diálogo

concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão, desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor (BAKHTIN, 2003, p. 290).

Bakhtin (1992, p.90) destaca que a linguagem é viva e que a historicidade, ideologia, diferentes pensamentos é que a constituem. A palavra e a construção de seu conceito são baseadas nos fatores da realidade em que se vive, da cultura da comunidade linguística. Assim, o conceito de uma palavra é imerso de contexto histórico e social.

Tal consideração é essencial no ambiente escolar, em que a relação professor e aluno deve ser construída com base nos conhecimentos que essa criança já possui e, respeitar sua história e experiência. O professor precisa valorizar a criança, sua fala, e a encorajar a desenvolver e aprender novos conceitos que ainda desconhece.

Para Geraldi (1992), o professor precisa levar em consideração os diversos aspectos

contextuais, sociais e culturais para ensinar o aluno. Ensinar a linguagem ou se comunicar partindo de um princípio mecanicista é desconsiderar todo processo construtivo de uma língua. Como Bakhtin enfatiza, a língua está em constante construção pois surge do processo interativo, das relações entre sujeitos, suas histórias e culturas distintas. Nossa consciência se aflora e resulta desse constante trabalho comunicativo dos sujeitos. Os sujeitos se completam e se constroem uns com os outros dentro de um contexto social e histórico.

Ao usar uma palavra para expressar seu pensamento, o sujeito parte do conceito dela. Esse conceito ou significado é construído socialmente e internalizado na memória de cada pessoa partindo do princípio ideológico, das experiências deste sujeito. A palavra amor, por exemplo, pode ter diferentes significados para cada indivíduo, pois na construção do conceito da palavra amor, leva-se em conta a cultura, sociedade que o sujeito vive.

Os conceitos são formados por características dos elementos, objetos do mundo real, que são denominados pelos próprios indivíduos de acordo com sua cultura e vivências. Mas como os conceitos se formam na consciência humana?

Para Vygotsky (1993), a formação do pensamento por conceitos ocorre de três formas: pensamento *sincrético*, pensamento por *complexos* e pensamento por *conceitos*.

No pensamento sincrético, a criança, por volta de seus 3 anos, não compreende ainda o conceito real da palavra, ela parte do concreto. Em seu pensamento predominam objetos vagos e desiguais. Em um contexto de interação entre criança e adulto, ambos se entendem pois partilham de um mesmo conjunto de palavras, mas que para o adulto são significações abstratas e para criança são características concretas, o sentido real da palavra não está desenvolvido.

Por exemplo, se o pai é alto, a criança pode fazer um risco grande para representá-lo, mas baseado nas impressões da criança em relação a seu campo visual. Ela ainda não consegue apreender o significado real da palavra. "(...)Vygotsky conclui que o conceito em si e para os outros existe antes de existir para a própria criança, ou seja, a criança pode aplicar palavras corretamente antes de tomar consciência do conceito real" (Der Veer & Valsiner, 1996, p.291). Nesse sentido Vygostky, ressalta novamente a importância da interação, pois o conhecimento é formado primeiramente na parte inter-cognitivo (relação social) para depois organizar e estruturar a mente humana e tornar-se intracognitivo (estrutura mental).

O pensamento por *complexos*, a criança consegue estabelecer relação entre coisas, pessoas concernentes ao objeto, além das impressões subjetivas. Em relação ao pensamento por complexo, Vygotsky (2000) ressalta que a criança não faz mais comparações incoerentes entre palavra e objeto, agora consegue assimilar a palavra ao seu conceito do mundo real. E no processo de desenvolvimento do pensamento por complexo, Vygotsky (2000) ressalta que possui cinco tipos: o *associativo*, por *coleção*, em *cadeia*, *difuso* e o *pseudoconceito*.

No pensamento associativo a criança centra-se a um determinado objeto em que observa suas semelhanças, tendo como referência algum ponto em comum. Por exemplo, se pedirmos para que a criança nessa fase junte caminhões de brinquedos que se assemelham, em meio a tantas formas de caminhões, talvez ela inclua um fusca, pois compreende como referência ou ponto em comum o termo carros.

Nessa fase, a criança denomina um objeto pelo seu significado geral, ou seja, ao denominar todos objetos de carros pela sua semelhança, ela está categorizando de uma forma geral aquele objeto, pois ainda não possui palavras que nomeiem os outros conceitos e que possa fazer as devidas abstrações e identificar as diferenças dos objetos.

O pensamento por *coleção* a criança consegue observar que existem semelhanças e diferenças nos objetos. Neste tipo de pensamento a criança identifica alguns contrastes e distinção entre as coisas. Utilizando o exemplo anterior a criança identifica os carros de modelos e cores diferentes.

No pensamento em *cadeia*, existe uma relação entre o objeto e o grupo que pertence tendo como referência alguma particularidade do objeto citado, em que o conceito de uma palavra cabe na outra. Por exemplo, a criança utiliza a palavra flor para dizer que é linda como uma flor, com o intuito de falar de sua beleza. Em outro contexto utiliza a palavra flor denominando o próprio objeto.

No complexo *difuso*, a criança se baseia em suas experiências reais e liga os objetos de maneira vaga e indefinida. É marcado pela impressão que a criança tem de algum objeto. Por exemplo, se uma maçã cai de uma árvore e o adulto questiona a criança o porquê da maçã ter caído. A criança responde que um passarinho que pegou a maçã e a derrubou. Ao pensar logicamente isto não seria possível, pois um passarinho não teria a capacidade de carregar uma maçã.

O *pseudoconceito* é o intermédio entre o pensamento por *complexos* e o conceito real da palavra, ligado à realidade. De acordo com Vygotsky:

O pseudoconceito serve de elo de ligação entre o pensamento por complexos e o pensamento por conceito. É dual por natureza: um complexo já carrega uma semente que fará germinar um conceito. Desse modo, a comunicação verbal com os adultos torna-se um poderoso fator do desenvolvimento dos conceitos infantis. (2000, p.85-86)

A criança adquire os *pseudoconceitos* pelos seus significados que foram sendo construídos gradativamente a partir da interação comunicacional com seus familiares e ambiente que vivencia. Ao escolher uma palavra para expressar seu pensamento, a criança terá como base a significação do pensamento do adulto. Porém o adulto não consegue passar para a criança o seu pensamento sobre determinada palavra, então, a criança, por sua própria interpretação forma seu pensamento a partir da interação com o outro e de seus conhecimentos prévios.

Em um diálogo entre adultos e crianças, a criança utiliza palavras que ainda desconhece o conceito real. Esse conceito que é desenvolvido socialmente, portanto ideológico, só será desenvolvido pelo elo intermediário palavra, contexto, cultura e sociedade. Para Vygotsky (2000) cada palavra nova que a criança aprende (trans)forma sua consciência e constrói novos conhecimentos. Portanto, a mediação pela linguagem entre adultos e crianças é indispensável para o desenvolvimento da consciência.

Nas etapas iniciais da aquisição da linguagem pela criança, Vygotsky (1999) mostra que quando a criança está aprendendo os signos linguísticos, os quais para ela são conceitos que estão ligados aos objetos da realidade objetiva e que é ligado a memória imediata, quando se apropria da palavra e de seu conceito sua memória também se modifica, tendo a capacidade de abstrair as palavras. Esse processo nos mostra como o aprendizado dos conceitos pela criança é responsável por modificar e organizar sua consciência, e faz com que o indivíduo consiga abstrair e utilizar as palavras e seus conceitos em diversos contextos.

Nesse sentido o pensamento por conceitos se forma na criança quando ela consegue empregar determinado significado da palavra em diferentes contextos. É quando a criança é capaz de generalizar o uso da palavra e utilizá-la em diferentes contextos. Nesse processo de percepção do uso da palavra em diferentes contextos é que ocorre a abstração.

No desenvolvimento de conceitos, a criança interage com os objetos que são categorizados socialmente. A linguagem é então internalizada e (re)organiza a sua consciência segundo cada categoria social e culturalmente construída como fonte de conhecimento.

Segundo Vygotsky (2000) o pensamento por conceitos pode ser dividido em *cotidianos* e *científicos*. O conceito cotidiano é desenvolvido no decorrer da vida prática, das interações com o mundo, com a cultura, vivências de cada um.

Na formação dos conceitos *científicos* a instrução de um adulto entra em campo. O professor parte de conceitos prévios da criança (conceitos cotidianos) e trabalha com eles partindo de um ensino científico para concretizar o aprendizado.

Vygotsky (1993) relata que os conceitos *científicos* e *cotidianos* se desenvolvem de formas distintas, o *cotidiano* se forma em nosso dia a dia e o conceito *científico* com base escolar. Porém, ambos se entrelaçam e se relacionam para construção do conhecimento e, conseqüentemente, da consciência. “O desenvolvimento dos conceitos espontâneos é ascendente, enquanto o desenvolvimento dos seus conceitos científicos é descendente” (VYGOTSKY, 1993, p.93). Isto ocorre pelas diferentes formas de aprendizagem que decorrem dos dois tipos de conceitos.

Na formação do conceito *cotidiano* a palavra é aprendida através da experiência concreta do objeto. No ambiente familiar, com os diálogos a criança começa a conhecer e entender o objeto ao qual pronuncia, porém ainda não compreende por completo o conceito daquela palavra em sua mente, tendo assim dificuldade para expressá-lo em palavras. No desenvolvimento do conceito *científico* a instrução e aprendizagem de um ensino formal desempenham um papel fundamental na sua aquisição. O adulto, professor, ao instruir uma criança dá a ela subsídios suficientes para compreender e aprender os conceitos científicos que são fundamentais para adquirir novos conhecimentos.

Vemos a importância da intervenção do adulto para a construção de conceitos na estruturação da consciência da criança, principalmente para o desenvolvimento dos conceitos *científicos*. A intervenção do adulto como mediador do conhecimento provoca avanços intelectuais que não aconteceriam sozinhos.

Luria (1976) ao falar sobre linguagem e pensamento, atribui ao professor uma importância significativa no processo de aprendizado. As relações com colegas de sala, professor, trabalhos em ambiente escolar que visam estimular a linguagem propicia

transformações fundamentais nas estruturas mentais da criança, desenvolvendo-se áreas de conhecimento até então inexistentes. Em pesquisas feitas por Vygotsky e Luria, verifica-se que

"funções tais como a memória mudaram acentuadamente a partir do momento em que a fala começou a dominar o comportamento da criança. Tem sido constatado com bastante precisão que, na idade escolar, a memória visual pictórica evolui para memória verbal" (1996, p. 213).

Dessa forma, o aprendizado escolar, as relações com colegas de sala, adultos produz o conhecimento dos conceitos e desenvolvimento da consciência. "O aprendizado escolar produz algo fundamentalmente novo no desenvolvimento da criança" (VYGOTSKY, 1991, p.95). Para Vygotsky, o ambiente escolar é um dos pilares fundamentais para (trans)formar o pensamento e conhecimento infantil

Isto quer dizer que as atividades desenvolvidas e os conceitos aprendidos na escola (que Vygotsky chama científicos) introduzem novos modos de operação intelectual: abstrações e generalizações mais amplas acerca da realidade (que por sua vez transformam o modo de utilização da linguagem). Como consequência, na medida em que a criança expande seus conhecimentos, modifica sua relação com o mundo (REGO, 2002, p.104).

Para que os conceitos *científicos* sejam compreendidos e se construam novas operações mentais na criança é preciso levar em consideração conhecimentos prévios, de mundo, cultural desta criança. Os conceitos científicos devem se apoiar nos conceitos do cotidiano, ou outros conceitos científicos conhecidos, mas um conceito se apoiando no outro sempre. Se o ambiente escolar não estiver ligado ao conhecimento de mundo, cotidiano, os conceitos científicos não se ligam a nada, dessa forma, não ocorre o desenvolvimento intelectual.

O professor deve levar em consideração as bagagens culturais, experiências, vivências de cada aluno, criança. Ao elaborar as atividades escolares, deve-se refletir sobre todas estas características sociais, culturais em que cada um vive. Respeitar as limitações, pois cada criança tem um processo de aprendizagem. Cada ser humano é único, tem suas especificidades e devemos compreender seu processo de aprendizado. É preciso que o professor procure se inserir na realidade social do ambiente escolar e das peculiaridades de cada aluno.

Vemos que para o desenvolvimento dos conceitos na mente humana a interação social,

com o meio é imprescindível. Temos a característica biológica, cerebral, mas em conjunto com o social, cultural como parte fundamental para a ascensão do nosso conhecimento e ser pensante.

Então, a partir das ideias de Bakhtin (1992; 2003), Vygotsky (1993/2004) e Geraldí (1992) e outros teóricos, podemos considerar que o desenvolvimento dos conceitos emocionais se constitui no âmbito social. Nos constituímos como sujeitos sociais nas relações com o meio cultural, social e histórico. Nossa consciência, emoções, também são frutos dessas relações. O nosso conhecimento de mundo é resultado de experiências sociais e culturais. Portanto, os conceitos se formam através das interações, de trocas linguísticas em contextos amplos, por diferentes pensamentos, ideologias, histórias e culturas dos sujeitos.

Na escola, a criança em interação com o professor, reproduz seu pensamento por meio da fala, desenhos que mostram os conceitos que foram internalizados e que representam sua individualidade, sua história, seu convívio social. Cada palavra, desenho utilizado pela criança representa um conceito aprendido socialmente e que carrega suas vivências. Como a palavra é carregada de significados construídos socialmente e responsável pelo desenvolvimento da consciência, as emoções humanas, os sentimentos como gentileza, angústia, medo são desenvolvidos sócio historicamente sendo responsáveis pela construção da consciência e emoções.

A linguagem, consciência e emoção estão interligadas e são responsáveis pela nossa forma de pensar e agir. Nós, seres humanos, em determinada cultura, somos regados de valores ideológicos que modelam nosso comportamento, fala. Os conceitos emocionais são aprendidos por meio de experiências sociais.

### 3. 2 Conceito de emoções na obra de Vygotsky: Linguagem, consciência e emoção

Para Vygotsky (2001) é na e pela interação que o indivíduo não só internaliza as formas culturais que recebe do seu meio, como também intervém e as transforma. Por meio da palavra, do diálogo, o sujeito desenvolve sua consciência. Mas as emoções são realmente desenvolvidas socialmente?

Se é por meio da experiência com outro, pela interação que é possível aprender, que nos constituímos como seres pensantes, então, por exemplo, uma criança em um ambiente no qual a mãe diz a ela que tem medo de escuro, ou de insetos, será que esse conceito de medo, o sentimento se aprende pelo ambiente externo? Será que o contato social, ambiente familiar, escolar influenciam no desenvolvimento das emoções, sentimentos? E o que é emoção? Sentimento? É um impulso, algo somente biológico?

A palavra como signo linguístico tem a função de transmitir o pensamento do sujeito. Ela é construída socialmente e tem o poder de modificar outras formas de pensar. Transmite significação e esse significado afeta o outro, seu pensamento e sua emoção.

Vygotsky (2001) em seu livro *A construção do pensamento e da linguagem* diz que “O significado da palavra é o microcosmo da consciência humana. A palavra é o signo por excelência”. Partindo das premissas de Vygotsky de que nos formamos como seres pensantes através da interação com o meio que vivemos, pelas interações e pela mediação da palavra que a consciência se expande e desenvolve-se, as emoções também são frutos de uma dada cultura, sociedade.

As emoções como alegria, medo, angústia, gentileza, são expressas pelas palavras? Se o significado da palavra é moldado social e historicamente, nossas emoções também são. Claro que o significado de uma palavra é individual para cada sujeito e que este é compreendido de acordo com a cultura em que está inserido. Tem o aparato biológico, mas que, pela palavra, o sentido que ela transmite, causa no sujeito uma reação, emoção.

Mas o que seria emoção na concepção de Vygotsky? Na teoria de Vygotsky não se tem um conceito específico sobre emoção. Na verdade, não há uma teoria acabada sobre emoções humanas. Na perspectiva de Vygotsky sobre o conceito emoção, há uma pluralidade de vozes em suas ideias, assumindo diferentes pontos de vista sobre a questão das emoções.

Em sua tese de doutorado, Salomão (2004) relata como Vygotsky entrelaçou diferentes vozes em suas obras, como em *O comportamento emocional* (1926/2004a), o autor diz que para entender a noção de *emoção*, é preciso compreender também as noções de *comportamento* e de *natureza biológica e psicológica* do psiquismo humano. Deve-se levar em consideração as características fisiológicas do corpo humano juntamente com o meio

social.

Numa obra dedicada às questões da Pedagogia e Psicologia, Vygotsky faz análises sobre as pesquisas de James e Langué, Wundt, Lewin. Em *Pensamento e Palavra* (1934/2001a) de Vygotsky, as noções sobre *emoção* estão interligadas a questões de *sentido e significado da palavra, e a consciência humana*. Vygotsky utiliza de diferentes pensadores de sua época e, analisa criticamente seus trabalhos sobre teorias de desenvolvimento, aprendizagem e pensamento e linguagem. Para o autor, o sentido que está na palavra se desenvolve socioculturalmente e as emoções se modificam e também se constroem social e culturalmente.

Vamos pensar por um instante, se a consciência humana só se desenvolve como tal em interação com outro sujeito, em uma dada cultura, nossas emoções também não são frutos dessa interação?

A palavra, que com seu significado construído social e historicamente, carregada de ideologias sociais, o sujeito se apropria dela e do seu significado e, por intermédio dos conhecimentos do outro constrói seu próprio pensamento. Esses significados que são desenvolvidos no meio social vão se transformando com o passar do tempo e de acordo com a cultura do sujeito. Desta forma, se o sentido da palavra é construído socialmente, as emoções são, também, desenvolvidas no âmbito social.

A noção de emoção para Vygotsky traz essa movimentação de ideias, conexões de diálogos com outros teóricos que não está acabada. O autor deixou aberto para nos incitar a procurar novos pareceres, novas questões sobre o tema com olhar de pesquisador. Pois, como Vygotsky e Bakhtin enfatizam, os sentidos da palavra se modificam com o tempo e, conseqüentemente, o pensamento do sujeito também se altera.

A emoção está interligada a questões do aparato biológico, subjetivo do sujeito, juntamente com a cultura e história. Vygotsky nos apresenta questões inacabadas sobre as emoções humanas, e nos convida a enfrentá-las a dar novos sentidos a esta questão. Não há um conceito sobre o que é emoção acabado, um livro definitivo sobre as emoções, mas um estudo que Vygotsky deixou: *Teoria das emoções – um estudo histórico psicológico*, que nos abre um campo de pesquisa gigantesco.

Dessa forma, vamos tentar entrar nesse mundo das emoções abordando as obras de

Vygotsky sobre sentimentos e emoções: na educação, na história, pensamento e consciência humana, adentrando na psicologia, biologia, na psicanálise como James e Langue, Wundt, Lewin, Freud, Marx, autores cujas ideias foram fundamentais para compor a obra de Vygotsky.

Pensando no desenvolvimento da consciência humana que se dá pela relação com o social, e pela mediação da linguagem homem e mundo, Bakhtin (2002) mostra dois itens que são fundamentais para construção da significação dos sentidos: tema e significação. O tema seria todo contexto situacional de uma conversa, são todos elementos contextuais para se compreender a mensagem.

O tema é um sistema de signos dinâmico e complexo, que procura adaptar-se adequadamente às condições de um dado momento da evolução. O tema é uma reação da consciência em devir ao ser em devir. A significação é um aparato técnico para a realização do tema. Bem entendido, é impossível traçar uma fronteira mecânica absoluta entre a significação e o tema. Não há tema sem significação, e vice-versa ( Bakhtin, 2002, p. 129).

A significação está interligada ao tema, é interação existente entre os falantes sobre determinado assunto em que ambos expõem seus pensamentos e visões de mundo através da palavra

[...] não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro”, é “faísca elétrica”, de maneira que “só a corrente da comunicação verbal fornece à palavra a luz da sua significação” (Bakhtin, 2002: 132).

É nesse processo interacional entre sujeitos em determinado contexto que existe troca de palavras carregadas de sentidos, ideologias e que se constrói a significação.

Nesse embate de ideias, experiências de vidas distintas se desenvolvem e se transforma o pensamento.

Dessa maneira, para se compreender as emoções não podemos deixar de lado a significação, pois é nela que ocorre a (re)produção dos sentidos. É na e pela interação com outro sujeito, pelas trocas conversacionais, que são produzidas paixões, medos, afetos, gentileza.

Partindo de uma perspectiva histórico-cultural, de que os conceitos de uma palavra se

(trans)formam histórica e socialmente, e é na e pela interação que se constroem os sentidos, Vygotsky em *Teoria das Emoções*, dialoga com diversas vertentes da psicologia, e faz uma crítica justamente às abordagens de cunho naturalistas e mecanicistas em que se levava em conta somente aspectos biológicos do ser humano, e deixa o social como principal influenciador do desenvolvimento da consciência humana.

Segundo o neurocientista Damásio (2000) o corpo humano possui mecanismos fisiológicos pré-organizados e inatos com a intenção de instinto de sobrevivência em meio a acontecimentos que o indivíduo se sinta ameaçado ou não, sentimentos de prazer entre outros aspectos da vida humana. As reações pré-organizadas no ser humano ajudam a traçar decisões racionais. Para o autor, as emoções são resultado de reações químicas complexas e neurais, resultado de processos evolutivos ao longo da história. Portanto, as emoções são processos geridos por um núcleo biológico comum, às regiões subcorticais, responsável pelo processamento da memória, a emoção, o prazer. Possui início no tronco cerebral e chega às regiões cerebrais superiores (DAMÁSIO, 2000).

Estudos de Ledoux (1998) indicaram que uma pequena região embutida no sistema límbico, chamada amígdala, tem o desempenho de atuar na detecção de intenções dos seres humanos por meio da parte visual (olhos), reconhecendo as emoções, principalmente o medo.

De acordo com Damásio (2000), as emoções humanas expressam reações positivas e negativas a estímulos internos e externos. As emoções afetam o sistema nervoso, aprendizado e a comunicação social. Moldadas pela evolução humana, as emoções se ajustam em distintas respostas de modo a incrementar a adaptação do ser humano a novas situações desafiadoras.

Damásio (2000) cita o modelo de Izard (1993), em que o sistema emocional funciona em dependência de outros quatro sistemas: neural, sensório-motor, motivacional e cognitivo. O neural leva informações sensório-motoras que agem nas interações entre indivíduos, estabelecendo formas de comunicação e vínculos (DAMÁSIO, 2000). O motivacional e cognitivo depende de condições específicas, acontecimentos externos ou internos, ambientes que o indivíduo está que ativa as emoções.

As emoções humanas, num viés vigotskiano, não se resume a somente aspectos biológicos, instintivos e inatos do corpo humano. Vygotsky utiliza as ideias de Darwin sobre

aspectos biológicos do ser humano, mas com a intenção de buscar esclarecimento para as emoções nos seres humanos interligadas ao ambiente social.

No capítulo *A Educação do Comportamento Emocional*, do livro *Psicologia Pedagógica*, Vygotsky (1924- 2003) discute sobre a natureza fisiológica das emoções humanas ligadas ao comportamento instintivo. Nessa visão, com base na teoria naturalista de Darwin, as emoções estão relacionadas às reações fisiológicas que levam o sujeito a praticar uma ação. Porém, o psicólogo analisa que tais reações em interação com outro sujeito e em determinado ambiente se mostram extremamente atenuadas, de forma que, “sem querer, surge a ideia de que, no decorrer da transformação do animal em ser humano, as emoções vão diminuindo de intensidade e se atrofiando” (p. 116).

Vygotsky (1924/2003) refuta essa concepção biológica somente ligada ao naturalismo que se analisa as emoções como um processo instintivo, fisiológico e passa a analisar sob um viés psicológico e social. O teórico relata que “os sentimentos tornam o comportamento mais complexo e diverso” (p. 117). Assim, “A mesma conduta, dotada de um aspecto emocional, adquire um caráter totalmente diferente da incolor. As mesmas palavras, pronunciadas com sentimento, agem sobre nós de maneira diferente das pronunciadas sem vida” (p. 117).

Mas Vygotsky (1924/2003) não deixa de considerar as características fisiológicas das emoções: “... tudo nos permite afirmar que é verdade que a emoção é um sistema de reações vinculado de modo reflexo aos estímulos” (p. 115), as emoções como resultado de reações fisiológicas interligadas a fatores ambientais, ou seja, fatores externos que causam estímulos internos. Nessa visão, o autor propõe que as reações emocionais regulam o comportamento humano:

A função interna de organizadora de todo o comportamento, que foi seu papel primário, continua existindo até hoje. Esse aspecto de atividade na emoção é que constitui a característica mais importante no estudo de sua natureza psicológica. Quem pensa que a emoção representa uma vivência puramente passiva do organismo e que ela não provoca nenhuma atividade está concebendo a questão de forma equivocada. (Vygotsky, 1924/2003, p. 118)

Porém, até então, Vygotsky relaciona as emoções como reguladora de condutas, sem analisar outros aspectos como pensamento e linguagem. Já em seu manuscrito *Psicologia Concreta do Homem*, Vygotsky (1929/2000) aborda questões de autorreflexão do sujeito em relação a cultura, sociedade, e fala sobre internalização das inter relações entre sujeitos como

principal formador do pensamento e do indivíduo. O autor relata que é por intermédio das relações sociais, contato com o outro, com diferentes formas de pensamentos que se desenvolve as formas de conhecimento de mundo.

Desse processo de construção do pensamento intermediado pelo outro é que ocorre a internalização do significado das palavras, de papéis sociais, ideologias. A internalização, segundo Vygotsky, se constitui nas trocas internacionais em que o sujeito internaliza diferentes conhecimentos, culturas, o que concede a constituição do aprendizado e do pensamento. É um processo externo (social) que modifica o interno (cognitivo), alterando minha visão e experiência de mundo.

Esses conceitos formados socialmente, são internalizados e refletem as diversidades socioculturais. Cada pensamento, emoção de cada indivíduo é moldada por crenças e valores distintos que são imersos e criados por uma cultura. Nesse contexto, o desenvolvimento das emoções também é constituído no âmbito social, de acordo com cada vivência do sujeito “o papel da paixão, da avareza, dos ciúmes, em uma dada estrutura da personalidade” (Vygotsky, 1929/2000, p. 34).

Para Vygotsky (1929/2004), a personalidade se desenvolve em caráter biológico, mas, também, em relação ao sujeito e seu meio de convivência. Nesse cenário, as emoções moldam a personalidade e as funções psicológicas superiores. Vemos, pelas reflexões de Vygotsky que as emoções não são meramente respostas fisiológicas a determinado estímulo ambiental, mas, sim, está correlacionada as interações socioculturais na constituição dos sentimentos.

A emoção segundo Hothershall ( 2000, apud Branco, 2004) é a “experiência subjectiva ou sentimento, constituída por três tipos de comportamentos: o direcionado ao objetivo (atacar, fugir), o expressivo (sorriso, enfado) e o fisiológico (taquicardia, saudação, defecação)” (p. 28). Goleman (2000), defende a emoção como “um sentimento e aos raciocínios daí derivados, estados psicológicos e biológicos, e o leque de propensões para a ação” (p. 310), e para Mayer e Salovey (1999) as emoções são “estados de sentimento de curta duração, que incluem a alegria, raiva ou medo, e que misturam intensidades variadas de sensações de prazer-desprazer, excitação-calma entre outras” (p. 39).

Mas emoção e sentimento, são iguais? Damásio (1994) defende que todas as emoções geram determinados sentimentos, mas que nem todos os sentimentos surgem de emoções. O

autor acrescenta que os sentimentos, provenientes de emoções, levam a uma mudança no processo cognitivo do sujeito. Afirmar que é a experiência, as vivências do indivíduo que gera determinadas percepções (imagem associada) e alterações fisiológicas que provoca o ato de sentir.

Em *Teoría de las Emociones: Estudio Histórico Psicológico* (1931-33/2004) Vygotsky (1931-33/2004) reafirma sua oposição às teorias voltadas somente à fisiologia das emoções (de James e Lange), que defende o desenvolvimento do ser humano sob um viés inatista e fisiológico, dizendo que as emoções são de natureza “inata, reflexa e animal” (p. 211). Juntando-se a Chabrier sobre a temática, se contrapondo à ideia de que as emoções são somente respostas a reações do organismo a determinado acontecimento externo, o autor afirma que esse método de análise mecanicista não é capaz de desvendar as emoções e completa que “Os sentimentos mais inferiores apareceram a partir de tradições, crenças ou preconceitos religiosos. Sua natureza não permite considerá-los reações instintivas a excitações que não dependam de um sistema ideologicamente estabelecido” (1931-33/2004, p. 212).

Numa tentativa de explicar as emoções humanas no livro *Teoria das Emoções*, Van der Veer e Valsiner (2009) mostram que Vygotsky procurava quebrar o paradigma da psicologia da sua época voltada a estudos dos aspectos biológicos, sem contar com o meio social. Isto é, ele buscava mostrar que havia, sim, a existência de uma causa externa às reações fisiológicas do ser humano para as emoções, mas que não existia separação entre mente e corpo. Dessa maneira, o teórico teria estudado as ideias do filósofo Baruch Espinosa para mostrar a fusão da mente, corpo e emoções. Os pesquisadores Van der Veer e Valsiner dizem que “o discurso construtivo sobre Espinosa nunca foi escrito” (2009, p. 385), pois a obra *Teoria das Emoções* é um trabalho inconcluso.

Para Van der Veer e Valsiner (2009) Vygotsky teria deixado de seguir o pensamento de Espinosa pelo fato de defender uma teoria desenvolvimentista e nos estudos de Espinosa estaria ausente essa questão. Pois segundo os autores “é duvidoso que uma teoria desenvolvimentista das emoções pudesse se beneficiar dos escritos de Espinosa” (Van der Veer e Valsiner, 2009, p. 387).

Espinosa, em *Ética III*, defendia a questão de que o corpo é afetado pelo mundo. De acordo com o filósofo, um afeto é uma transformação que ocorre no corpo e na mente de

forma simultânea. O humano, no mundo social, é afetado por diferentes contextos, ideologias, culturas e, conseqüentemente isso pode diminuir ou aumentar a nossa vontade de agir sobre algo, mudar forma de pensamento, comportamentos.

Já os autores Sawaia (2000, 2009) e Magiolino (2010, 2013) em seus estudos sobre as emoções humanas, têm buscado aplicar os conceitos de Espinosa, juntamente com as teorias de Vygotsky. As pesquisadoras acreditam que as ideias do pensador na questão dos afetos podem contribuir para entendimento das emoções, que se constitui em contato unificado entre homem, cultura, história, personalidade humana e mundo.

Com base nos pressupostos teóricos de Vygotsky, diversos autores como Fleer (2013), Fleer e Hammer (2013), Magiolino (2010, 2013), Magiolino e Smolka (2013), entre outros, buscam compreender a temática das emoções humanas e sua complexidade, fundamentadas em uma perspectiva sócio histórica.

Nas Teorias de Vygotsky, a transformação do homem biológico em sócio histórico só acontece por meio das relações entre sujeitos, cultura que está inserida. A cultura, a linguagem, influenciam no funcionamento das funções psicológicas superiores. A consciência se desenvolve na e pela linguagem social. É pela mediação com adultos que a criança vai progressivamente desenvolvendo as funções psicológicas superiores, ou seja, sua capacidade de refletir, pensar e agir em dada sociedade. Vygotsky enfatiza a extrema importância das relações sociais para o desenvolvimento do pensamento humano, suas emoções e sentimentos. Vamos refletir se a linguagem é constituída socialmente, logo, os significados das palavras e sua compreensão em um contexto comunicativo são também intrínsecos ao social.

A criança, por exemplo, em contato com um adulto que diga a ela: “Que medo da chuva, olha os trovões, que medo!”, demonstrando através da palavra, expressões corporais, faciais, um sentido negativo naquele contexto específico, a criança logo associará todos estas significações expressas pelo adulto, internalizando e se apropriando dos significados. Logo, como o adulto passou um sentimento de medo de chuva para a criança, conseqüentemente ela internaliza o mesmo sentimento. Dessa forma, palavra, significação, emoção estão interligadas ao contexto situacional, social, cultural do sujeito.

Em estudos multidisciplinares de educação, psicologia, Vygotsky relata as conexões

existentes entre a palavra que usamos e a emoção causada. Diz: “As mesmas palavras, porém pronunciadas com sentimento, agem sobre nós de modo diferente daquelas pronunciadas sem vida” (Vygotsky, 2004, p. 135).

Qualquer sujeito em diferentes ambientes pode, por intermédio do uso da palavra e sua significação transformar o sentimento de emoção. Freud (1986) também investiga a forma como a palavra tem um controle e afeta o ser humano. Em suas pesquisas traz a temática da palavra vinculada ao afeto.

Por meio de palavras uma pessoa pode tornar outra jubilosamente feliz ou levá-la ao desespero, por palavras o professor veicula seu conhecimento aos alunos, por palavras o orador conquista seus ouvintes para si e influencia o julgamento e as decisões deles. Palavras suscitam afetos e são, de modo geral, o meio de mútua influência entre os homens. Assim, não depreciamos o uso das palavras na psicoterapia, e nos agrada ouvir as palavras trocadas entre o analista e seu paciente. (Freud, 1986: 10)

Dessa forma, as crianças que estão em fase de desenvolvimento cognitivo e emocional, precisam do auxílio de um adulto para saberem lidar com suas emoções. As crianças, a partir de 1 ano, 2 anos, estão aprendendo a lidar com diferentes sentimentos e emoções. Neste período, as atividades cerebrais da criança estão em constante transformação e suas emoções também. Portanto, toda experiência que tiver refletirá em sua vida adulta e em seu comportamento. Muitas crianças expressam suas emoções ao chorar, morder, bater, por simplesmente não conseguirem usar as palavras para expor seus pensamentos.

O professor, adulto, tem o papel de instruir e transformar o pensamento de uma criança, e deve buscar explorar as emoções da infância com leituras, histórias e atividades que mostrem sobre a temática. Expressar emoções na infância é algo extremamente importante. Ao falarmos para uma criança “Não fique triste, isso acontece mesmo, você vai conseguir”, você utiliza palavras de estímulos que irão transformar as emoções daquele sujeito. A criança se encontra numa fase de aprendizados, estruturação e formação de suas emoções, consciência. Seu aparato cognitivo ainda não dispõe de subsídios suficientes para que ela consiga lidar com os diferentes sentimentos e emoções.

Ajudar a criança nessa fase de desenvolvimento da consciência e das emoções é capaz de direcionar e instruí-la a lidar melhor com as emoções. E isso auxiliará em diversos aspectos da vida até a fase adulta. Por isso a forma de comunicação, linguagem, condições sociais, ambiente escolar, familiar, são capazes de construir e condicionar a personalidade do sujeito.

Na infância, por estarem em constante transformação e maturação cognitiva, todo tipo de aprendizado afeta que a criança tenha influência diretamente em suas atitudes, formação intelectual e pessoal. Segundo Psicólogos como Vygotsky, a criança de 0 a 3 anos precisa de todo tipo de estímulo, pois nessa fase, pela constante transformação no cérebro, o aprendizado e experiências se tornam cruciais para um desenvolvimento sadio.

Vemos a importância do papel do adulto como mediador de conhecimentos para o desenvolvimento da criança. Vale ressaltar que para Vygotsky (1998, 2001, 2004) o desenvolvimento da consciência ocorre pela mediação das palavras, da linguagem utilizadas pelos sujeitos. Palavras que possuem um significado, um conceito construído no contexto histórico e cultural. O conhecimento só se expande e acontece na e pelas relações sociais. É a partir da inserção da criança em um ambiente escolar, sociocultural que vai se desenvolvendo. E pelas trocas conversacionais, pelas relações sociais com o outro, que vai se solidificar e construir novas aprendizagens.

Para Bakhtin (1992), eu me constituo como indivíduo nas relações sociais, nesta constante experiência entre homem, linguagem e mundo. Para o filósofo, são nas trocas de diálogos que o sujeito se transforma, se apropriando dos sentidos da palavra do outro e transformando-a em sua. Isso Bakhtin chama de alteridade, e segundo ele

Nossa fala, isto é, nossos enunciados (...) estão repletos de palavras dos outros. (Elas) introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos. (...) Em todo o enunciado, contanto que o examinemos com apuro, (...) descobriremos as palavras do outro ocultas ou semi ocultas, e com graus diferentes de alteridade. (BAKHTIN, 1992, p. 314/318)

Assim, em um contexto de comunicação a palavra traz consigo sentidos, ideologias que se construíram nas relações uns com os outros. Eu, como sujeito, me altero pelo sentido transmitido da palavra do outro sujeito. O sentido da palavra traz consigo experiências de vida, de mundo, cultura. A palavra tem o papel mediativo entre homem e mundo. A palavra tem o poder de desenvolver a consciência humana através das interações.

Em diálogo com as ideias de Vygotsky em relação à aquisição da linguagem, Bakhtin diz que quando o sujeito utiliza uma palavra, ele a utiliza com uma intenção, a de expressar seu pensamento. Esta palavra é impregnada de ideologias, de outros dizeres que este sujeito faz parte. Em cada manifestação de linguagem, diálogo, o sujeito se posiciona, expressa sua visão de mundo expressando sua subjetividade. Para Bakhtin (1992), a subjetividade se

manifesta no contexto comunicativo, em que o indivíduo escolhe determinadas palavras para se comunicar.

Para o filósofo, a subjetividade se constitui na relação com o outro. No momento em que produz linguagem, nas relações sociais, a subjetividade está em constante constituição. É na interação mútua entre sujeitos que se desenvolve a subjetividade. Sendo assim, a subjetividade é, por excelência, constituída socialmente, nas relações com o outro.

Bakhtin ressalta que no diálogo entre sujeitos, a palavra vive em função da palavra do outro indivíduo, "pertencente aos outros e que preenche o eco dos enunciados alheios" (BAKHTIN, 1997, p.313), ou palavra que me pertence, ou seja, marcada pela individualidade, visão de mundo, experiências, marcando a subjetividade de cada pessoa. A subjetividade é notada, por exemplo, quando o sujeito utiliza a palavra alheia, do outro, que carrega especificidades e modos de dizer do indivíduo.

[...] o homem tem uma necessidade estética absoluta do outro, da sua visão e da sua memória; memória que o junta e o unifica e que é a única capaz de lhe proporcionar um acabamento externo. Nossa individualidade não teria existência se o outro não a criasse. A memória estética é produtiva: ela gera o homem exterior pela primeira vez num novo plano da existência (1997, p.55).

Segundo Vygotsky (1998, p. 190), "(...) a palavra é o microcosmo da consciência", é mediadora entre homem e mundo, possui a função de transmitir informações, construir sentidos na memória humana. É o mediador entre sujeito, objeto e sociedade. O conceito de uma palavra tem o poder de fazer com que o objeto do mundo externo faça sentido e que esse seja usado em diferentes contextos.

O conceito de uma palavra, na psicologia Vygotskyana, é constituído entre o discurso social, cultural, ideológico de uma comunidade, interligado com a mente humana que se refere à subjetividade do sujeito. Porém o meio de constituição de conceitos não é mecanicista. O social e psíquico estão ligados e ao mesmo tempo que o indivíduo se apoia nos conceitos que foram construídos social e culturalmente, ele como ser ativo, transforma e reconstrói esses significados. Assim, a formação de um conceito não é rígida e estática.

O significado de uma palavra é desenvolvimento socialmente e como mediador entre sujeito e mundo, nos dá subsídios para construção da consciência. A palavra, ressalta

Vygotsky, nos fornece não apenas conceitos sobre determinados objetos do mundo e suas relações; mas as palavras desempenham em nós sentimentos, experiências, emoções que vivenciamos. Por exemplo, a palavra Mãe, no âmbito representacional, como conceito de figura materna, que cuida de seu filho, zela pelo seu bem, conceitos construídos socialmente. Porém, o sentido que essa palavra desperta em cada sujeito. Ao escutar a palavra Mãe me traz à memória uma paz, amor, zelo, afeto. Já para outra pessoa que obteve outras experiências, essa palavra pode trazer outros sentidos.

A categoria de sentido para Vygotsky é “o agregado de todos os fatos psicológicos que surgem em nossa consciência como resultado da palavra”. (VYGOTSKY, 2001b). Na concepção de Vygotsky, distintamente do conceito, a significação de uma palavra e seu sentido partem de nossas experiências de vida, trocas de conhecimentos que nos modificam e estruturam o pensamento, desenvolvendo a subjetividade. Contudo, apesar dessa diferença, sentido e o conceito se constituem juntos. Sem conceito o sentido de uma palavra não existiria.

Na criança de 3 a 4 anos o conceito ainda está em desenvolvimento por conta da maturação cognitiva. Quando a criança pronuncia as primeiras palavras, por exemplo, palavras como au-au, com o intuito de representar o animal cachorro, ela utiliza essa mesma palavra para todo objeto com características que considere ou compreende em sua lógica como correspondente a esse termo. No entanto, justamente pelas dificuldades enfrentadas em associação do conceito ao objeto real, a compreensão da criança vai se desenvolvendo conforme suas estruturas mentais também vão se modificando pelas relações sociais e novos aprendizados de diferentes conceitos. Portanto, a criança precisa estar em constante contato com adultos como os pais, professores, para lhe fornecer conhecimento suficiente para a construção da consciência e do conhecimento.

A palavra tem a capacidade de despertar diversas emoções, sentimentos, pois com ela o sentido utilizado tanto em ambiente escolar, como familiar pode modificar o comportamento da criança. E como desenvolver o conceito de emoções nas crianças em ambiente escolar, familiar? Para que ela consiga lidar com seus sentimentos?

Fleer e Hammer (2013), pesquisam as emoções na infância sob o viés da perspectiva vygotskyana. Ressaltam sobre importância de se trabalhar com as emoções tanto para questões de aprendizagem como de convívio social: “A competência emocional,

conceitualizada sob uma perspectiva histórico-cultural, examina as relações entre o contexto social como prática cultural e o desenvolvimento emocional do indivíduo” (2013, p. 242).

As pesquisadoras, baseando-se nos estudos de Vygotsky, focam na questão das emoções serem autorreguladoras, ou seja, leva-se em conta aspectos inter (social) e intrapsicológico (cognição) em que se relacionam e se regulam a emoção, contexto social, cognição. Essa autorregulação é capaz de formar a consciência emocional que surge a partir da posição do sujeito e suas experiências de mundo, práticas sociais e culturais.

No âmbito da educação infantil, as pesquisadoras consideram que, as crianças por meio das relações sociais conseguem identificar cada tipo de emoção ao nomeá-las com ajuda de um adulto. As emoções que antes eram somente biológicas passam para o nível de compreensão e entendimento emocional pela palavra que regula o comportamento humano. Esse processo de desenvolvimento ocorre pela mediação da linguagem entre os sujeitos, de acordo com as particularidades culturais da sociedade que vive. “É por meio do processo de relações sociais entre as pessoas que as emoções são expressas, nomeadas e interpretadas como sentimentos” (Fleer & Hammer, 2013, p. 246).

Em seus trabalhos, destacam a importância do papel da imaginação e suas relações com a afetividade e cognição nas crianças. Para as autoras o desenvolvimento emocional emerge de fatores coletivos em que se compartilham diferentes visões de mundo, práticas culturais distintas que nos modificam e transformam nossa maneira de sentir e pensar.

Dessa forma, vemos como o conceito de uma palavra é construído pelas relações sociais, cultura e subjetividade do sujeito. Esse conceito transforma e organiza as nossas funções mentais, pois a mesma palavra pode despertar diferentes emoções em um indivíduo. Incita imaginação diversa, em que cada palavra pronunciada traz experiências do mundo de cada sujeito.

É justamente através das trocas de linguagem, de significados, que a criança, antes ligada somente a aspectos biológicos para se comunicar, agora em contato com as mediações dos signos linguísticos adentra no social e começa a desenvolver e construir seus pensamentos, consciência, emoções e sentimentos. Ancorado nessa ideia, Vygotsky diz que a capacidade de abstração de conceitos e formação de conhecimento só se realiza nas atividades do cotidiano e pela fala, nas intermediações entre fisiológico e sociocultural, tornando-se

parte da consciência e imaginação.

Magiolino e Smolka (2013), baseando-se nas obras de Vygotsky sobre pensamento e linguagem, defendem a concepção de que as emoções não são meramente regulações dos instintos internos humanos, mas que é na e pela linguagem e sua significação que as emoções assumem um papel de função de orientação do comportamento do sujeito, do seu modo de agir, de se expressar. Em vista disso, argumentam que dentro dos estudos das emoções deve-se levar em consideração além dos campos mentais somente e abranger a linguagem, em seu modo amplo, como primordial na constituição das emoções, ponderando “a função dos signos, palavras, significados e produção de sentido na constituição e organização da psique humana” (Magiolino & Smolka, 2013, p. 104). Magiolino, em outra pesquisa ressalta que “A emoção está no âmago do processo de significação, de tudo o que tem sentido e significado na vida e na arte” (2010, p. 166).

Ao seguir as ideias de Vygotsky, as pesquisadoras mostram que as emoções não são estáticas ou engessadas, elas se desenvolvem e se transformam à medida que o sujeito também se desenvolve cognitivamente. Esse desenvolvimento é interconectado às condições biológicas e das relações sociais mediadas pela linguagem, em que os signos, palavras assumem o crucial papel do desenvolvimento emocional e cognitivo da criança ou do sujeito.

Assim, a palavra como mediadora entre homem e mundo é responsável pelo desenvolvimento das emoções. As palavras carregam culturas, ideologias e histórias que, o sujeito no seu processo de interpretação e subjetividade, compreende determinada emoção através de sua experiência de vida, de uma dada realidade vivida. As autoras explicitam que:

Nós não simplesmente “sentimos”, mas nós “sentimos” como sentido e significado. Nós ficamos emocionados dentro de uma rede de relações interpessoais – imersas em uma história de relações sociais-individuais, em que uma pessoa afeta cada uma das outras. O signo (a palavra é um signo por excelência) é um produto e um produtor de corpos humanos em interação, e transforma (o status das) emoções humanas em produções culturais e históricas. (Magiolino & Smolka, 2013, p. 106).

A palavra que usamos em determinado contexto para expressar nossos sentimentos é responsável pela formação da consciência das emoções. A criança de 3 a 4 anos, por exemplo, não compreende ainda o conceito de emoção, não sabe lidar com seus sentimentos que ainda são puramente biológicos. Mas em contato com adultos ou crianças mais velhas, as emoções são significadas pelo e traduzidas em palavras para que a criança consiga aos poucos entender

o que está sentindo pela mediação da linguagem. Assim, pela linguagem e mediação do adulto, a criança consegue organizar seus pensamentos, desenvolver sua consciência e estado de emoção. Através da palavra, a forma do adulto, professor lidar com aquela emoção da criança, fará toda diferença na construção e organização do sentimento. A partir deste ponto de vista “as emoções não são ensinadas ou internalizadas; elas significam e adquirem significado em um sistema de relações sociais” (Magiolino & Smolka, 2013, p. 108).

O professor, adulto, transmite pela palavra para criança a visão e ideologia dele sobre determinado conceito de emoção. Mas, como sujeito, a criança não é um ser passivo, ela internaliza os conceitos, significados expressos pelo adulto, e os interpreta de acordo com sua experiência de mundo. Dessa forma destacamos a relevância da cultura e sociedade no desenvolvimento dos conceitos e, conseqüentemente, nas emoções de cada indivíduo. Assim, essa visão ressalta como as relações sociais moldam as emoções e maneiras de agir sobre o mundo, por isso as significações constituem em caráter conflitivo das diferentes visões e experiências de mundo em que se constitui a consciência do sujeito.

Segundo Leontiev (1975), as emoções transformam em realidade as necessidades e motivações do sujeito. Há o nível biológico e comportamental que, inserido em sociedade e mediado pela linguagem despertam motivações, ações no sujeito que o levam a refletir sobre dada emoção. A linguagem, em determinado contexto comunicativo, faz com que desperte reações fisiológicas corporais que o sujeito identifica como um sentimento e o expressa através da comunicação verbal, gestual, corporal. E essa comunicação que faz com que o sujeito se autorregule é uma internalização do repertório sociocultural e das relações sociais que o indivíduo está imerso.

Nessa perspectiva, Leontiev (1975) destaca dois pontos principais que se entrelaçam sobre as emoções: uma ação avaliativa e energia psíquica. A ideia da natureza avaliativa é que por determinada palavra que o sujeito utiliza emprega-se um julgamento, uma avaliação sobre seu uso, se entrelaçando questões psicológicas com o meio social que está inserido. Dessa forma, as emoções geram uma reestruturação do modo de agir e pensar, ou seja, determinada palavra pode gerar um sentimento que cause uma reação fisiológica, cujo controle está na avaliação que o sujeito faz cognitivamente e através do meio social que orientam as suas ações.

Cada experiência emocional vai ser distinta para cada pessoa, pois leva-se em

consideração aspectos sociais, culturais, ideológicos, que o indivíduo tem contato. Por exemplo, na cultura japonesa o conceito de morte é algo festivo, de felicidade. Então, em um enterro de um ente familiar eles irão festejar, dar felicitações uns para os outros. Esse conceito de morte, estabelecido no Japão, desperta a emoção e reações fisiológicas no corpo humano que levam ao sentimento de felicidade. Diferente da cultura brasileira, o conceito de morte tem um significado de tristeza, luto, construídos social e culturalmente.

Em Pensamento e palavra (1934/2001a) de Vygotsky, ressalta que

o sentido de uma palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência. Assim, o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada. O significado é apenas uma dessas zonas do sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso e, ademais, uma zona mais estável, uniforme e exata. (Vygotsky, 2001, p.398)

O sentido da palavra são traços semânticos singulares carregados por experiências que acontecem nas relações do sujeito com diferentes significados que circulam nos contextos onde se insere. O sentido é interno-externo, social-individual, o qual marca as diferentes possibilidades de uso dos conceitos/significados das palavras. É portanto, aquele instante, um determinado diálogo, não tem a estabilidade de um significado, pois mudará sempre que mudarem os interlocutores, os contextos, diálogos.

As palavras estão sujeitas às modificações a todo tempo, pelo ambiente social e pelas pessoas, o sentido também se altera, conforme se dão as interações, as evoluções na história e cultura. Os sentidos são elaborações ainda inconstantes pois cada sujeito compreende um significado de formas diferentes. Por isso, o significado é uma das possibilidades de sentido para uma expressão ou palavra na fala. O significado é algo mais estabilizado, o sentido é instável. Sobre sentido e significado, Vygotsky diz:

o sentido de uma palavra é a soma de todos os eventos psicológicos que a palavra desperta em nossa consciência. É um todo complexo, fluido e dinâmico, que tem várias zonas de estabilidade desigual. O significado é apenas uma das zonas de sentido, a mais estável e precisa. Uma palavra adquire o seu sentido no contexto em que surge; em contextos diferentes, altera o seu sentido. O significado permanece estável ao longo de todas as alterações do sentido. O significado dicionarizado de uma palavra nada mais é do que uma pedra no edifício do sentido, não passa de uma potencialidade que se realiza de formas diversas da fala (1996, p. 125).

Assim, cada experiência e cada emoção/sentimento vão ser distintos, porque cada encontro, vivência, é sentido de formas diferentes. Esse sentimento provoca na criança, adulto, uma infinidade de processos subjetivos. O conceito de tristeza, por exemplo, a criança

não entende ainda seu conceito concreto e real da palavra, somente sente as reações fisiológicas e que são manifestas por meio do choro, mordidas, gritos, puxões de cabelo. Cabe à família, professor, ajudar a criança a compreender esse conceito, através da mediação das palavras, das relações sociais que irão auxiliar no controle e compreensão do sentimento.

Para Fleer e Hammer (2013), como para Magiolino e Smolka (2013), as emoções são manifestadas e desenvolvidas pela conexão entre sociedade, cultura e nosso aparato biológico. A linguagem que usamos em contextos diversos, possui a função de regular, organizar e controlar a manifestação das emoções. Desse modo, na infância, a criança ainda usa de características instintivas para expressar seus sentimentos. Respeitando as vivências desta criança, seus sentimentos, cabe ao adulto e professor trabalhar com conceitos de emoções que as crianças irão internalizar, organizar sua consciência (psique), e controlar seu modo de agir sobre o mundo. Como mediadores de conhecimento, os professores, juntamente com os familiares, precisam ajudar as crianças a saberem lidar com suas emoções. Isto os ajudará até na fase adulta, a saber lidar com frustrações, medos, raiva.

Wallon (1968) defende, em sua teoria, que as emoções são de caráter biológico como um instinto de sobrevivência do humano. O bebê utiliza da emoção para estabelecer relação com os adultos, é uma forma de manifestação de necessidade afetiva do bebê e o elo dele com o mundo, tanto biológico como social. Isto é, quando a pessoa nasce, ela é só emoção. O autor, ao defender o caráter biológico das emoções, mostra que estas se originam na função tônica. As alterações emocionais provocam reflexos nos tônus musculares e, dependendo do contexto externo, provoca alterações fisiológicas como palpitação cardíaca, sudorese.

Para Wallon, as emoções se diferenciam da afetividade. A afetividade é quando a criança já possui um aparato linguístico que consegue expressar suas emoções. Antes a criança era emoção e seus movimentos evoluíam de fisiológicos e afetivos, quando a emoção (ordem biológica) passa ao sentimento (ordem psicológica). Segundo Wallon, é com o aparecimento da linguagem que ocorre a transformação das emoções em sentimentos. A emoção é um processo biológico que se altera no ambiente social.

A emoção é uma forma de construção do conhecimento e do ser humano como tal. Sobretudo, possibilita a passagem do fisiológico para o social, com o processo de aquisição

da linguagem e construção da consciência. Para Wallon, as emoções são de caráter fisiológico, instintivos, mas que, se encontram no social, sofre alterações e assume um papel racional e lógico na mente humana.

Vygotsky defende que o social, as relações sociais mediadas pela linguagem são fundamentais para construção do pensamento e consciência humana. Como atividade constitutiva, a linguagem dá subsídios aos sujeitos para interpretar, pensar e expressar suas emoções. Assim, para Vygotsky (1999) as emoções:

No processo de desenvolvimento ontogenético, as emoções humanas entram em conexão com as normas gerais relativas tanto à autoconsciência da personalidade quanto à consciência da realidade. Meu desprezo por outra pessoa entra em conexão com a valoração dessa pessoa, com a compreensão dela. E é nessa complicada síntese que transcorre a nossa vida. O desenvolvimento histórico dos afetos ou das emoções consiste fundamentalmente em que se alteram as conexões iniciais em que se produziram e surgem uma nova ordem e novas conexões (p. 127).

O autor nos mostra que apesar das emoções terem suas origens no fisiológico, evoluem para o universo da linguagem, entrelaçando-se com a consciência. A linguagem tem o papel de atuar nas emoções e suas manifestações. A cultura, sociedade influencia nas emoções e no comportamento do sujeito.

Para Vygotsky (1993) o sujeito pensa, se emociona mediante os conceitos formados socialmente. Assim, os conceitos pré-determinados culturalmente modificam nossas emoções e maneiras de agir e pensar. Temos a parte biológica, instintiva, mas que se torna humana ao contato com diferentes pessoas, culturas, história. A forma de pensar, de se emocionar se modificou conforme os anos se passaram. Por exemplo, no Apartheid, que ocorreu em 1948 com a segregação racial dividindo habitantes em grupos raciais como “negros”, “brancos”, “de cor”, a emoção de amor ao próximo era mínima e, nos dias de hoje, este tipo de ato é inadmissível. As emoções se modificam conforme cultura, sociedade e história evoluem. Podemos chamar de inter-emocionalidade, a linguagem, os conceitos construídos socialmente que influenciam modos de agir e pensar perante diferentes contextos, cultura, sociedade.

Vygotsky destaca a importância das relações sociais para o desenvolvimento humano. São pelas relações sociais, culturais que construímos conhecimento, consciência. Ao destacar a importância das relações sociais, mostra que a mediação e internalização são aspectos fundamentais para que aconteça a aprendizagem. A construção do conhecimento ocorre a partir das interações entre sujeitos. Dessa maneira, é a pela inserção na cultura, sociedade que

a criança, através da sua interação social com familiares, colegas de sala, desenvolve sua consciência, pensamentos.

Apropriando-se dos conceitos, palavras culturalmente estabelecidas, ela vai evoluindo das formas elementares de pensamento para as formas mais abstratas, que a ajudarão a conhecer e controlar a realidade, saber lidar e compreender suas emoções. Nesse sentido, Vygotsky destaca a importância do outro, do meio social e cultural não só para formação de conhecimento, mas também, de regulação de comportamento e formas de agir perante as emoções.

Vygotsky (2004b) nos mostra que os sentimentos estão interligados com os conceitos que são construídos socialmente e compõem nossa consciência. Como exemplo, o autor analisa a construção cultural do conceito ciúme, revelando que um mesmo sentimento pode possuir diversos significados dependendo da cultura, historicidade, ideologia em que a mulher está colocada. Desta forma, a análise dos sentimentos está relacionada com os significados produzidos em determinada cultura:

O fato de eu pensar coisas que estão fora de mim não altera nada nelas, ao passo que o fato de pensar nos afetos, situando-os em outras relações com meu intelecto e outras instâncias, altera muito minha vida psíquica. Em termos simples, nossos afetos atuam num complicado sistema com nossos conceitos e quem não souber que os ciúmes de uma pessoa relacionada com os conceitos maometanos da fidelidade da mulher são diferentes dos de outra relacionada com um sistema de conceitos opostos sobre a mesma coisa, não compreende que esse sentimento é histórico, que de fato se altera em meios ideológicos e psicológicos distintos apesar de que nele reside sem dúvida um certo radical biológico, em virtude do qual surge essa emoção. (VIGOTSKI, 2004b, p.127)

O biológico relatado por Vygotsky está imbricado pelo próprio surgimento do ser social, ou seja, o nosso aparato fisiológico advindo em evolução das espécies com o caráter social é condição indispensável para o desenvolvimento das capacidades superiores, como os sentimentos e emoções. Nascemos em um meio social, determinada cultura que influencia nosso modo de agir e pensar. As interações sociais afetam a nossa biologia e, conseqüentemente, nossa mente.

Sabemos que nem o neurônio individual, nem o ser humano isolado existem na natureza. Desde o nascimento, precisamos do outro, do contato e interação social para nos desenvolvermos intelectual e socialmente. O cérebro isolado, sem contato social, se torna abstrato, sem produção de conhecimento, sentimentos, emoções.

Vygotsky (2004b) apoiado na teoria espinosana que trata os afetos de um ponto de vista materialista, na relação em que o homem é afetado pelo meio social que vive, na sua relação com o conhecimento: “(...) Espinosa não explica as paixões pela união da alma ao corpo, mas simplesmente as considera fenômenos psíquicos condicionados exclusivamente por meio do nosso conhecimento” (p. 88). A análise de Vygotsky sobre emoções, apoiada nas reflexões de Espinosa, destaca que o pensamento, formado através das interações sociais, pelas palavras e seus conceitos construídos historicamente, são responsáveis pelas formações afetivas e pelos sentimentos.

Para Martins (2013, p.253), Vygotsky explicitou “(...) a natureza histórico cultural do sentimento (...), que se institui e se altera em razão do meio ideológico e psicológico, isto é, pela aprendizagem da qual resulta a formação de conceitos”. As emoções e sentimentos são moldados pela realidade de cada cultura, sociedade. Os significados de cada palavra são resultado destas realidades e experiências socioculturais, familiares de cada indivíduo. As emoções se modificam ao longo do tempo, do desenvolvimento psíquico do ser humano, através das diferentes experiências. Logo, as emoções são, além das características biológicas, sociais e históricas, em um movimento contínuo de internalização de conceitos sociais, históricas, que desenvolvem a consciência humana.

Esse processo de construção do desenvolvimento da consciência é marcado, também, por determinações de classes sociais, gênero, etc., que possuem um papel importante neste desenvolvimento cognitivo, que tem início desde o nascimento. Os conceitos de cada palavra, experiências sociais, culturais são internalizados pelo sujeito ao longo de seu desenvolvimento e reestruturam a consciência, que está em constante transformação. As ações, modos de falar e agir do sujeito estão relacionados às suas realidades que afetam suas atividades afetivas-emocionais.

As ações, comportamentos e emoções de um indivíduo estão relacionados com suas experiências. Principalmente na infância, a criança tem como base a relação familiar, se moldam nos modelos, comportamentos do ambiente que vive. Estas experiências vão sendo construídas ao longo de sua vida de acordo com a realidade, práticas sociais, que esta criança vai conhecendo e tendo contato. Desta forma, as emoções são sociais e históricas e também biológicas, em que as relações socioculturais interferem no modo de pensar e agir do sujeito.

Neste sentido, quanto mais cedo a criança tiver contato com os conceitos emocionais,

apoio emocional, maior será seu léxico e, conseqüentemente, conseguirá se expressar emocionalmente melhor. Outra forma de desenvolvimento emocional é através da leitura em que a criança adquire consegue adquirir uma postura crítico-reflexiva, extremamente relevante à sua formação cognitiva e emocional.

## 4 CAPÍTULO 3

### 4.1 O uso da literatura infantil para aprendizagem e desenvolvimento emocional na criança

Segundo a visão Bakhtiniana, a linguagem é um fenômeno social, responsável pela formação de um sujeito que se altera através da interação com o outro, de discursos que o circundam, de culturas e práticas sociais. Dessa maneira, as diferentes formas de linguagem como a literatura, permitem ao sujeito interpretar diferentes visões de mundo, possibilitando compreender fatos e histórias sobre diversas realidades. A leitura auxilia no processo de desenvolvimento de um sujeito crítico, reflexivo que se transforma por meio daquela leitura.

Na infância, o contato com a literatura infantil traz à criança um mundo mágico, lúdico, que no processo de aprendizagem da linguagem é fundamental como meio de construção do pensamento, representação de mundo e desenvolvimento emocional. Segundo Abramovich (2005), através das histórias que as crianças escutam, conseguem compreender de forma mais clara, emoções que têm relação com o mundo, cultura, sociedade. A literatura infantil mostra de forma lúdica as diferentes emoções típicas da infância, como medos, inveja, amizade, carinho, curiosidade, dor, perda, além de ensinarem inúmeros assuntos. Com a literatura, a criança consegue descobrir outros lugares, culturas, pensamentos, jeitos de agir e de ser. A literatura dá ao sujeito conhecimentos de diversas áreas, além de se tornar um sujeito crítico. Neste sentido, quanto mais contato a criança tiver com os livros, mais desenvolvida será sua linguagem, pensamento, comportamento, desenvolvimento como um todo, e as chances dela se tornar um adulto leitor serão maiores. Por meio da literatura, a criança adquire uma postura crítico-reflexiva, extremamente importante à sua formação cognitiva, emocional.

A criança, em constante desenvolvimento, quando ouve ou lê uma história, sua linguagem se estrutura melhor, melhora a forma de se comunicar, realiza uma interação verbal, social, que neste caso, vem ao encontro das noções de linguagem de Bakhtin (1992). Para o filósofo, as trocas de ideias, de pensamentos em relação aos textos, têm sempre um

caráter coletivo, social que o sujeito se altera pelo discurso do outro.

Desta maneira, a literatura infantil é uma forma de comunicação, interação que segundo Coelho (2000, p.17), “é um fenômeno de linguagem resultante de uma experiência existencial, social e cultural.” A leitura é um processo no qual a criança consegue se desenvolver e estruturar sua linguagem, comportamento em que realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto. Segundo Coelho (2000), a leitura é um sentido de compreensão do mundo, de realidades sociais, culturais que auxiliam no desenvolvimento do ser humano.

O momento da leitura é um processo em que a criança consegue interpretar, compreender o mundo a partir de suas particularidades, vivências. A capacidade de interação com o outro através das palavras, dentro de contextos específicos, dá à criança subsídios para organização de seus pensamentos e comportamentos. De acordo com AGUIAR (2001, pg. 22):

Leitura é, basicamente, o ato de perceber e atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as circunstâncias. Ler é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade. (Aguiar, 2001, pg.22)

Podemos afirmar, pela citação de Aguiar (2001), a importância da leitura na aprendizagem e desenvolvimento da criança. O papel da literatura infantil, das trocas internacionais para formação e construção de um sujeito crítico-reflexivo. A literatura infantil tem o poder de influenciar na formação da criança, que passa a conhecer o mundo, sua realidade, diferentes culturas em que se expande o repertório vocabular, cognitivo, emocional do infante. Através da leitura a criança consegue compreender, reagir às suas emoções por meio dos personagens, moral da história infantil. Assim, vemos como a leitura promove o desenvolvimento emocional e intelectual do sujeito, em que o conhecimento se aprimora e as emoções são reconhecidas por meio da leitura.

A literatura infantil, como contos de fada, por exemplo, possibilita às crianças vivenciarem, explorarem sua imaginação, a emoção e a fantasia, assim facilita a compreensão dos sentimentos e emoções que sentem. É usar a realidade do mundo para despertar a imaginação, vivenciar o real e o irreal e fazer emergir emoções reais.

Com base em Vygotsky (2009) a imaginação se constrói e se transforma a partir de experiências de mundo do sujeito, o contato com diferentes realidades, culturas e que quanto mais vasta for a experiência, mais rica será sua imaginação. A imaginação pode fazer uso de experiências de outros sujeitos, por meio de diferentes contextos, gestos, expressões faciais, que o indivíduo a partir de suas impressões e com o uso da imaginação determina o que o outro está sentindo.

A literatura infantil é um meio de despertar na criança suas emoções e reconhecê-las, possibilitando reflexão de seus sentimentos, realidade do mundo. A criança precisa constantemente ser convidada para a escuta de histórias e para a criação das mesmas para estimular o raciocínio, reflexão e conseqüentemente o aprendizado. O trabalho pedagógico com os livros de literatura deve acontecer de maneira que desperte na criança sua imaginação, criatividade, os sentimentos, os anseios que são estimulados quando entramos em contato com a história.

A leitura na infância é extremamente importante no desenvolvimento da criança em todos aspectos cognitivos, emocionais, intelectuais, com temáticas que abordam a linguagem emocional, auxilia a criança a se encontrar e compreender o que sente. A criança necessita viver essas experiências para aprender, e precisa também que sejam oferecidas sugestões em forma simbólica, lúdicas sobre como ela pode lidar com as emoções, questões da vida. Quando em um conto de fadas, por exemplo, existe o bem e o mal, a moça guerreira, mostra a criança como esses sentimentos são, e vivenciar as vitórias e derrotas através da história faz com que a criança consiga enxergar suas emoções, angústias, medos por meio destas representações.

Segundo Costa (2005), a literatura infantil, como conto de fadas, estimula o subconsciente da criança dando a ela oportunidade de vivenciar a realidade com outros olhos e auxiliam no desenvolvimento cognitivo e afetivo das crianças (COSTA, 2005). A leitura proporciona à criança um desenvolvimento emocional, social e cognitivo responsável por sua formação de conhecimento de mundo.

Conforme aponta Bettelheim (1991), sob uma ótica da psicanálise, é importante que

nas histórias infantis se mostre à criança as dificuldades naturais da vida para que ela consiga compreender e contornar futuros obstáculos. Os contos de fadas ajudam a criança a enxergar essas dificuldades de forma lúdica, auxiliando-a a lidar melhor com suas emoções. Essa literatura também permite explorar as emoções como medos, anseios, frustrações das crianças, com o intuito de ajudá-las a encontrar soluções para os problemas que enfrentam na realidade. Nesse contexto, as histórias contidas nos diferentes gêneros textuais que se configuram na literatura infantil auxiliam no desenvolvimento emocional, físico e psíquico da criança.

Voltando-nos para leitura enquanto instrumento que possibilita que a criança se insira no mundo comunicativo e através da oralidade, gestos, consiga se posicionar, expor suas ideias, se relacionar contribuindo para seu desenvolvimento, destacamos a sua importância como ferramenta fundamental para que o ser humano se desenvolva e se coloque como sujeito crítico e reflexivo na sociedade. A leitura possibilita conhecimentos de mundo, culturas, histórias, despertando o interesse pela busca do conhecimento acerca de assuntos diversos no indivíduo.

A literatura infantil explora a linguagem visual, oral e a escrita e estão diretamente interligadas no momento em que a criança explora um livro. A partir dele é possível criar muitas possibilidades, ir além da imaginação, viajar e conhecer outras culturas, outros personagens, outras vivências e outras realidades além da que nos é familiar. A criança, com a sua imensa capacidade de criar, pode e deve ser incentivada a ser autora de suas próprias histórias, isso é acreditar no seu potencial, é trabalhar a sua autoestima, é trabalhar com emoções para que se construa o entendimento do que se sente.

A leitura, na educação infantil, é fundamental para construção de conhecimento, desenvolvimento emocional da criança, em que através do contexto social em que está inserida, aprende a desenvolver um pensamento crítico, formando cidadãos, através da literatura. De acordo com Vygotsky (1988) apud Silva e Arena (2012), a criança está em constante desenvolvimento intelectual, físico, emocional e moral, assim, ela passa a construir um processo de humanização a partir de suas experiências. A criança, através de suas relações sociais, vivências, se apropria do mundo, desenvolvendo uma forma de refletir sobre ele, aprendendo a se comportar e agir perante ele. Assim, a educação infantil tem o papel de

ajudar na construção de uma consciência humanizada, que valoriza o ser humano e que perceba como atuar na sociedade.

É através dos contatos sociais, culturais que a criança se desenvolve em sociedade, e a leitura é uma forma de comunicação para que possa desenvolver seus conhecimentos de mundo, suas emoções, através das narrativas que podem auxiliar no desenvolvimento da criatividade infantil e de sua habilidade de interpretação.

Para Sousa (2004), as primeiras experiências que as crianças têm com os livros devem ser impulsionadas pelos adultos, ou seja, pais, professores. É fundamental despertar a curiosidade que a criança já possui, transformando a leitura num processo lúdico, criativo e reflexivo, que chame a atenção da criança. Os professores e familiares precisam estimular a imaginação da criança, usar a leitura para desenvolver a oralidade, raciocínio e criatividade da criança. A literatura infantil é o caminho que leva a criança a desenvolver a imaginação, emoções, e sentimentos proporcionando um desenvolvimento social e emocional da criança. Quanto antes a criança tiver contato com leituras, livros, maior será seu interesse pela leitura e de se tornar um adulto leitor (COSTA, 2005).

Dessa maneira, vemos a importância do adulto e do professor em sala de aula para incentivo à leitura na educação infantil. O papel do professor, como mediador de conhecimento, é orientar a criança, seu aluno, a compreender todo o processo da leitura, explorar de maneira lúdica as emoções para o desenvolvimento emocional e intelectual da criança. Cury (2004) destaca que o professor deve auxiliar o aluno a pensar antes de agir, a enfrentar seus medos através da criação de histórias, fazendo com que o aluno consiga lidar com suas próprias emoções. Por meio das histórias, leituras o professor além de transmitir conhecimento a criança, concede a ela desenvolvimento da criatividade, estimula a sabedoria, capacidade de resolução de problemas, transformando a criança em um indivíduo crítico, socializado. Cury (2004), diz:

Educar é contar histórias. Contar histórias é transformar a vida na brincadeira mais séria da sociedade. A vida envolve perdas e problemas, mas deve ser vivida com otimismo, esperança e alegria. Pais e professores devem dançar a valsa da vida como contadores de histórias (Cury, 2004, p. 132).

A compreensão de problemas emocionais durante a infância dá à criança recursos de como lidar com frustrações, medos, fornecem a capacidade para os resolvê-los com

autonomia e sabedoria. Segundo Santos (2002), os contos de fada, como literatura infantil, estimulam autoestima, confiança, controle das emoções que são fundamentais para o desenvolvimento do ser humano. Desta maneira, a literatura infantil tem o papel de:

Socializar, recrear, formar, informar, educar a atenção, enriquecer a linguagem, estimular a imaginação e a inteligência, despertar emoções, desenvolver o sentimento de compreensão e a simpatia humana e despertar o senso estético artístico-literário, formar o hábito da leitura, sobretudo ensinar a “ouvir” (Carvalho, 1987, p.57).

A atividade de leitura, contação de histórias na infância, desenvolve o hábito da escuta, de ler, raciocinar, percepção, memória, criatividade, linguagem, emoções e sentimentos da criança. Ou seja, a literatura infantil desenvolve as funções psíquicas superiores da criança e possibilita uma rica fonte de ensino para o professor e de aprendizagem para o aluno na educação infantil.

Para que professores possam trabalhar com o desenvolvimento emocional na infância, é necessário trazer leituras que abordam a temática de uma forma lúdica, natural, que a criança consiga compreender as emoções, expressá-las, para desenvolver no aluno as capacidades socioemocionais. Professor, pais na leitura com seus filhos, alunos, deve abrir espaço para o diálogo da criança, para que ela reflita e interprete de acordo com sua visão de mundo o que compreendeu da leitura. De acordo com cada faixa etária, a literatura deve explorar a criatividade, reflexão, raciocínio lógico, imaginação e compreensão de emoções e sentimentos por parte da criança.

Ao compreendermos que a literatura contribui para a formação da criança e desperta as diversas emoções, imaginação e criatividade, em especial o conto, histórias fantasiosas, que possibilitam a compreensão de emoções e conflitos internos. A literatura nos possibilita penetrar no pensamento da criança, tocando-o com suas emoções de maneira compreensiva, auxiliando-a no processo de compreensão dos sentimentos. A literatura infantil desperta a compreensão da emoção e imaginação na infância, possibilitando a reflexão de elementos reais a partir da fantasia da história contada. O professor deve estimular o diálogo entre as crianças, deixando-as criar suas histórias e refletir sobre o tema abordado. Para existir a reflexão, o professor precisa trabalhar com a literatura, histórias a fim de estimular na criança a criatividade e imaginação, despertando diversos conhecimentos, sentimentos, os anseios que

são estimulados quando entramos em contato com a história.

O incentivo à leitura, a construção do objeto conceitual ler se faz ao longo dos anos escolares e fora dela também, principalmente com a participação da família da criança. É notório que o incentivo deve ser compartilhado pela escola e pela família, pois ambos são cenários importantes neste contexto. O conhecimento de mundo também auxilia na leitura, bem como na escolha do estilo literário.

Desenvolver o interesse e o hábito pela leitura é um processo constante, que começa muito cedo, em casa, aperfeiçoa-se na escola e continua pela vida inteira. Existem diversos fatores que influenciam o interesse pela leitura. A criança que ouve histórias desde cedo, que tem contato direto com livros e que seja estimulada, terá um desenvolvimento favorável ao seu vocabulário, bem como a prontidão para a leitura.

De acordo com Bamberguerd (2005) a criança que lê com maior desenvoltura se interessa pela leitura e aprende mais facilmente, neste sentido, a criança interessada em aprender se transforma num leitor capaz. Sendo assim, pode-se dizer que a capacidade de ler está intimamente ligada à motivação. Infelizmente são poucos os pais que se dedicam efetivamente em estimular esta capacidade nos seus filhos. Outro fator que contribui positivamente em relação à leitura é a influência do professor. Nesta perspectiva, cabe ao professor desempenhar um importante papel: o de ensinar a criança a ler e a gostar de ler.

Professores que oferecem pequenas doses diárias de leitura agradável, sem forçar, mas com naturalidade, desenvolverá na criança um hábito que poderá acompanhá-la pela vida afora. Para desenvolver um programa de leitura equilibrado, que integre os conteúdos relacionados ao currículo escolar e ofereça certa variedade de livros de literatura como contos, fábulas e poesias, é preciso que o professor observe a idade cronológica da criança e principalmente o estágio de desenvolvimento de leitura em que ela se encontra.

Num mundo tão cheio de tecnologias em que se vive, onde todas as informações ou notícias, músicas, jogos, filmes, podem ser trocados por e-mails, cd's e dvd's o lugar do livro parece ter sido esquecido. Há muitos que pensam que o livro é coisa do passado, que na era da Internet, ele não tem muito sentido.

Se o professor acreditar que além de informar, instruir ou ensinar, o livro pode dar prazer, encontrará meios de mostrar isso à criança. E ela vai se interessar por ele, vai querer buscar no livro esta alegria e prazer. Tudo está em ter a chance de conhecer a grande magia que o livro proporciona. Enfim, a literatura infantil é um amplo campo de estudos que exige do professor conhecimento para saber adequar os livros às crianças, gerando um momento propício de prazer e estimulação para a leitura. O desenvolvimento de interesses e hábitos permanentes de leitura é um processo constante, que principia no lar, aperfeiçoa-se sistematicamente na escola e continua pela vida afora.

Assim, para que exista um desenvolvimento emocional afetivo, é importante que as escolas, professores levem a leitura de histórias, para que a criança consiga visualizar, falar sobre suas emoções, através de personagens abordados na história bem como a transmissão de valores, defendendo ainda que são estes que delimitam o saber consciente das emoções, uma vez que os valores transmitidos dentro de uma determinada cultura irão definir reações emocionais expectáveis (Mayer & Salovey, 1999, p. 34-36).

#### 4. 2 Literatura e emoções: a importância de nomear os sentimentos para o desenvolvimento emocional da criança

Bahktin (1992, p.90) nos mostra que o valor de qualquer enunciado é determinado pelas formas de interação social, do contexto que os indivíduos estão inseridos. Ou seja, a realidade do sujeito, suas ideologias, culturas é que formam sua forma de pensar e dizer. Nesse sentido, a linguagem é vista como fenômeno sociocultural, histórico, tornando-se a língua inseparável do contexto, realidade do mundo.

A criança quando nasce já está em um meio social, cultural e histórico sendo base para seu desenvolvimento cognitivo, motor que se refletirá, em grande parte, em seu comportamento a longo prazo. Cada experiência, realidade social, permite que o sujeito construa aspectos singulares de comportamentos, formas de comunicação, relações sociais afetivas ou não. As relações sociais, formas de comunicação, refletem o mundo de cada

indivíduo.

Para Bakhtin (1986), o social está presente e vivo na linguagem a todo momento, sendo que em um mesmo enunciado estão presentes diversos pensamentos, visões de mundo, repleto da fala de outros, em um dialogismo<sup>1</sup> constante. A palavra é a forma que a criança tem de se colocar como sujeito no mundo, através de suas experiências ao longo de seu desenvolvimento. É através da interação, das relações sociais que a criança adquire as palavras construindo sentido através de perguntas que faz aos pais, familiares e através de diferentes formas de comunicação, passando a formar sua consciência e pensamento. Na perspectiva vygotskyana e bakhtiniana, o que explica o desenvolvimento da linguagem são as relações e interferências sócio históricas, culturais de uma sociedade.

Luria (1986) ressalta que a palavra é o elemento fundamental da linguagem, com função de designar objetos, ações, categorias ou seja "a palavra codifica nossa experiência" (p. 27).

Para Vygotsky, a aquisição da palavra, da linguagem pela criança dá forma ao pensamento, consciência, imaginação, estruturas e formas de como agir e se comportar expressando seus sentimentos por meio das palavras, modificando as funções mentais superiores. Dessa forma, a linguagem organiza nossas experiências históricas, sociais, com função de desenvolver a cognição, reorganizar estruturas no cérebro que estão em construção.

De acordo com Vygotsky, o desenvolvimento cognitivo ocorre de acordo com suas experiências, história social, cultural, ou seja, nossa capacidade de comunicação, ação, raciocínio, emoções, são construídas nas relações com os outros. E neste processo do desenvolvimento cognitivo, a linguagem entra com o papel de como a criança vai construir seu pensamento, estruturar formas de agir e falar através da palavra.

Para Luria e Yudovich (1985), a palavra atua sobre a mente da criança, enriquecendo e estimulando suas diferentes percepções e formando sua consciência. Vygotsky e Luria (1986), ressaltam o poder da palavra do adulto na criança em questão de subordinação: quando o adulto instrui a criança a fazer ou dizer algo, esta instrução regula suas ações e comportamentos, ou seja, organiza suas estruturas cognitivas e dá a ela uma nova forma de pensar, raciocinar e agir. Luria diz que "Esta subordinação das reações da criança à palavra de

<sup>1</sup> O Dialogismo proposto por Bakhtin é constituído por relações entre índices sociais de valores que constituem o enunciado, compreendido como unidade da interação social.

um adulto é o começo de uma longa cadeia de formação de aspectos complexos da sua atividade consciente e voluntária" (Luria, 1986, p. 13).

Luria (1986) destaca que "além da função cognoscitiva da palavra e sua função como instrumento de comunicação, há sua função pragmática ou reguladora; a palavra não é somente um instrumento de reflexo da realidade, é o meio de regulação da conduta" (p. 95-96). A palavra tem o poder de regular nossas ações, comportamentos, emoções, regulando e estruturando o pensamento no momento de dizer algo, expressar suas emoções e sentimentos. A atividade cognitiva é reorganizada através de cada nova experiência que a criança, sujeito tem com o meio social

Segundo Daniel Siegel (2011), a parte esquerda do cérebro da criança, responsável pelo raciocínio, a linguagem está em formação e inicialmente, como um ser em desenvolvimento e por não ter a linguagem completa, a criança se apoia nos gestos e linguagens de seus pais. O pai ou a mãe nomeia, aponta objetos, instruindo a criança que, com caráter passivo e capacidade de atenção voluntária realiza a ação de pegar o objeto. Com o desenvolvimento da linguagem, a criança passa de passivo a sujeito ativo, estruturando sua cognição, pensamento em que ela mesmo já consegue nomear, identificar os diferentes objetos ao seu redor. "A ação, antes compartilhada por duas pessoas, se converte em procedimento de organização da atividade psíquica, a ação interpsicológica adquire uma estrutura intrapsicológica" (Luria, 1979c, p. 58).

Dessa forma, é na interação com a família, com os estímulos dos pais que ocorre o primeiro contato da criança com a linguagem. Os pais, por meio da linguagem, orientam os filhos a determinadas ações como: "olha o pássaro", "busca seu chinelo", orientando ações e atenção da criança, conseqüentemente organizando a parte esquerda do cérebro responsável pela fala. Assim, os pais ajudam os filhos "(...) separando a coisa nomeada

do fundo geral, organiza com a ajuda de sua própria linguagem os atos motores da criança" (Luria, 1979, p. 95). A criança entre 2-3 anos, já consegue nomear objetos quando questionada, mas o processo do ato motor, ações da criança ainda está ligada à linguagem dos pais.

Por volta dos 4 anos, no momento em que a linguagem é interiorizada pela criança, sendo capaz de dominar a língua, se comunicar com inteligibilidade, a criança consegue

através da linguagem autorregular suas ações, comportamentos, desenvolvendo a ação voluntária consciente, que segundo Luria (1979) é a forma do sujeito se manifestar para alcançar um fim determinado conscientemente. A ação voluntária consciente na criança se desenvolve através da mediação do pensamento verbal.

Nosso cérebro está em constante transformação e em contato com o meio social, se modifica reestruturando o pensamento. Mediante a interação com o adulto, relações sociais, o cérebro da criança se desenvolve através destes contatos em diferentes ambientes. Vários estudos mostram que na primeira infância, 0 a 6 anos, o cérebro se desenvolve a uma velocidade incrível sobre os estímulos e interações com a família, pais, professores e outras crianças. Pelo ambiente, contexto, interação com outras crianças, pessoas, o cérebro se desenvolve e o infante consegue, aos poucos, se comunicar, entender seus sentimentos e expressá-los pela linguagem.

As interações sociais impulsionam as atividades cerebrais, se uma criança deixar de ter contato, estímulos suficientes, muitas ligações neurais não se formam devido à falta de interação, afetando seu desenvolvimento e aprendizado. O desenvolvimento do ser humano é contínuo e contato com diferentes estímulos sociais, culturais que (re)organizam sua forma de pensar e agir. A partir das experiências vivenciadas, principalmente na primeira infância, moldam as habilidades socioemocionais e biológicas da criança até a vida adulta. Nos dados coletados da minha pesquisa falarei um pouco sobre como o meio influencia e molda nossa forma de pensar e agir.

Como a criança está em fase de desenvolvimento, quanto mais os pais, professores estimularem a linguagem mais a criança conseguirá compreender o que sente. A linguagem permite que nos encontremos no mundo e para conseguir identificar as emoções precisamos aprender a nomeá-los e entender o contexto daquela emoção.

A partir de atividades lúdicas, leituras, palavras que dizem sobre as emoções, dá ao cérebro da criança a capacidade de categorizar, organizar e estruturar a formação da parte esquerda do cérebro, fazendo com que a criança compreenda a emoção sentida para que possa lidar melhor com elas de forma mais flexível. Uma linguagem adequada, com palavras que os pais, professores expliquem sobre cada emoção permite que a criança se expresse e entenda seus sentimentos e consiga agir de forma mais racional.

As palavras vão sendo internalizadas pela criança formando uma série de redes neurais e de associações que dão a ela a formação do pensamento e raciocínio. A linguagem aprendida por meio de conceitos estabelecidos culturalmente guia o cérebro na hora de se comunicar, agir. A partir da linguagem, o sujeito consegue alterar o que sente e como pensa.

É pelas relações sociais que os conceitos de cada palavra são construídos, e por meio desses conceitos que se despertam a subjetividade de cada sujeito. Dessa forma, percebe-se que a formação do conceito coexiste socioculturalmente e no plano cognitivo, subjetivo do sujeito. Portanto, trata-se de um processo de (trans)formação e mudança do conceito do social para o cognitivo (estrutura mental) do indivíduo que, segundo Leontiev (1975, p. 135) ocorre pelo movimento de inserção dos conceitos e atribuição de sentido atribuídos pela experiência de mundo do sujeito sobre determinado conceito. Assim, o conceito permite que o sujeito compartilhe socialmente seus sentimentos através das palavras, e no âmbito cognitivo, representa as diversas vivências e experiências sobre dado conceito. Sentido e conceito estão interligados e um necessita do outro para desenvolvimento emocional, dos sentimentos e consciência.

Na obra *Las emociones y los sentimientos* (Smirnov et al., 1969), Smirnov pactua com a filosofia de Vygotsky sobre emoções. Procura mostrar sua visão de que as emoções são determinadas por relações socioculturais. Para Smirnov (1969), as emoções se transformam e se desenvolvem pelas interações sociais. O meio que vivemos modifica e molda a personalidade. Segundo o escritor, o ser humano deveria ser educado para lidar com as emoções, com o intuito de se posicionar no mundo, seu comportamento, forma de dialogar, a fim de se tornar uma pessoa melhor.

A partir da Teoria Histórico-Cultural, o indivíduo é modificado e modifica sua realidade. Para Smirnov (1969), a maneira de como agimos perante acontecimentos, em diversos contextos, é determinada por nossas emoções. A capacidade de sentir origina-se de relações contextuais que o sujeito internaliza e em sua subjetividade compreende de acordo com suas experiências. Smirnov diz que não são todos estímulos do mundo externo que ocasionam algum tipo de ação ou comportamento, mas somente algo que o sujeito veja como uma necessidade ou motivo de agir sobre determinada situação.

Para Vygotsky, a historicidade faz parte também do desenvolvimento e modificação

dos sentimentos e emoções, pois a história faz parte do desenvolvimento da humanidade. Com a história se modificando ao longo dos anos, os conceitos e as emoções também se transformam de acordo com cada época: "Aquilo que em uma época histórica provocava sentimentos especiais nos membros de uma classe social determinada, pode provocar sentimentos opostos nos membros de outra classe social e em outra época histórica" (Smirnov, 1969, p. 359).

Além da história, as emoções estão ligadas às experiências de vida, cultura, classes sociais, educação a que cada pessoa convive. De acordo com Smirnov (1969, p. 364), "Nos diferentes meios sociais os sentimentos se manifestam de maneira distinta". A forma como a qual se vive em sociedade, como se organiza, regula a maneira de como nos comportamos. Se gritarmos com uma criança, ao invés de ajudá-la a compreender e acolher seus sentimentos, ela terá experiências frustrantes sobre determinada emoção. Nossas relações sociais nos moldam e somos responsáveis pelo desenvolvimento emocional da criança que ainda não os conhece, dependerá de suas vivências em sociedade, ambiente escolar e familiar para enriquecer suas experiências emocionais.

Zavialoff (1998) em seguimento às pesquisas sobre emoções nas obras de Vygotsky, no seu prefácio da edição francesa de *Teoria das emoções* aborda as ideias de Vygotsky juntamente com as de Bakhtin, sobre a linguagem e o pensamento humano na concepção das emoções.

Zavialoff (1998) mostra como Vygotsky relaciona o carácter biológico e social no desenvolvimento das emoções/sentimentos. Possui uma função biológica (característica inata de cada ser humano), porém em relação ao social como meio de regulação, orientação do comportamento instintivo e transformação da personalidade do sujeito. Vygotsky não privilegia um ou outro, mas que ambos se complementam. No social, expressamos nossa emoção pela linguagem (palavra, gesto) que é carregada pelas experiências (plano subjetivo) mas que, fora constituída no âmbito sociocultural. A linguagem tem a função de organizar as emoções em nossa mente e por meio dela expressá-las, e possui o papel de regular as funções fisiológicas e psicológicas. Para Zavialoff, Vygotsky sentiu necessidade de se estudar as emoções no âmbito do pensamento e linguagem pois uma está interligada a outra na constituição das emoções. Cada palavra é responsável pela construção das emoções no ser humano, em que se situa o social, cultural, história e biológico.

Como as emoções fazem parte da função psicológica superior, elas são também mutáveis pois "(...) a serviço de uma transformação não somente do mundo, mas também do sujeito, de acordo com certas estratégias cognitivas e emocionais específicas" (Zavialoff, 1998, p. 24). As nossas emoções se modificam juntamente com o desenvolvimento e transformação do sistema nervoso. Vygotsky defende que as manifestações fisiológicas das emoções também são determinadas socialmente. Para mostrar isto, Vygotsky (2004) cita o exemplo da serpente, que pode causar diferentes reações como medo, pavor se o animal é socioculturalmente associado com algo perigoso. Já em algumas culturas orientais, a serpente é vista como um “deus”. Dessa forma, vemos que as emoções estão relacionadas a questões intersubjetivas (social) e intra subjetivas (cognição) da palavra pelo sujeito (Zavialoff, 1998).

Dessa forma, as emoções são despertadas em nós, seres humanos, através da linguagem, pelo meio social que vivemos. Para Bakhtin (1992), a linguagem reflete o cotidiano, as diferentes épocas, históricas e grupos sociais. Nessa ótica, cada um de nós encontra diferentes dizeres, modos de pensar elucidados por diferentes pessoas. O falante possui diversos discursos, palavras interiores que compõem suas emoções e pensamentos. “A palavra” é a revelação de uma reflexão interior do sujeito que se confrontou com outras palavras no âmbito social. Vemos que a linguagem se altera conforme o passar do tempo, e do mesmo modo que a linguagem se modifica, as emoções também se transformam. A palavra “amor” em tempos passados e de casamentos forçados, poderia surtir um outro tipo de emoção no falante, como sentimento de repulsa, por exemplo. As palavras são o alimento da consciência de cada ser humano. Sem o contexto social, ideológico, ela não existiria, nem as emoções. Somente nos restaria as características instintivas e fisiológicas.

Para Bakhtin (1992), o diálogo é um “encontro e a incorporação de vozes”, ou seja, a palavra do outro é responsável pelo desenvolvimento da minha consciência, pelas minhas emoções. Pela presença e relação com o outro o sujeito se altera e se (trans)forma. Uma única palavra dita em contextos diferentes, para pessoas distintas pode ser interpretada de formas distintas. Pode despertar diferentes sentimentos no sujeito.

A partir dos pressupostos de Bakhtin e Vygotsky e outros teóricos da Psicologia e Linguística podemos considerar que as emoções são constituídas no social, cultural em conjunto com o aparato biológico. E pela mediação da palavra a consciência e o conhecimento são desenvolvidos. Pela palavra o conceito de emoção é construído e surge o

sentimento interiorizado no cognitivo do sujeito. Desse modo, a linguagem é decorrência da cultura, história, sociedade, e responsável por constituir nossas emoções e despertar os sentimentos.

O ambiente escolar, a mediação do professor juntamente com os familiares por meio da linguagem, faz com que a criança entre em contato com os diferentes conceitos de emoções, apropriando-se e conseguindo compreender seus sentimentos. Segundo Vygotsky “de modo similar ao que acontece na história de uma língua, a transformação de significados, também ocorre no processo de aquisição da linguagem pela criança.” (Vygotsky 1998 a: 49). A presença de elementos mediadores como a linguagem, interação com adultos é fundamental para o desenvolvimento emocional da criança. Portanto, o comportamento das crianças é influenciado pelo meio em que se encontram. Com a internalização da linguagem e seu uso, poderão organizar seus sentimentos, compreendê-los e expressar por meio da palavra suas emoções, ao invés de gritar, bater, morder que são reações instintivas e naturais do corpo humano com o intuito de reagir a algum estímulo externo ou interno.

Estudos recentes de Pons, Harris e Rosnay (2003) sobre linguagem e desenvolvimento emocional, mostraram que crianças que obtiveram mais contato com conceitos de emoção, em que pais, professores auxiliaram a entender e dominar determinado sentimento, apresentam melhor compreensão emocional. Por meio da comunicação com os adultos, a criança expande sua capacidade linguística e adquire palavras que possam expressar suas emoções e compreender seu próprio estado emocional e dos demais que a cercam. Há muita evidência que destaca a importância da comunicação entre pais e filhos sobre as emoções. Durante a primeira infância, fase de 0 a 6 anos, a criança possui maior plasticidade cerebral, que é a capacidade de transformação do cérebro em decorrência aos diferentes estímulos e vivências em sociedade. É essencial que os pais, familiares, durante essa fase conversem sobre as emoções, as nomeiem para que seus filhos desenvolvam conhecimentos acerca das categorias de emoções e consigam lidar com seus sentimentos na fase adulta. Estas investigações mostram que os pais transferem para seus filhos seus conhecimentos quanto à conceitualização emocional.

Lindquist, MacCormack y Shablack (2015), relatam que crianças, cujos pais utilizam mais palavras sobre emoção aos 18 meses de idade, produzem mais termos de emoção aos 24 meses. As explicações dos pais sobre o que estão sentindo servem como mediação para as

crianças identificarem e descrever as mesmas experiências em si mesmas e nos outros. Já os pais que não possuem conhecimentos conceituais sobre a emoção, ou que tem dificuldade para comunicar sobre determinado sentimento, o desenvolvimento do conhecimento conceitual sobre a emoção de seus filhos será menor. Esta criança conseqüentemente terá dificuldade em se expressar por meio de palavras seus sentimentos, poderá se irritar facilmente, morder, gritar, utilizar aspectos instintivos e fisiológicos ao invés da língua.

A mente da criança carece de auxílio para conseguir se orientar e organizar suas ideias, emoções, justamente pela fase de desenvolvimento da linguagem a qual se encontra. Ela ainda é imatura cognitivamente e seu desenvolvimento emocional precisa de anos de experiências até gerar, através da linguagem, uma consciência emocional para conseguir lidar com seus sentimentos. A criança é ansiosa por natureza, pois não consegue fazer abstração da linguagem para ter uma reflexão completa da palavra. Tudo para ela é imediato, não entende passado e futuro na língua. Somente com o passar dos anos e maturação cognitiva, conhecimentos construídos em sala de aula que a criança vai conseguir abstrair e compreender por completo a palavra e seu conceito. A linguagem tem a função de regular nossas ações e nos coloca como sujeitos no mundo

As estruturas cognitivas da criança de 0 a 4 anos ainda são limitadas para reflexão e entendimento de algum trauma ou decepção, pois não tem conceitos suficientes e palavras que possam ajudar a fazer esse papel de refletir e saber lidar diante de uma situação traumática. Assim, o papel do adulto, professor, é trabalhar com conceitos de emoção para que a criança consiga entender seus sentimentos. Repassar a ela todo conhecimento possível sobre as emoções e ajudá-la a lidar e compreender, por meio da nomeação das emoções. Porém não basta só falar, pois as crianças se espelham nos adultos, então, precisamos dar exemplo pessoal, além de conversar sobre as emoções. Dessa forma ao explicar, nomear as emoções ajudamos as crianças a entenderem o que estão passando e saber controlar seu comportamento por meio do diálogo.

Vygotsky (1994/2004) revela que a consciência se (trans)forma pela mediação da palavra e seu significado. Por meio da palavra e seu conceito é que se estrutura a consciência e suas emoções. Pelo diálogo, cultura e história que constroem e despertam as emoções. É pelo uso da palavra, motivo de sua escolha que as emoções surgem e se afluam.

Segundo Daniel Siegel, médico e professor de Psiquiatria na Faculdade de Medicina

da Universidade da Califórnia (UCLA) e seu livro *The Whole-brain Child* (2011), o neocórtex, responsável pelo planejamento, reflexão, pensamento lógico, ainda está em formação na criança. Até os 4 anos, os dois hemisférios do cérebro da criança não trabalham de forma conjunta. O lado esquerdo que é responsável pelo pensamento lógico, linguagem, reflexão, o direito emocional e não-verbal. Nas crianças, o lado direito é dominante e por isso reagem através de suas emoções frente a determinados contextos.

As crianças não têm desenvolvido por completo o lado esquerdo do cérebro, assim possuem dificuldades para expressarem suas emoções através da linguagem, vivem no presente e por isso são imediatistas e querem tudo no agora. Isso explica por que choram querendo brincar até tarde, não querem dormir ou simplesmente não querem sair do banho. Dessa forma, quando a criança estiver chorando, gritando, cabe a nós, adultos, ajudá-la a entender seus sentimentos, traduzindo em palavras, nomeando as emoções que ela não consegue descrever, pois seu hemisfério esquerdo do cérebro não está no comando.

Diga frases como: “Eu sei que está triste porque não está vendo seus amigos, professora da escola, mas logo tudo vai passar”. “Eu sei que está chateado, mas o que podemos fazer para ficar divertido de novo? Eu sei que está bravo...” isso vai contribuir para o desenvolvimento do hemisfério esquerdo, responsável pela reflexão, raciocínio, e a criança aos poucos compreende suas emoções e consegue expressá-las por meio das palavras.

Destacamos a importância de professores, pais, dialogarem com seus filhos sobre as emoções. Para entender e expressar as próprias emoções, é necessário a linguagem, a palavra para organizar os pensamentos e sentimentos. A linguagem representa a cultura, dessa forma, as emoções são construídas no âmbito social e cultural. A linguagem determina a maneira de pensar. Os conceitos de emoção são construídos e internalizados de formas distintas para cada pessoa. A criança para ter um desenvolvimento conceitual de emoção precisa ser amparada e ter suporte de um adulto para conseguir compreender e desenvolver o conhecimento de suas emoções.

Diversos estudos destacam a importância da educação emocional para crianças. Uma investigação de Brackett, Reyes, Rivers (2012) “Classroom emotional climate, student engagement, and academic achievement.”, realizada pelo centro de inteligência emocional em Yale, analisou 63 salas de aula e 1.399 alunos do quinto e sexto ano em que foram trabalhados conceitos emocionais em sessões de meia hora por semana, por 2 anos e avaliaram os

desempenhos acadêmicos e sociais. Tanto no desempenho acadêmico como social, os alunos que participaram da pesquisa apresentaram melhores resultados que alunos que não tiveram instrução emocional.

Em outra pesquisa de Kashdan, Barrett, McKnight (2015) “Unpacking Emotion Differentiation: Transforming Unpleasant Experience by Perceiving Distinctions in Negativity” nos dados obtidos, eles relatam que quem possui um vocabulário sobre emoções, que teve mais contato sobre sentimentos apresentam mais facilidade em regular suas emoções têm menos probabilidade de recorrer a estratégias autorregulatórias mal adaptativas, como consumo excessivo de álcool, agressão e comportamento autolesivo; mostram menos reatividade neural à rejeição; e experimentam ansiedade e transtornos depressivos menos graves.

A família é a base fundamental para esse processo de construção emocional, a criança tem como referência o que aprende em casa e leva consigo estes aprendizados. Podemos dizer em uma educação socioemocional o desenvolvimento de competências socioemocionais, que segundo Duncan et.al (2007), são fundamentais para a criança obter sucesso ao longo de sua vida. As competências socioemocionais são habilidades que a criança adquire com o meio social, conseguindo identificar e entender suas emoções, demonstrar empatia ao próximo, saber agir e expressar adequadamente perante dificuldades. Em investigação, Durlak et al. (2011), relata que programas de aprendizagem socioemocional desenvolvidos em escolas auxiliam no desenvolvimento destas competências nas crianças e ajudam professores a melhorarem suas performances no ensino (Durlak et al., 2011).

Dessa forma vemos que trabalhar com a educação emocional tem como principal objetivo ensinar e desenvolver na criança a capacidade de compreender o que está sentindo e reconhecer o sentimento. Com a compreensão das emoções e o que se sente, as crianças conseguirão, através da linguagem autorregular seus comportamentos, ações, desenvolver paciência, respeito e controle de suas emoções ao longo da vida.

As emoções se desenvolvem ao longo da vida do sujeito em contato com o meio que vive, mas é na infância e na base familiar que implicará o desenvolvimento emocional saudável da criança. Como vimos anteriormente, existem diversos estudos que nos mostram que o ensino sobre as emoções na infância é extremamente importante para o

desenvolvimento da criança e que se repercutirá durante toda a sua vida.

Os pais, em conjunto com a escola, devem buscar ensinar e ajudar a criança a compreender sobre suas emoções, nomeando-as, ilustrando com atividades apropriadas para cada idade que estimulem o aprendizado efetivo. Ajudar a criança a entender suas emoções, e expressá-las verbalmente, estabelecendo uma relação entre pais e professores para que este desenvolvimento socioemocional seja completo. Com isto, a criança terá um autocontrole de suas ações perante ambientes estressantes, conseguirá entender e utilizar das palavras para expressar o que sente. São habilidades cognitivas que vão sendo construídas gradativamente e em contato com o meio social, pais, escola que vão auxiliar ao longo de toda a sua vida.

O ambiente familiar é a base principal de aprendizado de uma criança. Logo, o comportamento, ações de seus pais refletem no comportamento da criança. As emoções são biológicas e, também, modeladas pelo meio sociocultural formando o pensamento do indivíduo. Acontecimentos históricos podem influenciar nossas emoções, meio que vivemos, cultura, forma de comunicação, as pessoas ao nosso redor influenciam nossas emoções, ações sobre o mundo. Vemos a relevância do papel dos adultos na relação com as crianças, a importância da interação e socialização delas com o meio social, principalmente na primeira infância (0-6 anos). Nesse sentido, o papel que os professores, juntamente com os pais, têm muita importância na elaboração de estratégias de estudos para desenvolver habilidades socioemocionais para fazer parte da vida da criança.

Na educação infantil o suporte e acolhimento familiar é peça fundamental para o desenvolvimento da criança. Trabalhar com projetos voltados às emoções na infância em conjunto escola e família dando continuidade no ambiente familiar ao que foi aprendido em sala de aula. União entre pais e professores em que a escola auxilia a família a construir consciência emocional em seu filho. Desta maneira, se cria vínculos familiares, escola e pais trabalham em conjunto para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e sócio emocional da criança.

## 5 CAPÍTULO 4

### 5. 1 Relação escola e família no desenvolvimento da criança em meio a pandemia de Covid-19

O mundo vivencia um enorme desafio, cercado por medos, incertezas e insegurança. O Coronavírus foi descoberto em 31/12/2019 após casos registrados na China, cidade de Wuhan. Segundo o Ministério da Saúde no Brasil, ele foi confirmado em 26 de fevereiro de 2020, desde então o Brasil entrou em isolamento social como forma de conter o vírus. Escolas fechadas, economia parada, o mundo parou. Como nos adaptar? Se, em alguns momentos, é complicado para nós, adultos, compreendermos a situação, como estão as crianças em meio a tudo o que está acontecendo?

Como dar continuidade ao desenvolvimento infantil em meio ao isolamento? Creio que foi esta indagação que muitos professores da educação infantil fizeram. Insegurança, incertezas de como ajudar nossos pequenos e suas famílias.

Anteriormente vimos que as relações sociais, a base familiar é fundamental para o desenvolvimento da criança, sua capacidade de aprender, adaptar-se bem emocionalmente às mudanças e demonstrar compreensão em situações difíceis. De acordo com Rego (2003), a escola e a família contribuem para a formação do cidadão em seus aspectos sociais, políticos e educacionais. A parceria entre professores e pais é responsável pela transmissão e construção do conhecimento na criança, desenvolvendo e estruturando as formas de funcionamento psicológico, de acordo com as experiências de cada indivíduo. Portanto, a família e a escola são fundamentais para evolução do ser humano, atuando em seu crescimento sócio emocional, intelectual e físico.

Creio que diferente de muitos estudos, a relação escola e família na educação infantil principalmente, vai além de ser somente uma instituição que envolve tarefas formais (atividades escolares, leituras etc.), espaço de aprendizado. É um espaço que envolve desenvolvimento do ser humano como um todo em sua estrutura cognitiva, sociocultural, intelectual, juntamente com o ambiente familiar. As famílias em conjunto com a escola

possuem a grande oportunidade de dar à criança a oportunidade de experienciar novos olhares sobre a realidade, cultura desenvolvendo seu pensamento, aprendizagem como sujeito (Rego, 2003; Szymanski, 2001).

Para Szymanski (2001) o conceito de família é assumir um compromisso com pessoas que se escolheu conviver, lhes dando afeto, cuidado. A escola, o professor como parte integrante deste processo de cuidado e acolhimento com sua função de desenvolvimento e aprendizado da criança adentra, também, na formação da vida social, intelectual, cultural, emocional do infante, por esse motivo no processo de desenvolvimento na infância é fundamental o trabalho em parceria entre escola e família em que ambos se voltem para esse pequeno ser em constante (trans)formação.

De acordo Tardif (2010), cabe ao professor docente uma reflexão contínua sobre suas práticas de ensino, investir e rever suas experiências ao longo da profissão. Como mediador de conhecimento e aprendizagem, o professor, como ser humano, carrega também suas ideologias, crenças que o formaram. A função do professor como participante da formação intelectual, social, emocional da criança é usar sua sensibilidade que vai além de seu próprio conhecimento e da sua prática de ensino para estimular a criança a refletir, não ser um mero repetidor. O professor precisa ser mais do que um transmissor de conhecimentos e passar a atuar com a intenção de realmente preparar os alunos para serem conscientes e responsáveis em sua forma de sentir, de pensar e de agir.

Na aprendizagem humana e desenvolvimento socioemocional, a família tem a raiz principal que liga o comportamento do indivíduo, modelos de pensamento, ideologia, relação social e interpessoal. As experiências familiares propiciam a formação de determinados comportamentos, refletem ações e resoluções de problemas de acordo com o que vivenciam. Essas vivências interferem no modo como o sujeito organiza e estrutura as formas de pensar, agir e de sua interação social. E a estrutura familiar, como raiz, afeta a construção do conhecimento, formas de interação, comportamentos, comunicação do sujeito. Portanto, ela é a base para transformações sociais, comportamentais da criança e refletem o modelo que veem no ambiente familiar. Como modelos, os pais são responsáveis pela construção da pessoa, de sua personalidade e de sua inserção sociocultural (Távora, 2003).

É pelo contato familiar, experiências que a criança aprende a lidar e resolver os

conflitos internos, a controlar e expressar suas emoções, a saber lidar com os problemas gerados ao longo da vida (Wagner, Ribeiro, Arteché & Bornholdt, 1999). A inclusão da criança no mundo como um sujeito que se expressa pelo ensino de uma determinada língua materna, carregada de aspectos ideológicos, culturais englobando educação em geral é determinado pela parceria família em colaboração com a escola. Desta forma, a cultura familiar, aspectos econômicos, sociais, dos pais são fundamentais para o desenvolvimento humano (Marques, 2002).

No desenvolvimento humano a escola entra como uma segunda casa, em que trabalha para o aprendizado socializado cultural, intelectualmente em distintas áreas de conhecimento. A escola, além de prover o conhecimento em áreas científicas distintas, deve buscar formar cidadãos que visem um mundo igualitário, com ações políticas e de cidadania (Ananias, 2000). Em parceria com a família, a escola deve visar a formação de um cidadão crítico, reflexivo, em que a criança saiba se expressar, desenvolver suas ideias e expor seu pensamento.

A parceria entre escola e família maximizam o aprendizado e desenvolvimento da criança. O contato direto, os laços estabelecidos entre pais e professores faz com que tanto família e escola conheçam mais sobre a criança, suas necessidades, dificuldades. Dessa maneira, pais e professores devem buscar estratégias de ajuda para ambos, a fim de encontrar melhorias para o aprendizado e desenvolvimento da criança. A escola, professores devem auxiliar as famílias e incentivar o seu papel na educação de seus filhos. O apoio da escola, incentivo dos pais faz com que a evolução no desenvolvimento emocional, intelectual da criança seja efetivo.

A interação e parceria entre escola e família na educação formal da criança introduz métodos diversificados nas práticas educacionais e sistema de ensino, conforme MEC & Unesco (2000). A busca pelo desenvolvimento saudável da criança é o que interliga professores e pais. Bakhtin (1992) em sua teoria enfatiza que para haver compreensão é preciso que os sentidos comunicativos se aproximem, ou seja, que os sujeitos partilham de ideias em comum. Assim, para estreitar vínculos entre pais e professores Crepaldi (2020) salienta a importância de conhecer os pais e a realidade de vida de seus educandos, para assim conseguir planejar estratégias de educação e acolhimento da criança.

A importância da família na educação e desenvolvimento infantil é nítida. Entretanto alguns autores como Laureau (1987), Galvão (2004) problematizam as relações escola família em estudos que mostram diferentes visões dos pais sobre esta influência. Laureau (1987) enfatiza que quando os professores trabalham conjuntamente com os pais no desenvolvimento de seus filhos, conseguem elaborar melhores estratégias pedagógicas, promovendo uma melhor interação entre os vários níveis de aprendizado do aluno. E, caso contrário, se os professores não mantêm nenhum tipo de um contato com a família, não estabelecem vínculos e trocas de diálogos sobre os filhos, os pais também tendem a não se relacionar com a escola e se sentem frustrados, ansiosos pela falta de comunicação.

Se sabemos da importância da parceria escola e família, por que ainda é difícil estabelecer este vínculo? Segundo estudos de Grossman (1999) a partir de experiências negativas que pais tiveram no período de sua escolarização faz com que eles transmitam aos filhos tais percepções da escola e adotam comportamentos de desconfiança e distanciamento. Pais relatam o pouco tempo para acompanhar os filhos, devido às tarefas domésticas, trabalho, falta de oportunidades para realizar a aproximação com a escola ou mesmo indiferença quanto à sua presença no ambiente escolar. Outros fatores que dificultam a relação entre pais e professores são as barreiras culturais, ideológicas, econômicas principalmente quando a escola não considera importante a parceria.

Conforme consta no Art. 1 de Diretrizes e Bases da Educação (1996), Título I, Da Educação, a “Educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. A fim de estabelecer laços e vínculos entre escola e família para o desenvolvimento emocional, cognitivo, social da criança, é preciso implementar diferentes estratégias na relação família escola, levando em consideração contexto cultural, as crenças, os valores, sociedade, história. (Marques, 2002).

Para o desenvolvimento emocional e intelectual da criança, vimos como as relações sociais são essenciais. A criança precisa estar em contato com outras crianças, com adultos com o meio físico, social e ideológico para se desenvolver. Na interação com o meio sociocultural são importantes as brincadeiras lúdicas, leituras, práticas pedagógicas que

estimulem a cognição, formação de um sujeito socializado que reflita sobre sua realidade e atuar com controle emocional ao longo de sua vida.

A escola faz parte da construção da vida em que auxilia a criança a construir seu conhecimento sobre o mundo. E para isso é preciso que esteja em um ambiente social, familiar em contato com outras crianças e adultos, como participante ativo de conversas, internalizando experiências que lhe propiciam dominar conceitos, valores, formas de comportamento.

Devido ao covid -19 que acometeu o mundo em 2020, a interação social foi rompida, escolas fechadas com a tentativa de conter o vírus. A pergunta que todos fizeram, como manter a relação professor-aluno e família e dar continuidade ao desenvolvimento da criança que precisa das relações sociais para desenvolver habilidades socioemocionais, cognitivas, intelectuais?

A Educação Infantil se encontrou em um grande desafio, como aplicar educação a distância, de modo não presencial se a criança depende das relações para seu desenvolvimento? A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) <sup>2</sup> tem como propósito na aprendizagem e desenvolvimento das crianças que a escola promova práticas educacionais como: conviver brincar; participar, explorar, expressar-se e conhecer-se dentro de dos cinco campos de experiência: o eu, o outro e o nós; corpo, gestos e movimento; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; espaços, tempos, quantidades, em contato criança e adulto (educador ou professor).

A doença do coronavírus (Covid-19) trouxe sentimentos como ansiedade, estresse e medo, principalmente para as crianças. Todos estão buscando formas de lidar com as diferentes emoções sentidas, mas o fundamental neste momento histórico é a saúde mental e o acolhimento das crianças e famílias. A criança precisará sentir-se acolhida, apoiada mais do que nunca. Diante dessa situação desafiadora e nova para todos, cabe a nós, adultos, professores, escola, família, um auxiliar ao outro e ajudar nossas crianças a entender e compreender suas próprias emoções em meio ao isolamento social.

<sup>2</sup> Base Nacional Comum Curricular. [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)

## 5. 2 Educação infantil no ensino a distância: acolhimento e desenvolvimento emocional infantil via tecnologias de informação em tempos de pandemia

O grande desafio é dar continuidade ao desenvolvimento da criança de modo não presencial. Conforme dados da UNESCO (2020) cerca de 70% das crianças, adolescentes e jovens em idade escolar no mundo deixaram de frequentá-la presencialmente. Na Educação Infantil os professores, educadores, escolas se desdobraram para achar métodos tecnológicos viáveis e dar continuidade ao ensino. Muitas mudanças ocorreram na vida dos professores, escolas desde o início da pandemia, incluindo as dificuldades evidenciadas para conciliar o trabalho docente com a rotina familiar e outras tarefas. Uma pesquisa feita pela Fundação Carlos Chagas<sup>3</sup> realizada com 14.000 professores do Brasil, relatou sobre a educação escolar em tempos de pandemia pela visão do professor:

**Rotina de trabalho:** houve um aumento de 91,4% das atividades docentes com o uso de materiais digitais (E-mail, Whatsapp, etc.).

**Estratégias educacionais:** Quase oito em cada dez professores afirmam fazer uso de materiais digitais via redes sociais (Whatsapp, e-mail etc.) como estratégia educacional. Na Educação infantil, 60% dos professores relatam o envio de orientações às famílias para estímulo e acompanhamento das atividades realizadas em casa.

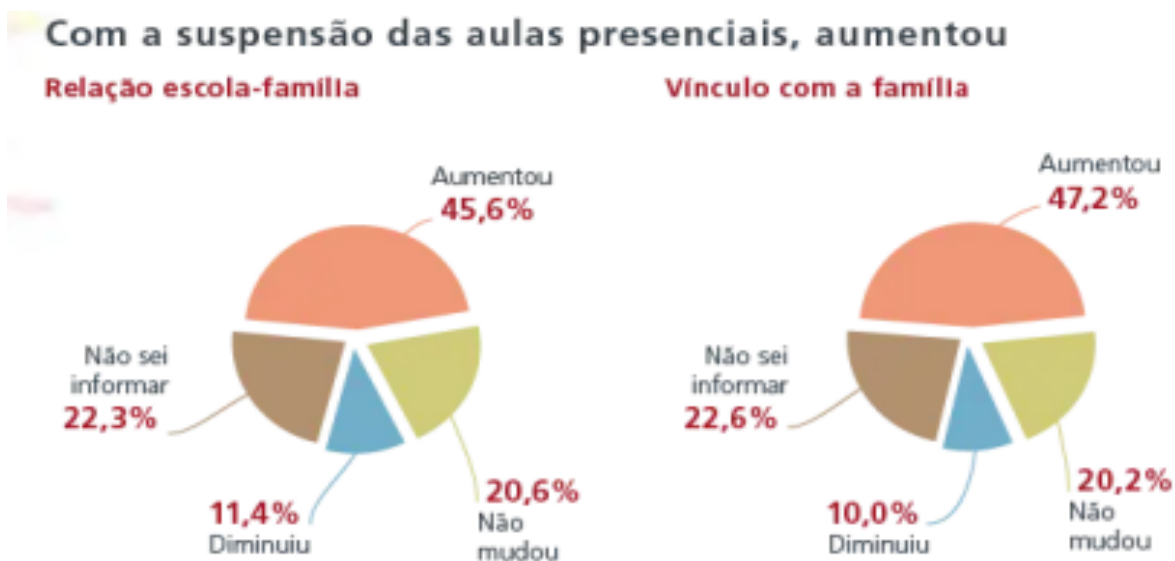
**Efeitos do contexto:** 49,3% das professoras acreditam que somente parte dos alunos consegue realizar as atividades. A expectativa em relação à aprendizagem diminuiu praticamente à metade. Na avaliação acerca da possível ansiedade/depressão de seus alunos, 34,7% das professoras não souberam informar, entretanto 53,8% consideraram que aumentou.

**Relação escola e família:** Quase metade das professoras indica um aumento da relação escola-família e do vínculo do aluno com a família. Com a suspensão das aulas presenciais, as professoras indicaram um aumento, tanto da relação escola-família (45,6%), quanto do vínculo do aluno com a família (47,2%). Fonte: (FCC, 2020).

Na pesquisa da Fundação Carlos Chagas vemos estes dados (Figura 1) da relação escola e família:

<sup>3</sup> Fundação Carlos Chagas. Educação escolar em tempos de pandemia na visão de professoras/es da Educação Básica, *Informe no. 1*, 2020. <https://www.fcc.org.br/fcc/educacao-pesquisa/educacao-escolar-em-tempos-depandemia-informe-n-1>

Figura 1 – Pesquisa da Fundação Carlos Chagas



Fonte: Educação escolar em tempos de pandemia na visão de professoras/es da Educação Básica, *Informe no. 1*, 2020. [https://www.fcc.org.br/fcc/educacao-pesquisa/educacao\\_escolar-em-tempos-depandemia-informe-n-1](https://www.fcc.org.br/fcc/educacao-pesquisa/educacao_escolar-em-tempos-depandemia-informe-n-1).

O terceiro item da pesquisa destaca a relação escola e família, o ponto principal que analisamos. Temos consciência que muitas famílias estão em suas rotinas de trabalho em casa (home office) estão atarefados com questões do dia a dia, muitos dispõem de pouco tempo para a realização das tarefas enviadas via Whatsapp, E-mail, por isso é necessário organizar dentro da rotina familiar horários para cada tarefa a ser feita no ambiente familiar. A pandemia do Covid-19 nos colocou em situações atípicas, para os professores a necessidade de se reorganizar e estruturar atividades via ferramentas de tecnologia e para as famílias ter a criança em tempo integral e por tempo indeterminado, além dos pais serem responsáveis e mediadores de conhecimento através dos professores.

Coube aos pais desenvolverem juntamente com os filhos as atividades pedagógicas sugeridas, e muitos sentem dificuldade, acham que não cabe a eles ensinarem e sim ao professor. Outros relatam que a rotina da família não possibilita desenvolver as tarefas, é um momento muito delicado para ambas as partes. O que importa é que estas tarefas aproximam pais e filhos e fortaleça os laços familiares tão necessários neste momento de pandemia, principalmente para as crianças. Como na faixa etária de 3 a 4 anos a criança ainda é dependente de um adulto para desenvolver rotina, organização, o foco das atividades educacionais deve priorizar vivências com as famílias, além do acolhimento às crianças. O

foco principal na Educação infantil, neste momento da pandemia, não é somente a elaboração e envio de atividades, é acolher as famílias e crianças. É aproximar pais e filhos, ter cuidado e afeto, ajudar a lidar com as emoções, além de dar continuidade ao desenvolvimento intelectual da criança.

Diante do isolamento social e suspensão das aulas, as crianças tiveram um tempo maior com a família e é importante que esses momentos tenham sido saudáveis, alegres promovendo qualidade de vida e desenvolvimento socioemocional da criança. A maioria de nossas reações passam pelo córtex pré-frontal, região esquerda do cérebro responsável pela razão, racionalidade, no entanto, as crianças não têm desenvolvido por completo esta região do cérebro. Então, a criança, em momentos de tensão, não consegue raciocinar e suas emoções são completamente emocionais, ou seja, ela não consegue se expressar verbalmente sobre o que está sentido.

Devido à mudança drástica e atípica na vida de todos, a criança sente, através do meio em que vive, emoções como ansiedade, medo, agitação e reflete estes sentimentos. Alguns pais relataram que os filhos estão os enfrentando, jogam brinquedos no chão, choram, desobedecem. Esses sentimentos e emoções precisam ser nomeados pelos pais, pois segundo Daniel Siegel e Tina Bryson (2015), o neocórtex, responsável pelo planejamento, reflexão, pensamento lógico, ainda está em formação na criança. Até os 4 anos, os dois hemisférios do cérebro da criança não trabalham de forma conjunta. O lado esquerdo que é responsável pelo pensamento lógico, linguagem, reflexão, o direito emocional e não-verbal. Nas crianças, o lado direito é dominante e por isso reagem através de suas emoções frente a determinados contextos.

As crianças não têm desenvolvido por completo o lado esquerdo do cérebro, assim possuem dificuldades para expressarem suas emoções através da linguagem, vivem no presente e por isso são imediatistas e querem tudo no agora. Isso explica por que choram querendo brincar até tarde, não querem dormir ou simplesmente não querem sair do banho. Dessa forma, quando a criança estiver chorando, gritando, cabe a nós, adultos, ajudá-la a entender seus sentimentos, traduzindo em palavras, nomeando as emoções que ela não consegue descrever, pois seu hemisfério esquerdo do cérebro não está no comando.

Ainda segundo Daniel Siegel e Tina Bryson (2015), quando compreendemos que o

cérebro das crianças está em processo de mudança e desenvolvimento, somos capazes de entender o estágio de desenvolvimento que elas estão e o que são capazes de fazer, podemos nos colocar em posição melhor de ouvinte, sendo mais compreensivos, compassivos e amorosos com relação aos desafios e dificuldades emocionais e comportamentais que os pequenos e pequenas estão tendo, porque, simplesmente, faz parte do processo.

Vygotsky (1994/2004) revela que a consciência se (trans)forma pela mediação da palavra e seu significado. Por meio da palavra e seu conceito é que se estrutura a consciência e suas emoções. Pelo diálogo, cultura e história que constroem e despertam as emoções. É pelo uso da palavra, motivo de sua escolha que as emoções surgem e se afluam.

A palavra tem a função de autorregular nossos comportamentos e ações sobre o mundo, por isto a extrema importância de se trabalhar as emoções e nomeá-las na infância. Familiares e professores atuam como mediadores da linguagem a fim de dar subsídios linguísticos que as crianças ainda não possuem para conseguirem expressar da melhor forma suas emoções.

O professor deve elaborar atividades que envolvam brincadeiras com cores, diferentes objetos, leituras a fim de estimular a imaginação, conhecimento e atividades que desenvolvam as emoções. Se o professor se sentir à vontade, mostrar às crianças sua casa ou objeto pessoal através de *lives*, vídeos como formas de manter o contato afetivo com as crianças. Segundo Unicef (2020) <sup>4</sup> é preciso que os pais e responsáveis conversem aberta e honestamente com suas crianças, fazendo perguntas e ouvindo o que elas têm a dizer e explicando a importância de permanecerem em casa o máximo possível para prevenir da contaminação da doença. Outra dica é incentivá-las a expressar seus sentimentos e emoções, mantê-las ativas e em uma rotina, o que ajuda a se sentirem tranquilas e em segurança, sugerem até mesmo buscar informações junto à escola.

No processo de auxiliar a criança a compreender suas emoções, a função do professor juntamente com os pais é abrir espaço para diálogos tanto para os pais e, principalmente para as crianças. Muitos chamam esse processo de educação emocional, creio que não seja um tipo de educação, no sentido de se ensinar algo condicionado, pré programado, mas sim fazer com que a criança, um ser humano em transformação saiba e consiga entender o que sente.

<sup>4</sup>Unicef. Corona vírus – como apoiar a criança e as suas emoções:  
<https://www.unicef.org/guineabissau/pt/coronav%C3%A7%C3%A3o-como-apoiar-crian%C3%A7as-e-suas-emo%C3%A7%C3%B5es>

O professor tem o papel de ser mais do que um mediador de conhecimentos, tem que reparar as crianças que estão em desenvolvimento a serem conscientes, reflexivas em suas formas de pensar, agir de se comportar perante dificuldades. Reconhecer as emoções e saber lidar com elas ajuda a criança a modelar sua personalidade, autorregular seu comportamento. O educador, através de diferentes atividades para educação infantil, que vamos comentar logo a seguir, pode criar pelo Whatsapp, via e-mail, *lives*, interações com as crianças trabalhando os sentimentos como alegria, tristeza, medo, raiva etc.

As emoções como alegria, medo, angústia, gentileza, são expressas pelas palavras, correto? Se o significado da palavra é moldado social e historicamente, nossas emoções também são. O professor, adulto, tem o papel de instruir e transformar o pensamento de uma criança. Expressar emoções na infância é algo extremamente importante. E ao falarmos para uma criança “Não fique triste, isso acontece mesmo, você vai conseguir”, lhe damos palavras de estímulos que irão transformar as emoções daquele sujeito.

Na infância, por estarem em constante transformação e maturação cognitiva, todo tipo de aprendizado, afeto que a criança tiver irá influenciar diretamente as suas atitudes, formação intelectual e pessoal. Segundo psicólogos como Vygotsky, os três primeiros anos de vida são cruciais para o desenvolvimento da criança. Durante este período, a atividade cerebral é intensa e o desenvolvimento emocional também. Portanto, tudo o que acontece durante esta fase reflete no futuro e permanece ao longo dos anos.

Daniel Siegel (2011) usa o termo “nomear para domar”, não concordo com a palavra “domar”, eu, pesquisador, colocaria “nomear para autorregular”, pois é pela linguagem que a criança começa a construir a parte esquerda do cérebro, responsável pelo raciocínio e consegue lidar com suas emoções. As crianças de 0 a 4 anos, são essencialmente emocionais, como destacam diversos psicólogos, pela razão de não terem ainda por completo a formação esquerda do cérebro. Dessa maneira, a criança não tem conhecimento da linguagem para conseguir expressar suas emoções. Nomear as emoções faz com que a parte esquerda do cérebro se desenvolva e ajuda a criança a autorregular e entender o que está sentindo. Este é um primeiro passo para auxiliar a criança e desenvolver suas habilidades socioemocionais.

A criança tem a nós, adultos, pais, professores, como espelho, é pela linguagem,

comportamento, ações da família, do ambiente escolar que vai transformando e moldando o pensamento da criança. Ensinar as crianças sobre as emoções, ajudá-las a nomear, é um modo de mostrar a elas como também nos sentimos. Demonstrar e expressar quando não estamos bem, explicar à criança porque estamos tristes ou com raiva, e precisamos de alguns minutos para nos acalmar, respirar fundo ou mesmo chorando. É importante a criança conhecer as emoções para conseguir compreendê-las. Vendo em nós, adultos, as emoções sendo expressas pela linguagem, gestos a criança conseguirá compreender melhor e reconhecê-las, aprendendo a lidar com seus sentimentos.

Muito cedo a criança começa a sentir suas emoções, como insegurança, ciúmes. Estas emoções são aprendidas com o meio social que vive, principalmente os pais. A família, sociedade, escola participam do desenvolvimento da personalidade daquela criança. Saber identificar e nomear cada emoção e ajudar a criança a entender o que a levou a sentir aquilo é fundamental para que ela aprenda a lidar com seus sentimentos. Então, reafirmo que um dos principais papéis da família juntamente com professores, escola é educar uma criança e ajudá-la a reconhecer cada emoção, que é natural e faz parte da vida. Isso vai mudar a vida das nossas crianças.

Assim, destacamos a importância de professores, pais, dialogarem com seus filhos sobre as emoções e nomeá-las para que seus filhos possam compreender o que sentem. Ajudar as crianças a compreenderem e desenvolverem suas emoções através das palavras faz com que ela, em sua vida adulta, consiga lidar melhor com suas frustrações, angústias e medos, desenvolvendo uma inteligência emocional mais elaborada.

### 5. 3 O uso do Whatsapp como forma de comunicação e parceria entre pais e professor: algumas formas sobre como ensinar os pequenos no ensino remoto

Como vimos, a interação social necessita se fazer presente na vida da criança, pois é nela que se constrói nossa formação. A mediação da linguagem tem o poder de transformar e desenvolver conhecimentos que, sem a interação, não se torna possível. É na e pela linguagem e interação que nos formamos como seres pensantes. É pela linguagem que se desenvolve o

pensamento, a emoção.

Pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009), em seu Artigo 4º, a criança é

sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009).

Baseado na DCNEI, em que a criança constrói sua identidade por meio das práticas coletivas, o professor em parceria com a família deve oferecer atividades que estimulem imaginação, pensamento e reflexão da criança. Aos pais, com o suporte do professor, oferecer noções de prática de escuta, de como falar e interagir com a criança.

Sabemos que com o isolamento social por conta da pandemia de Covid-19, muitos pais estão fazendo Home-office, fora outras tarefas domésticas e do dia a dia. No entanto, em parceria com a escola e professor, é preciso dialogar e ver as necessidades dos pais e dos filhos. É necessário trabalhar com ambos, pois neste momento de pandemia o importante é acolher e entender os pais e crianças, pois é a família que intermediará as atividades passadas pelo professor. Cabe entendimento e compreensão de todos os lados. Um conselho que o professor pode passar aos pais é separar um tempo específico dentro da rotina familiar para os filhos.

Algumas adaptações metodológicas podem ser feitas para o professor ajudar a criança a compreender suas emoções e desenvolver suas habilidades socioemocionais durante a pandemia como:

- Organizar as atividades pedagógicas através de *lives*, gravação de aulas, vídeo chamada para interagir com as crianças; gravação de histórias infantis, áudio com leituras contadas pelo próprio professor; enviar músicas e incentivar as brincadeiras entre pais e filhos. As aulas podem ser enviadas aos responsáveis da criança via google Drive, Whatsapp, criar canal no YouTube e disponibilizar as aulas, entre outros meios da tecnologia.
- Orientar a família ao uso das mídias sociais, ferramentas de tecnologia da informação como Whatsapp, Facebook, Youtube, Google Drive, Google Classroom, incentivando práticas educativas;

- Dar instruções aos pais de jogos simbólicos que auxiliam na imaginação, criatividade da criança; A nova geração de adolescentes, crianças, está imersa neste mundo dos recursos tecnológicos e faz parte do dia a dia. A escola tem a necessidade de se adequar à nova realidade e introduzir na dinâmica escolar estes recursos como forma de ensino, em situações como a de uma pandemia, que impedem o desenvolvimento de atividades presenciais.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) estimula o uso de diferentes métodos de aplicação das práticas pedagógicas envolvendo o uso de tecnologias, desde que explorem as habilidades e competências necessárias para os estudantes. Na competência 4, determinada pela BNCC – que devem ser exploradas pelos alunos ao longo dos estudos da Educação Básica – defendem o uso de diferentes meios de comunicação, como a tecnologia.

Competência 4: Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo. (BNCC, 2018)

A BNCC (2018), ressalta que o uso dos recursos digitais deve ser inserido nas práticas pedagógicas, em projetos escolares, desde que estimulem os seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento

Explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia. (BNCC, 2018)

Para uma construção completa de aprendizado, o professor precisa incentivar a construção e reflexão da criança sobre si, suas emoções, sobre o mundo e realidade social em diferentes formas de linguagem. Como diferentes formas de comunicação, as práticas pedagógicas devem também estimular os usos da tecnologia (respeitando a faixa etária da criança) para a construção de aprendizados de seus alunos, principalmente na pandemia. Algumas implementações de uso de ferramentas digitais que as escolas, professores podem elaborar, além dos já citados anteriormente: Contação de histórias via Youtube, em que o professor para trabalhar com as emoções utilize livros infantis que expliquem sobre os sentimentos. Exibição de filmes de curta duração em conjunto com a família; explorar as músicas para estimular a audição, concentração das crianças em que o próprio professor pode gravar músicas ou enviar para os pais via Whatsapp. São algumas ferramentas da tecnologia

que podem ajudar pais e professores a darem continuidade ao desenvolvimento da criança.

As atividades sugeridas pelo professor precisam estar alinhadas com as realidades das crianças e das famílias. O professor e a escola precisam conhecer e dialogar com as famílias e entender quais utensílios as crianças precisam, possui material em casa para realização das práticas sugeridas. Existem livros de histórias infantis? A criança tem fantoches, tecido, instrumentos musicais? A partir disso, adapte as atividades considerando os recursos de cada família.

Professores podem elaborar atividades para estreitar laços entre pais e filhos sugerindo à família que explore o ambiente da casa junto com a criança como cozinhar o jantar, contar os ingredientes, falar as cores de cada alimento, fazendo com que a criança aprenda e se conecte emocionalmente com os pais. Outra forma é fazer com que a criança organize seu quarto, conte quantos brinquedos ela tem, estimulando o desenvolvimento intelectual e emocional juntos. Assim, cria-se e estreia-se os laços afetivos, emocionais da criança e família.

Mas como falar sobre as emoções com as crianças? Como o professor pode ajudar os pais e seus filhos nesta jornada linda da construção e formação de um ser humano em desenvolvimento e ter o poder de mudar hábitos e comportamentos através da linguagem?

Segundo estudos de psicologia, uma criança desprovida de afeto, sem apoio da família, e não consegue compreender suas emoções, ela tem uma tendência a desenvolver problemas como ansiedade e depressão. Ajudar a criança a nomear as emoções é essencial para que ela consiga controlar suas próprias ações. Quando uma pessoa não sabe lidar com suas emoções, ou não consegue se expressar, se torna instável e prejudica sua saúde mental e de outros ao seu redor.

Então, auxilie seu filho a compreender as emoções nomeando-as, com frases “eu sei que você está com raiva, vamos juntos contar até 10 para ajudar a raiva passar?”, “eu sei que você está irritado, mas vamos respirar fundo para ajudar esse sentimento passar?” e explique que é natural sentir essas emoções. O professor pode dar estratégias aos pais para ajudarem as crianças com as emoções sentidas. Abrir sempre espaço para diálogo com a criança, para ela se expor. O que pais e professores devem fazer é perguntar porque está irritado, bravo, com raiva e ensiná-lo a lidar com a situação.

A partir das interações com os adultos, as crianças em suas brincadeiras, no cotidiano, vão se apropriando das diferentes formas de pensar e agir que vão sendo progressivamente internalizadas e se tornam seu modo de pensar. Segundo esta abordagem vygotskyana existe a “Lei do Duplo Desenvolvimento”, na qual todas as funções no desenvolvimento da criança acontecem duas vezes: uma no nível interpsicológico (entre as pessoas) e outra no nível intrapsicológico (no interior da criança).

Assim, nas relações com os pais, nas atividades propostas pelos professores é que a criança vai construindo seu repertório de linguagem, auto regulando seu comportamento. Quando o professor ou os pais verem uma criança com raiva, chorando, batendo no amigo é uma forma que ela tem de expressar sua emoção. Neste caso, professor e pais devem perguntar porque ela está assim, o que levou ela a bater no amigo, a chorar, morder, e explicar a ela sobre suas emoções a fim de construir a linguagem no lado esquerdo de seu cérebro para regular seus sentimentos e ações.

Professores podem elaborar práticas pedagógicas com atividades via tecnologias da informação (Whatsapp, E-mail etc) para estimular a criança a reconhecer as emoções. Com a ajuda dos pais, essas atividades vão influenciar a longo prazo e ajudar a criança a se tornar um adulto que consiga solucionar conflitos com maior facilidade.

Diversos psicólogos ressaltam que quando a criança não é estimulada a expressar as suas emoções, se tornam adultos mais agressivos, ansiosos, gerando sérios problemas em seu desenvolvimento psicológico e social. Como adultos, pais e professores juntos precisam buscar desenvolver projetos educacionais que visem a implantação de ensino das emoções em todas as escolas. O conhecimento de si mesmo e das próprias emoções é direito de todos e base para um desenvolvimento emocional saudável.

Se emocionar é da natureza humana, estar em contato e em relação com o meio social, cultural é o que molda nossas emoções. Aprender a nomear as emoções é fundamental para desenvolvimento e amadurecimento da criança. Ensine as crianças a nomearem, compreenderem suas emoções. Professor e pais deem instruções explícitas, nomes as emoções. Através de brincadeiras lúdicas simule algumas emoções como: professora ou pais podem fingir que estão tristes e dizerem o que sentem aos filhos, alunos. Usar livros, contação de histórias que explicitem as emoções e ajude as crianças a entenderem cada sentimento. A

percepção das emoções é a construção das habilidades sociais, como amizade, amor ao próximo e controle de seus sentimentos até a fase adulta.

## 6 CAPÍTULO 5

### 6.1 O contexto da pesquisa e seu percurso metodológico

Por séculos, estudiosos de diferentes vertentes da Psicologia têm investigado questões ligadas às emoções, como se formam, se é pelas relações sociais, se é somente aspectos fisiológicos. Para Oatley & Jenkins (2002), as emoções são reguladas pelo pensamento humano, ou seja, o contato e experiências que o sujeito tem ao longo de sua vida constroem seu pensamento e, conseqüentemente, formam suas emoções. A forma como se experienciam as emoções dependem do pensamento que se tem sobre elas (Oatley & Jenkins, 2002, p. 37).

Gomes (1989) afirma que o desenvolvimento emocional começa desde o nascimento da criança. E esse desenvolvimento depende da aprendizagem, das experiências da criança e o meio social, familiar. Ao longo da vida, o indivíduo estabelece diferentes relações sociais e emocionais, que são fundamentais para o desenvolvimento emocional. O autor defende que os aspectos cognitivos, sociais e emocionais devem ser vistos em conjunto, pois o ser humano é constituído por meio das relações culturais, referindo que uma criança apresenta respostas emocionais positivas e ligações mais duradouras com pessoas que lhe proporcionam emoções mais prazerosas (p. 112).

Para Oatley e Jenkins (2002), o desenvolvimento emocional saudável das emoções depende da forma como lidamos e a regulamos. Essa regulação acontece por meio da linguagem, ou seja, pela fala a criança consegue regular as emoções. É pelo convívio e experiências que a criança vai adquirindo formas de comunicação e neste momento que os pais, professores devem estimular a nomeação das emoções para que a criança consiga compreendê-las.

Gottman e DeClaire (1999) ressaltam que a partir dos 4 aos 7 anos, a criança já consegue ter uma noção maior sobre as emoções através da linguagem. Com as relações sociais, contato com crianças da mesma idade, desenvolvem-se competências sociais e emocionais fundamentais, que por meio de diálogos com colegas de sala, com professor,

familiares começam a perceber as ideias, seus pensamentos, frustrações e medos que a criança possui. No período dos 8 aos 12 anos, que entra a adolescência, existe uma dificuldade em mostrar as suas emoções, visto que o adolescente passa por um período de transição de identidade, personalidade através das diferentes experiências que possui que mudará sua forma de pensar. Nesta questão, o adulto assume um papel de orientador, auxiliando a criança, adolescente a compreender suas emoções, estas devem ser faladas e discutidas para que a criança seja capaz de se entender o que sente (p. 190-212).

Dessa forma, a palavra tem a função de regular as ações e emoções do indivíduo, e este controle promove o crescimento e amadurecimento emocional, ajuda a separar as emoções do comportamento, faz o sujeito conseguir refletir antes de agir sobre o que está sentindo e a encontrar uma estratégia para se acalmar, o que levará a um crescimento emocional e intelectual (Mayer & Salovey, 1999, p. 25).

Assim, com o projeto “Emoções e Sentimentos”, buscamos auxiliar através da literatura infantil, desenvolvendo atividades sobre a temática o desenvolvimento emocional da criança para que consiga lidar e compreender o que sente até a vida adulta.

A fim de coletar os dados e atingir os objetivos propostos para essa pesquisa, no ano de 2020 em conjunto com a professora e orientadora desta pesquisa, por meio de uma pesquisa qualitativa, havíamos tecido um projeto de intervenção a ser desenvolvido em sua sala de aula composta por 15 crianças na Unidade de Atendimento à Criança -UACUFSCar. O Projeto iniciado em fevereiro de 2020 denominado “Emoções e sentimentos” perdurou até o dia 15 de março, quando interrompido pela pandemia da Covid-19. O projeto ocorreu uma vez por semana e consistia em trazer para a roda de conversa o conceito de algumas emoções por meio da literatura infantil. Desta forma, apoiadas no livro Emocionário, um dicionário de emoções que nos ajuda a entender melhor o que se passa em nosso coração, de Cristina Núñez Pereira e Rafael R. Valcárcel, foi feita a eleição de alguns sentimentos e emoções para serem explorados com o uso de livros da literatura infantil que abordassem aquele sentimento. Após a leitura, uma roda de conversa era realizada com as crianças e atividades manuais, plásticas, desenhos e brincadeiras eram propostos, assim como um portfólio enviado para a família a fim de que essas acompanhassem o conceito abordado; a ideia era discutir com as criança e que elas pudessem representar de alguma maneira, colagens, fotografias, desenhos, escritas

pelos familiares, etc. O objetivo da pesquisa consistiria em analisar como as crianças representaram as suas emoções através das verbalizações, brincadeiras, interações com professor, colegas de sala e familiares.

Devido à pandemia da Covid-19 e o encerramento das atividades presenciais de ensino da UFSCar no dia 16 de março de 2020, esta pesquisa teve que ser repensada no ambiente virtual, devido ao trabalho remoto. Desta maneira, os objetivos foram alterados e buscamos analisar as percepções dos familiares sobre o desenvolvimento do conceito de emoção na criança. A coleta de dados se deu por meio do uso de aplicativos como Whatsapp para diálogo entre pesquisadora e famílias das crianças. As atividades foram planejadas em conjunto pela pesquisadora, professora da sala e seu grupo de extensão com alunos de graduação e pós-graduação em diferentes áreas como Terapia ocupacional e Pedagogia. As propostas de atividades foram enviadas pelo aplicativo Whatsapp e também pela ferramenta Google Drive. As sugestões de atividades para as famílias das crianças buscaram neste projeto “Explorando os sentimentos e as emoções” elaborado pela professora e pesquisadora, abordar a temática emoções com indicações de literatura, vídeos, contação de histórias via Youtube, sugestões de brincadeiras, *lives* com a professora. Todas essas propostas de atividades possuem o intuito de auxiliar no desenvolvimento emocional da criança para que esta consiga nomear as suas emoções, auxiliando os familiares na mediação junto às crianças.

Nos diálogos entre pesquisadora e pais pelo Whatsapp, no modo privado, procuramos explorar os sentimentos/emoções, tais como: ternura, amor, raiva, medo, tristeza, alegria etc, e enviamos semanalmente atividades como forma de instrução aos pais de como dar continuidade ao desenvolvimento emocional e intelectual de seus filhos.

Já existia um grupo das famílias das 15 crianças criado pela professora da sala em que a pesquisadora foi inserida, e neste grupo foi feita a seleção das crianças e famílias em que a pesquisadora dialogou muitas vezes no modo privado com cada familiar a fim de saber o desenvolvimento das crianças e das atividades propostas do projeto. Para coleta de dados serão utilizados os seguintes instrumentos: análise e transcrição dos relatos e narrativas de textos dos pais pelo WhatsApp, fotos dos desenhos das crianças, vídeos, áudios enviados pelos pais das crianças. As narrativas do pais foram motivadas por orientação da pesquisadora que pediu para descreverem como estava sendo a quarentena, se o projeto Emoções e

Sentimentos tinha ajudado as crianças em seu desenvolvimento emocional ou não. Utilizamos nomes fictícios em cada relato e narrativas das famílias. As crianças pertencem a uma sala na Unidade de Atendimento à Criança, todas com idade de 3 a 4 anos. A maioria das crianças são das comunidades próximas à UFSCar e algumas são filhas de docentes da universidade. Os pais das crianças são a maioria dos bairros próximos à UFSCar, alguns são engenheiros, outros veterinários, algumas mães possuem lojas de roupas e alguns são docentes na universidade.

Os dados da pesquisa são de natureza qualitativa, cujo principal objetivo é registrar as trajetórias das crianças de 3 a 4 anos nesse momento de isolamento social, buscando contribuir com os estudos da importância da nomeação das emoções para o desenvolvimento emocional na infância. Nessa metodologia “os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 16). São dados coletados em ambiente escolar, em que se busca apreender as diversas perspectivas dos sujeitos falantes. Trata-se de uma abordagem naturalista “[...] porque o investigador frequenta os locais em que naturalmente se verificam os fenômenos nos quais está interessado, incidindo os dados recolhidos nos comportamentos naturais das pessoas” (BOGDAN e BIKLE, 1994, p. 17) e em interação com o meio, em diferentes ambientes sociais, onde constroem seus pensamentos e formas de comunicação.

Os estudos qualitativos dentro do viés sócio histórico, ao valorizarem os aspectos descritivos e as percepções pessoais, devem focalizar o particular como instância da totalidade social, procurando compreender os sujeitos envolvidos e, por seu intermédio, compreender também o contexto. Adota-se, assim, uma perspectiva de totalidade que, de acordo com André (1995), leva em conta todos os componentes da situação em suas interações e influências recíprocas.

Na pesquisa qualitativa com enfoque sócio histórico se preza "a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação" (Bogdan, Biklen, 1994, p.16), correlacionada ao contexto do qual fazem parte. Dessa forma, tomando como referência a pesquisa qualitativa, a pesquisadora busca compreender como as crianças representam suas emoções através da verbalização, desenhos, vídeos e relatos dos pais via

Whatsapp. Com base na análise de dados obtidos através da transcrição dos relatos dos pais, das atividades enviadas pelos familiares das crianças, o resultado esperado é verificar como a linguagem, a importância de se nomear as emoções, as relações sociais, culturais são fundamentais para o desenvolvimento emocional na infância é de extrema importância como registro nesse momento de Pandemia e Isolamento Social. A função de nomear uma emoção e explicar à criança o que ela está sentindo, dá a ela recursos para conseguir organizar e regular sua forma de agir no mundo. Com os resultados obtidos, busca-se contribuir com a grande área de processos de ensino e aprendizado da Língua Materna, Educação e Psicologia.

A fim de delinear as intervenções, foram enviadas atividades elaboradas pela pesquisadora em conjunto com a professora da sala pelo ambiente virtual (Whatsapp) aos pais das crianças com a temática sobre emoções a fim de implantar o Projeto Emoções e Sentimentos. Com base no livro “Emocionário: Diga o que você sente”, de Cristina Núñez Pereira e Rafael R. Valcárcel, pela Editora Sextante, foram exploradas diferentes emoções como: amor, ódio, raiva, tristeza, alegria entre outras. Para cada temática, enviamos às famílias todas às quartas-feiras vídeos, literaturas, áudios com contação de histórias com as emoções a serem abordadas com os filhos. O intuito é instruir e acolher as famílias emocionalmente.

Em cada atividade elaborada buscamos desenvolver as habilidades emocionais, como por exemplo, nomear as emoções com a ajuda de seus pais, instruí-los de como poder dar continuidade ao desenvolvimento de seus filhos em meio ao isolamento social devido ao Covid-19. Nos preocupamos o tempo todo em saber como as famílias e crianças estão psicologicamente e acolhê-las emocionalmente, portanto foram sugeridas atividades simples e intuitivas como impressão de cartões como amassar papéis e guardá-los em caixa representando a raiva, brincar de amarelinha, para o sentimento de alegria, envio de leituras ou vídeos com a professora contando uma história, a fim de ser um momento divertido em família. Com essas ações, busca-se problematizar e conscientizar as crianças das emoções sentidas através da literatura infantil e nomeação da emoção.

A seguir, mostra-se uma parte do cronograma do Projeto Emoções e Sentimentos (Tabela 1), que perdurou por 6 meses de aplicação. As atividades eram enviadas ao pais todas às quartas-feiras. As propostas das atividades eram que as crianças conseguissem

compreender as emoções, trabalhando com linguagem, coordenação motora etc. Foram desenvolvidas, ao todo, 20 atividades. A atividade com mais destaque foi sobre o sentimento ‘alegria’, em que pedimos ao pais para brincar com seus filhos do que eles mais gostavam.

Tabela 1 – Cronograma do Projeto Emoções e Sentimentos

Semanas	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
1 e 2 (2 a 13 de agosto)	<p>Leitura, Reconto e Representação</p> <p>CINDERELA</p> <p>Letra C</p> <p>Vamos descobrir palavrinhas que comece com a letra C e preencher a cruzadinha?</p>	<p>Libras</p> <p>Sinais de: Sapato, Princesa, Irmãs, Pai e Mãe, Gratidão, Tristeza e Solidão</p>	<p>Sentimentos</p> <p>Tristezas, Solidão, Gratidão, Alegria e Amor</p> <p>Atividade Plástica: Focar em um sentimento: Fazer uma varinha de condão</p> <p>Língua e Matemática: Vamos aprender o que é par?</p> <p>Vamos pesquisar o que temos</p>	<p>Artes Plásticas</p> <p>Confeccionar com sucatas: Carruagem</p> <p>Trazer um exemplo de carruagem feita a partir de descartáveis</p>	<p>Eu e Meu Mundo</p> <p>Receita em Família usando Abóbora</p>

			<p>em casa que são pares?</p> <p>Exemplos: Meia, luva, sapato...</p> <p>Atividade para encontrar os pares</p> <p>Jogos de Memória</p>		
--	--	--	---	--	--

**Fonte:** Elaborada pela Autora (2021)

## 6. 2 Trechos das narrativas das Famílias sobre o projeto Emoções e Sentimentos durante a pandemia da COVID-19

Pelo projeto Emoções e Sentimentos, com as atividades apoiadas na literatura infantil para auxílio da compreensão e nomeação das emoções para o desenvolvimento da habilidade emocional, buscamos analisar os trechos das narrativas dos pais das crianças sobre o projeto.

“A quarentena tem trazido enormes desafios para nós. Quando tudo começou a minha maior preocupação foi não deixar minha filha traumatizada. Eu fiquei muito nervosa e senti que passei isso pra ela. Ela está agitada, tem dias que fica impaciente, nervosa, diz que está cansada de ficar em casa[...]as professoras nos deram muito suporte nas atividades diárias!! No começo foi bem difícil, não havia disciplina. Estávamos bem perdidos, não estávamos e ainda não estamos preparados para essa nova fase direção e conteúdo.As atividades com as emoções nos ajudou muito para saber lidar com sentimentos, senti que ela ficou mais calma.[...]”, **Narrativa de Rosana, 45 anos, mãe de Ketlyn, 4 anos.**

“A Nayla no começo do período de pandemia teve uma regredida em relação às

questões da escola. Ela não queria fazer as atividades e nem falar com os professores e coleguinhas durante as *lives*. Há uns 6 meses, porém, ela tem se mostrado muito mais focada nas atividades, se concentrando nas atividades que ela faz por um tempo bem maior [...] Percebi que as atividades das emoções a ajudaram muito, agora ela consegue se comunicar melhor e expressar o que está sentindo, antes ela ficava muito brava, irritada, agora se controla melhor.”, **Narrativa de José, 36 anos, pai de Nayla, 4 anos.**

“ Questão de expressar e notar os sentimentos do projeto emoções, acredito que a Helen também está mudando notando mais as coisas. Procuramos incentivar ela a demonstrar e nomear as emoções de forma verbal, porém ela tem se isolado e ficando mais quieta quando está triste, tem feito mais birra quando quer algo e costuma chorar apenas quando está com dor ou frustrada.”, **Narrativa de Bruna, 30 anos, mãe de Helen, 4 anos.**

“Durante o ano de 2020, temos percebido avanços significativos no desenvolvimento e aprendizagem de Joca[...] Temos trabalhado essa questão das emoções com ele, explicando que não há mal em sentir raiva, mas que agressões físicas não são aceitáveis. Muitas vezes nós o lembramos de contar até dez e dar pulinhos ou mesmo pedimos para descansar em seu quarto, abraçar seu ursinho e pensar em coisas agradáveis, como sugeriu a pesquisadora no projeto emoções.”, **Narrativa de Diego, 35 anos, pai de Joca, 4 anos.**

“As sugestões das atividades da professora Poliana e sua equipe aos pais realizarem com seus filhos, proporcionaram direcionamento e respaldo às atividades que eu buscava manter com meu filho. Motivaram tanto a mim quanto ao meu filho, uma vez que as tarefas ricas de criatividade e conteúdo pedagógico reforçaram os conceitos propostos. Além disso, a interação da professora com a criança por meio de vídeos em que ela conversa com a criança acalenta, aproxima e mantém o vínculo escolar professora/aluno, apenas pela presença da voz e imagem conhecidas. Vale ressaltar que a não obrigatoriedade das atividades e devolutiva proporcionam leveza a sua aplicação, uma vez que no cotidiano atípico neste momento e contexto de pandemia nem sempre é possível manter uma rotina diária.”, **Narrativa de Jéssica, 30 anos, mãe de Antonio, 4 anos.**

“Uma estratégia que estamos colocando em prática que as professoras falaram é usar o ambiente da casa mesmo como brinquedos dele, a cozinha, para realizar as atividades, como contar quantos brinquedos ele tem, quais cores. Ele reconhece facilmente os animais e

demonstra um sentimento de ternura por eles. As cores percebo que ele reconhece as principais. E em relação às emoções ele andava muito estressado, mas com as atividades de nomeação das emoções isso ajudou muito aqui em casa e ele consegue se controlar mais.”, **Narrativa de Miguel, 40 anos, pai de José, 4 anos.**

“As sugestões de atividades online, neste momento, estão sendo ótimas, estamos aproveitando ao máximo, valorizando todo o esforço dos professores e estagiários e temos muita gratidão por estarem se reinventando nesse período em que tudo mudou ( mudou de uma hora para outra) sem termos tempo de nos planejar. Em relação ao projeto emoções a Elza adorou as leituras, atividades e está conseguindo se expressar falando que está triste, quando está brava, percebi que ela não grita tanto mais, seu comportamento melhorou.”, **Narrativa Eliza, 32 anos, mãe de Elza, 4 anos.**

“Os sentimentos de feliz, triste e irritada são os que ela mais expressa, e ainda não conseguimos introduzir muitas atividades relacionadas a isso. No entanto, estamos em constante vivência de muitos sentimentos na pandemia e aproveitamos quando eles aparecem no cotidiano para falar os nomes e explicá-los. Além disso, uma das alunas da professora Poliana, a Isabelle, tem mantido contato no privado para saber como as crianças estão lidando com seus sentimentos, ansiedades, estresses, etc. nesse momento e nos auxilia em como amenizar esses sentimentos por meio de conversas. Ela indica estratégias de como nomear sentimentos e incentivar as crianças a falarem sobre elas. Tem sido fundamental esse apoio, uma vez que traz segurança para nós pais.”, **Narrativa Renata, 39 anos, mãe de Paula, 4 anos.**

### 6. 3 Análise e Resultados

Em busca de compreender os processos de desenvolvimento emocional e seus impactos no indivíduo, é preciso focar nas relações família e escola (Polonia & Dessen, 2005). Nos relatos dos pais em relação à parceria entre professor e pais em tempos de pandemia, pudemos observar que o acolhimento, conversas diárias entre professor e pais, e o envio de atividades com o intuito de instruir os pais de como ajudar os filhos a compreender e

nomear as emoções foi fundamental para família e criança. Podemos ver em alguns trechos dos relatos:

“A sugestões de atividades online, neste momento, estão sendo ótimas, estamos aproveitando ao máximo, valorizando todo o esforço dos professores e estagiários e temos muita gratidão por estarem se reinventando nesse período em que tudo mudou (mudou de uma hora para outra) sem termos tempo de nos planejar” (Narrativa da Eliza)

Com este trecho e observando as outras narrativas, a parceria entre professor e pais deu subsídios a família de como poder dar continuidade ao desenvolvimento da criança perante a pandemia de Covid-19. Na educação infantil o principal para o desenvolvimento é o contato, as relações sociais e como forma de tentar amenizar estas rupturas, foi desenvolvido atividades que estimulam ao máximo interação entre pais, professor e crianças. A parceria entre professor e pais no isolamento social é imprescindível, principalmente na educação infantil. A participação e envolvimento dos pais, neste momento de isolamento, como mediadores de conhecimento é essencial para o aprendizado de valores sociais, o desenvolvimento de habilidades socioemocionais. Por isso, as atividades elaboradas pelo professor via ferramentas tecnológicas como: Whatsapp, Google Drive etc, devem buscar formas de incentivar as crianças e seus pais, aproximá-los do processo educativo de seus filhos.

Segundo estudos de Epstein (citado por Marques, 2002) mostra que o envolvimento dos pais como, orientações, monitoramento, auxílio em atividades escolares em casa afetam a aprendizagem e o rendimento escolar. Devido ao isolamento social, o papel de instruir, construir conhecimentos, ajuda nas atividades ficou com os pais. E essa questão de envolvimento das famílias, por conta da pandemia e dos afazeres domésticos, home office muitos pais relataram dificuldades no auxílio das atividades propostas pela pesquisadora e professora, como podemos ver nos relatos:

“Enquanto lidamos com muitos outros problemas causados pela pandemia em nosso cotidiano como isolamento, desemprego, stress, medos e incertezas, também vamos precariamente garantindo nosso sustento com trabalhos online enquanto a Elisa brinca. Mas de repente um chamado destrói o áudio importante que eu estava prestes a enviar, a criança invade o nosso território e o aperto no peito nos reforça que tudo mudou. Sou apenas mãe de primeira viagem, não sou professora, não sou chefe de cozinha, não sou artesã e nem psicóloga. Só eu e ela.” (Narrativa da Eliza).

“Ele não gosta que fazemos as coisas para ele tipo escovar os dentes, ele gosta de fazer sozinho Quanto às atividades escolares infelizmente percebemos um certo desinteresse depois do evento da COVID, por coincidir com a gravidez da minha esposa e por conta dela ser a pessoa que fica em casa enquanto trabalho tivemos

bastante dificuldade em nos organizar quanto aos afazeres escolares do Lorenzo. De certa forma fico muito triste por tudo o que aconteceu, pois ele estava indo muito bem na escola..” (Narrativa de Miguel)

Alguns pais não possuem o costume de se envolver com a educação de seus filhos, seja por falta de tempo, interesse ou da consciência da sua importância, outros dizem que esse processo cabe às escolas. No atual contexto de pandemia de Covid-19 e da necessidade do isolamento social, o processo educacional torna-se completamente dependente da presença dos familiares. No ensino remoto para educação infantil a parceria entre professor e pais deve estar alinhada. O professor em conjunto com os pais deve ajudá-los a organizar os horários, propor atividades que se encaixem na rotina da família, sem causar mais pressão na família e nas crianças neste momento tão delicado. O importante é o diálogo entre escola e família e estruturar soluções juntos.

Buscamos na relação professor e família elaborar atividades pensando na criança, família e rotina da casa, que fossem auxiliar no desenvolvimento emocional. Em diálogos com os pais, pesquisadora e professora foram se adaptando conforme feedback dos pais em relação a percepção deles em relação a cada atividade e rotina da família. No projeto Emoções, por meio da literatura infantil elaboramos atividades que buscassem desenvolver habilidades socioemocionais, cognitivas ajudando as crianças com auxílio dos pais a nomearem as emoções, compreenderem o que sentem para conseguirem lidar com os sentimentos e, conseqüentemente desenvolvendo a habilidade linguística, a fala, para expressar suas emoções. Com o auxílio do Whatsapp, Google Drive para envio das atividades, foram enviados áudios com contação de histórias, vídeos do YouTube com histórias referentes a cada emoção abordada, *lives* com a professora, brincadeiras como amarelinha para estimular a sensação de alergia e aprender sobre esta emoção entre tantas outras atividades para educação infantil que enviamos semanalmente (toda sexta-feira) para os pais.

Uma literatura que apresente os sentimentos faz com que a criança consiga visualizar e compreender suas emoções. Nos estudos de psicologia, aprendemos que sentimentos são sensações corporais próprias dos seres humanos; porém, a nomeação desses sentimentos é algo aprendido e possui origem social. Ou seja, há uma distinção entre sentir e nomear sentimentos. Para aprendermos a agir diante destes sentimentos, sejam eles nossos ou do outro, precisamos aprender seu significado e, conseqüentemente, aprender a nomeá-los. A

literatura pode ser facilitadora neste processo, é utilizada na infância como forma de identificação e abordagem de sentimentos, de perdas, de observação do todo e vivência. O psicólogo Bruno Bettelheim em sua associação dos contos de fadas e a análise infantil, a literatura pode ser um objeto de compreensão e organização de atributos psicológicos.

Na obra, *A psicanálise dos contos de fadas* (2002), o autor diz que para dominar os problemas psicológicos do crescimento, questões fraternas, ser capaz de abandonar dependências infantis; obter um sentimento de individualidade e de autovalorização, e um sentido de obrigação moral – a criança necessita entender o que se está passando dentro de seu eu inconsciente. E a literatura infantil auxilia nesse processo de autoconhecimento, se familiarizando com a história e fantasiando sobre elementos adequados da história em resposta a pressões inconscientes.

Na primeira infância ainda é muito difícil entender a relação entre comportamento e emoção. Os pequenos não têm compreensão da causa dos sentimentos, eles puramente os expressam. Entender a origem destes sentimentos é muito importante para a educação emocional dos pequenos, e falar sobre eles não é uma tarefa fácil. Para que os pequenos aprendam a nomear o que sentem é preciso muita conversa e dedicação. Quanto às atividades sobre o uso da literatura infantil para desenvolvimento emocional, os pais relataram:

“Surgiram conversas mais dinâmicas com uma participação mais efetiva das crianças que verbalizaram suas emoções com a ajuda do projeto emoções com leitura de livros com a temática, como a saudades dos amigos e parentes sentida neste período, pela perda de identidade de espaço escolar entre outras atividades do cotidiano. Assuntos que mesmo para os adultos são difíceis, eles conseguiram com muita naturalidade se expressarem, isso eu vi que ajudou muito. E deixaram entender que a compreensão desse sentimento foi necessária, demonstraram a angústia e a fadiga que este momento gerou pela ausência principalmente dos seus amigos parceiros.” (Narrativa Dani)

“No entanto, estamos em constante vivência de muitos sentimentos na pandemia e aproveitamos quando eles aparecem no cotidiano para falar os nomes e explicá-los. Além disso, uma das alunas da professora Poliana, a Isabelle, tem mantido contato no privado para saber como as crianças estão lidando com seus sentimentos, ansiedades, estresses, etc. nesse momento e nos auxilia em como amenizar esses sentimentos por meio de conversas. Ela indica estratégias de como nomear sentimentos e incentivar as crianças a falarem sobre elas. Tem sido fundamental esse apoio, uma vez que traz segurança para nós pais. Outra estratégia que nos indicou é de utilizar o ambiente da casa, como cozinha, sala, e objetos para dar continuidade ao desenvolvimento.” (Narrativa Miguel)

Em outros trechos dos relatos podemos ver como a implementação do Projeto Emoções com o auxílio dos pais ajudou a criança a se expressar e autorregular seu

comportamento. A palavra tem a função de estruturar nossa mente e pensamentos, fazendo com que a criança consiga organizar sua fala, pensamento e expressar suas emoções. Como podemos ver no relato da família da Elza, “Em relação ao projeto emoções a Elza adorou as leituras e está conseguindo se expressar falando que está triste, quando está brava, percebi que ela não grita tanto mais, seu comportamento melhorou”.

A família é tão ou mais importante nessa caminhada, pois fica responsável por manter esse contato do aluno com a Literatura fora do ambiente escolar, fazendo com que o hábito da leitura integre a vida pessoal dos pequenos leitores. É em momentos prazerosos no âmbito familiar que será construída uma relação afetiva e subjetiva da criança com os livros, garantindo que ela se torne uma apreciadora da literatura em diferentes perspectivas. Isso colabora para a formação de sua identidade, de seu caráter e de suas habilidades socioemocionais.

Para Oatley e Jenkins (2002), para existir um bom desenvolvimento emocional depende de como regulamos nossas emoções. Os autores relatam que a fala é um dos principais fatores na ajuda da criança a regular as suas emoções. É neste período que pais, professores necessitam dialogar com a criança sobre o que a incomoda, a deixa triste, pode ter um grande impacto na sua vida e na sua relação com o mundo.

Para Vygotsky (2004b), as emoções provêm do pensamento que se dá através da interação entre os sujeitos pela linguagem, marcada pela cultura, sociedade e história. As emoções emergem em determinados contextos, acontecimentos na vida da pessoa, que ficam marcados em sua memória. Por meio da palavra, que é carregada de ideologias, cultura, transforma o pensamento da criança, e pelas relações sociais as emoções que possuem características biológicas, se afloram por intermédio da palavra e determina formas de comportamento, de pensar e falar.

Vygotsky (2004b) defende que a fonte das emoções é a percepção, ou seja, aquilo que o sujeito conhece através de suas vivências. As emoções, segundo o autor, estão ligadas tanto ao córtex, mas principalmente em áreas cerebrais ligadas ao conhecimento e à percepção, sendo atividade dos tálamos óticos, ou seja, ligados à visão. Portanto, é a percepção que desperta a emoção, de modo que a criança observa o meio que vive, suas relações que geram determinados comportamentos fisiológicos como medo, anseio, estresse. O ambiente externo

estimula as emoções e instiga as reações fisiológicas do corpo como tremor, sudorese. Dessa forma, a criança pode sentir medo como reação instintiva, fisiológica, mas que é determinada pelo ambiente externo. As palavras, o conhecimento de mundo que formaram seu pensamento, seus sentimentos é que vão regular estas formas instintivas de comportamento como gritar, bater, morder.

A palavra carrega marcas ideológicas, sociais e vivências do sujeito. Porém, a palavra não se constitui somente na esfera social, mas também nas funções mentais do indivíduo: a mesma palavra desperta emoções distintas, em contextos diferentes, em culturas distintas. Assim, o conceito da palavra que é constituído no âmbito social, mas pelas vivências e experiências do sujeito, o faz ter um outro tipo de sentimento. Podemos notar no trecho do relato da família da Rafaela em que a mãe diz sente que está passando ansiedade para filha e que Rafaela reproduz o que ela diz em casa

“A quarentena tem trazido enormes desafios para nós. Quando tudo começou, a minha maior preocupação seria não deixar minha filha traumatizada. Eu fiquei muito nervosa e senti que passei isso pra ela. Ela está agitada, tem dias que fica impaciente, nervosa, diz que está cansada de ficar em casa, percebo que ela reproduz o que eu digo. Expliquei que havia um bichinho invisível, portanto estudaremos em casa. E seríamos apenas nós três!! Para minha surpresa ela amou a ideia no começo!! Mas com o passar dos dias tudo mudou... quero a escola, meus amiguinhos, meus primos, ir para praia, enfim... as professoras nos deram muito suporte nas atividades diárias!!” (Narrativa Rosana)

Segundo Mangiolino (2010), nossas experiências e relações sociais constroem e moldam por meio da palavra e seus significados “o microcosmos da consciência humana”. (MANGIOLINO, 2010, p. 1). Perante o isolamento social, muitos pais relataram em reuniões escolares via Google meet estar ansiosos, angustiados, com medo.

Para Caballo (2001), a criança através da observação dos pais aprende determinados comportamentos como formas de comunicação, de ações que modelam a infância dessa criança. Lohr (2003) relata que a figura dos pais é o primeiro contato que a criança tem, assim é natural que a criança adote comportamentos que ela vivenciou. As práticas, comportamentos dos pais tem grande influência no processo de construção das habilidades sociais, emocionais da criança. Estas habilidades socioemocionais levam o sujeito a ter determinados tipos de comportamento, solução de problemas, empatia fundamentais para convívio entre pessoas. Lubi (2003) defende que o ambiente familiar influencia na formação das habilidades sociais da criança. Assim, a criança observa os pais, suas condutas, palavras e

internaliza para si, construindo sua parte esquerda do cérebro com linguagens, comportamentos que seus pais transmitem.

Os familiares das crianças relataram também inconstância no comportamento de seus filhos, em um momento a criança está feliz, depois está brava, nervosa. Em uma pesquisa realizada pela Sociedade Brasileira de Pediatria em conjunto da Federação das Sociedades de Ginecologia e Obstetrícia (Febrasgo)<sup>5</sup>, relatam que 88% dos pediatras entrevistados dizem

que as crianças apresentaram alterações de comportamento durante a pandemia de Covid-19. Os dados obtidos foram realizados por meio de questionário online, entre 20 de julho e 16 de agosto de 2020, com 1.525 profissionais, sendo 951 pediatras e 574 ginecologistas e obstetras de todo o Brasil.

Segundo os dados, 75% dos pediatras disseram que os pais relataram oscilações de humor em seus filhos, como passar de felizes e ativas para quietas, retraídas. Depois relataram sobre ansiedade, irritabilidade, depressão, agitação, insônia, tristeza, agressividade, aumento de apetite, entre outros.

Segundo a Dra. Luciana Rodrigues Silva, presidente da SBP, o que pode explicar as oscilações de humor, mudança de comportamento das crianças são: alterações da rotina, a falta da escola e da convivência com os colegas, e a necessidade de isolamento social imposta pela pandemia. A violência doméstica é outro fator que também preocupa os profissionais. “Com o confinamento, muitos pediatras têm relatado aumento dos casos de violência contra a criança e o adolescente”, afirma.

Nos relatos dos pais observamos os seguintes comportamentos das crianças:

“Demonstraram a angústia e a fadiga que este momento gerou pela ausência principalmente dos seus amigos parceiros. E nesse turbilhão de novidades para mim e para eles, nos conhecemos melhor.” (Narrativa Dani)

“Mudança muito grande em relação a distinção de suas emoções, passando a classificar seus sentimentos a feliz, encantada, esperançosa, triste, irritada, entediada, cansada... que são atributos que são feitos durante essa pandemia.” (Narrativa Maria).

“Elza tem demonstrado medo, saudade, muitas vezes fica confusa, acredito que se expressa pela falta de crianças para brincar, pelo excesso de tela e pela falta de rotina e como nós adultos, não sabemos direito o que sentimos, não conseguimos conter as lágrimas ou os gritos.” (Narrativa Eliza)

“Como ponto negativo, tem apresentado alguns comportamentos de raiva e

agressividade quando contrariado. Temos trabalhado essa questão das emoções com ele, explicando que não há mal em sentir raiva, mas que agressões físicas não são aceitáveis. Muitas vezes nós o lembramos de contar até dez e dar pulinhos ou mesmo pedimos para descansar em seu quarto, abraçar seu ursinho e pensar em

coisas agradáveis, como sugeriu a pesquisadora no projeto emoções.” (Narrativa Miguel)

“Procuramos incentivar ela a demonstrar e nomear as emoções de forma verbal, porém ela tem se isolado e ficado mais quieta quando está triste, tem feito mais birra quando quer algo e costuma chorar apenas quando está com dor ou frustrada.” (Narrativa Helen)

Com as oscilações de emoções da criança devido ao isolamento social, mudança drástica na rotina de famílias, pais extremamente atarefados, estressados, ansiosos, inseguros tem se refletido nas crianças, pois a família é a principal fonte de experiências e vivências da criança que forma e estrutura seu comportamento, ações, emoções perante o que ela vive. Szymanski (2001) afirma que é na relação familiar que a criança aprende como ser e existir como ser humano. Essas relações estruturam seu modo de ver e compreender o mundo e ela constrói-se como um sujeito. Esse processo de experiências familiares, trocas de diálogos com os pais, apoio, afeto é o primeiro ponto de partida para formação da sua identidade como um indivíduo reflexivo, crítico perante a sociedade. De acordo com a autora, quando nasce, a criança já se encontra em uma determinada cultura e sociedade, padrões econômicos. Essa cultura familiar, específica de cada um, é carregada de hábitos, ideologias, formas de ver o mundo, de expressar sentimentos que estruturam determinados padrões de pensar e agir.

Dessa forma, a base emocional da criança é construída nos relacionamentos com a família, pai, avós e irmãos, absorvendo comportamentos, formas de linguagem que formarão sua estrutura de pensamento. Sigolo (2004) descreve a família como sendo "espaço de socialização infantil" e "mediadora na relação entre a criança e a sociedade" (p. 189). Ou seja, é na relação familiar, experiências que "padrões de comportamentos, hábitos, atitudes e linguagens, usos, valores e costumes são transmitidos" e "as bases da subjetividade, da personalidade e da identidade são desenvolvidas" (p. 189).

Como meio de ajudar nesse processo de instabilidade das emoções nas crianças relatadas pelas famílias, a pesquisadora procurou utilizar juntamente com o Projeto Emoções estratégias de atividades que buscassem ainda mais a interação entre pais e crianças propondo aos pais brincadeiras como amarelinha, danças, cozinhar juntos, ajudar a criança a organizar o quarto como estratégias de formas de interação entre pais e filhos e buscar desenvolver nestas

atividades habilidades cognitivas, emocionais, intelectuais.

Nos relatos dos pais, podemos ver como foi a experiência deles em usar o ambiente da casa como método de ensino e aprendizagem:

“Outra estratégia que nos indicou é de utilizar o ambiente da casa, como cozinha, sala, e objetos para dar continuidade ao desenvolvimento. Por exemplo, na cozinha pedir que a criança diga quantos ovos estamos usando, que cor é a gema do ovo, quantos legumes estamos usando, quais são os legumes, dessa forma estimulando a imaginação, criatividade, raciocínio, adoramos e deu super certo.” (Narrativa Maria)

“Uma estratégia que estamos colocando em prática que as professoras falaram é usar o ambiente da casa mesmo como brinquedos dele, a cozinha, para realizar as atividades, como contar quantos brinquedos ele tem, quais cores. Ele reconhece facilmente os animais e demonstra um sentimento de ternura por eles.” (Narrativa Miguel)

Como forma de envolver pais e filhos, as atividades propostas buscam promover o desenvolvimento emocional da criança e interação com os pais. Como as famílias relataram falta de tempo, organização na rotina para realização das atividades, conciliamos as tarefas com o ambiente familiar para que as relações entre pais e filhos, criação de laços afetivos tão fundamentais para o desenvolvimento da criança fosse instaurado.

Como defendem diversos Psicólogos da linha histórico cultural, as experiências familiares são responsáveis por estruturar e desenvolver comportamentos, ações, emoções na criança. Como podemos ver nos relatos dos pais, pesquisas citadas, as relações familiares impactam diretamente no comportamento das crianças. Elas se espelham nos pais, cuidadores. Os laços afetivos, apoio emocional, ajudar a nomear as emoções na infância permite à criança compreender o que sente e lidar com conflitos, situações de estresse, mudanças de rotina.

É no ambiente familiar que a criança desenvolve determinados comportamentos, falas, ações que influenciarão seus relacionamentos interpessoais no futuro. Envolver as crianças em atividades da casa como cozinhar, organizar o quarto, em que se explore a imaginação e criatividade auxiliam em seu desenvolvimento cognitivo e emocional pois é nas relações, no contato que a criança se forma como um indivíduo socializado. As relações afetivas entre pais e filhos, conforme Gottman (1997), são fundamentais, principalmente na infância. Quando as crianças se sentem seguras do afeto e do apoio dos pais emocionalmente, elas conseguirão entender o que sentem, vão ser mais seguras em decisões difíceis e se tornarão adultos melhores.

Observamos que por meio do Projeto Emoções, com as atividades propostas via ferramentas de tecnologia, a interação com professor e pais foi fundamental para o desenvolvimento emocional e intelectual da criança. Os relatos dos pais mostram que com a nomeação das emoções, ajudou as crianças a expressarem seus sentimentos. Literalmente, dar nomes às emoções permite dar início a um processo de autoconhecimento e entendimento sobre o que a criança está sentindo e desenvolver a parte esquerda de seu cérebro, responsável pela fala, raciocínio e sua estrutura, organiza seu pensamento, construindo a inteligência emocional e social.

Dessa forma, com o Projeto Emoções e atividades propostas aos pais buscamos trabalhar com a linguagem em interação pais e filhos para que as crianças consigam se desenvolver tanto emocionalmente, com capacidade de autorregulação de seus comportamentos e conseguir ser um sujeito que consiga lidar com seus sentimentos frustrações ao longo da vida. As atividades via Whatsapp, Google Drive, para educação infantil são enviadas para os pais, mantendo as crianças o mínimo possível em exposição a celulares, televisão.

As videoaulas, *lives*, contação de histórias via Youtube, envio de áudio com professor contando histórias, livros digitais que os pais leem para as crianças, explorar pinturas, confecção de fantoches com materiais disponíveis em casa, danças, são formas de ensino a distância para a educação infantil que estimulem o contato, afeto, apoio dos pais, cuidadores tão importantes nessa fase de desenvolvimento infantil. Como disse Vygotsky (1996) as experiências, aprendizados que temos na infância perduram por toda vida. As relações sociais, culturais são os pontos cruciais para mudança e desenvolvimento de cada idade. (VYGOTSKI, 1996, p. 264).

A neurocientista Suzana Herculano Houzel, em entrevista à Revista Gestão Educacional Digital fala sobre sua pesquisa “A neurociência do desenvolvimento infantil aplicada à Educação”. Em que o papel do professor no trabalho com práticas pedagógicas é levar a criança a aprender e praticar, utilizando linguagem, figuras, que explorem a reflexão da criança. Suzana destaca que até os dez anos de idade a criança está num período em que absorve e aprende tudo ao seu redor.

Com as atividades, buscamos desenvolver nas crianças em conjunto com os pais a

teoria vygotskyana sobre o desenvolvimento real que trata de conceitos construídos no cotidiano que a criança possui e consegue realizar sozinha sem o auxílio de outro, e o desenvolvimento potencial é algo que a criança realiza com a ajuda de um adulto, com base em seus conhecimentos prévios. No desenvolvimento potencial as crianças aprendem através do diálogo, observação do adulto como mediador de conhecimento. Nos relatos dos pais podemos ver que o desenvolvimento potencial, através dos diálogos sobre nomeação das emoções auxiliou na autorregulação dos comportamentos das crianças. Com as palavras internalizadas em sua mente, a criança conseguiu expressar verbalmente o que estava sentindo.

Com os desafios da pandemia de Covid-19 para educação infantil e continuidade de desenvolvimento intelectual, emocional na infância em um ensino a distância, vimos que o trabalho em parceria escola, professor e famílias é fundamental para o desenvolvimento infantil. Buscar atividades que explorem as interações entre pais e filhos, incentivar o apoio às crianças, ajudá-las a nomear as emoções, faz com que a criança consiga lidar melhor com o que sente. As emoções se estruturam na mente humana através das relações sociais, familiares, por isso, é importante que as atividades sejam planejadas e organizadas para esse tipo de contato familiar durante a pandemia e ensino remoto.

A parceria pais e professores, os laços estabelecidos para um desenvolvimento saudável da criança durante a pandemia de covid-19 e depois dela, precisam proporcionar para as crianças atividades com espaços temáticos, brincadeiras, inserindo o brincar em um projeto educativo, pois é por meio do contato, brincadeiras que a criança se desenvolve. Através das atividades propostas, trabalhar com as crianças o faz-de-conta, pedir que digam sobre o que estão sentindo, facilita reconhecer suas necessidades, os medos e suas emoções. Assim:

O pensamento da criança evolui a partir de suas ações, razão pela qual as atividades são tão importantes para o desenvolvimento do pensamento infantil. Mesmo que conheça determinados objetos ou que já tenha vivido determinadas situações, a compreensão das experiências fica mais clara quando as representa em seu faz-de-conta. Neste tipo de brincadeira tem também a oportunidade de expressar e elaborar, de forma simbólica, desejos, conflitos e frustrações Cunha, 2007, p. 23).

Os professores devem explorar, no ensino à distância, a interação entre pais e filhos. Com atividades lúdicas, explorando brincadeiras, danças, faz-de-conta, contribuindo na construção do conhecimento das crianças além de desenvolver as habilidades emocionais. As

interações com os adultos é fundamental para o desenvolvimento da criança:

Como vimos, o básico para o desenvolvimento infantil é a organização de atividades estruturadoras de interações adulto-criança, criança-criança e criança-mundo físico e social. Cabe ao educador cuidar desta organização mediadora da relação criança-meio e interagir com ela, auxiliando-a na construção de significados (Oliveira et al., 2002, p. 69).

Assim, cabe ao professor, durante a pandemia, auxiliar os pais frente às atividades propostas, ressaltando a importância do contato afetivo, das brincadeiras entre pais e filhos para que o desenvolvimento da criança seja efetivo. Para a criança se desenvolver emocional e intelectualmente são necessárias práticas educacionais que priorizem a criança e seu contexto familiar. Professores e escolas necessitam de capacitação para elaborar projetos educacionais visando desenvolvimento emocional de suas crianças. Vimos a importância do Projeto emoções sobre a nomeação das emoções para o desenvolvimento infantil, como a palavra tem a função de autorregular comportamentos, hábitos, que serão levados ao longo da vida da criança.

Neste novo contexto de ensino à distância na educação infantil, alunos, professores e família devem estar unidos. Para Schmitt (2011) “o professor sai de sua função de mero transmissor de conhecimento, alguém que ensina a aprender, e passa a assumir o papel de aprendiz junto a seus alunos e colegas em situações diversas do cotidiano” (Schmitt (2011)). Neste cenário de ensino à distância, surge a necessidade de reconstrução de atividades e práticas pedagógicas, conforme ressalta Freire (1996) quando se refere às práticas educacionais: “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Para Szymanski (2001), um trabalho entre escola e família deve considerar que o ambiente familiar é o ponto de partida para construção social e histórica do sujeito. Cada um com seu papel, a escola e a família têm por finalidade educar, orientar, fazer das crianças sujeitos críticos e reflexivos para se viver bem em qualquer circunstância. É função da escola, professor e família trabalhar em conjunto na formação infantil e possibilitar a formação de sujeitos com autonomia de pensamento, visão crítica do mundo, um sujeito que saiba se expressar emocionalmente, controlar suas ações e comportamentos. É de grande importância relacionar educação e família, pois é a chave na vida da criança e para seu desenvolvimento, é na família que se constrói o afeto, apoio, compreensão, amor e atenção, e na escola, o

professor entra com o conhecimento, mas ambas são instâncias que irão colaborar conjuntamente para formação humana da criança e seu desenvolvimento emocional. Educar é promover o crescimento e formação da criança em todas as suas dimensões material, intelectual e moral, emocional.

Percebe-se o quanto é fundamental a parceria família/escola, principalmente neste momento de isolamento social que estamos enfrentando por conta da pandemia que a criança e família precisam ser amparadas. Esta parceria pode amenizar ou até mesmo solucionar os problemas que surgem durante o processo de desenvolvimento emocional da criança. É através das relações sociais, familiares que as pessoas aprendem determinados comportamentos, relações socioemocionais, formas de se comunicar. Mas para a criança ser emocionalmente desenvolvida é preciso que o ambiente que ela conviva tenha apoio, ajude-a entender suas emoções, referências positivas, pais emocionalmente estruturados para estabelecer os limites necessários ao desenvolvimento de uma personalidade emocionalmente equilibrada também.

Em vista disso, destacamos a necessidade de uma parceria entre família e escola, visto que, mesmo com diferentes valores, culturas no que se refere à educação de cada criança, aluno, um necessita do apoio do outro para juntos traçar melhores estratégias de ensino e desenvolvimento da criança. Assim,

A necessidade de a escola estar em perfeita sintonia com a família. A escola é uma instituição que completa a família e juntas tornam-se lugares agradáveis para a convivência de nossos filhos e alunos. A escola não deveria viver sem a família e nem a família viver sem a escola. Portanto, uma boa relação entre a família e a escola deve estar presente em qualquer trabalho educativo que tenha como principal alvo o aluno. A família também é essencial nesse desenvolvimento, pois é junto dela que a criança tem seus primeiros contatos com o mundo (Silva, 2009, p. 1).

Cabe aos professores, escolas implementarem projetos voltados ao desenvolvimento emocional da criança, não somente para ajudá-la a compreender suas emoções nomeando-as, mas para formar um sujeito socializado que consiga lidar com frustrações, solucionar problemas da melhor forma ao longo de sua vida. Uma criança emocionalmente bem desenvolvida, com capacidade de se expressar e compreender suas emoções torna-se um sujeito capaz de enfrentar suas dificuldades, obstáculos ao longo da vida adulta que surgirem. Saber identificar as emoções e o que a levou a sentir determinada emoção é fundamental para que a criança consiga lidar e falar o que sente.

Com relação à posição da família frente ao desenvolvimento da criança, foi perceptível que com as atividades propostas do projeto emoções, visando a as relações entre pais e filhos foi fundamental para continuidade do desenvolvimento emocional e intelectual da criança em meio a pandemia. Nessa perspectiva, as famílias em parceria com professores devem buscar projetos pedagógicos com o intuito de fazer com que a criança saiba lidar com as frustrações, compreenda suas emoções, seja um cidadão crítico, emocionalmente estável perante problemas da vida. Para

Ajudar a criança a construir um bom caráter é a mesma coisa que ajudá-la a desenvolver sua consciência do erro e do acerto. Caráter e consciência expressam a visão que ela possui de si mesma e aproxima-se muito do sentimento de auto-estima. É por essa razão que a educação do caráter é importante (Antunes, 2005, p. 53).

O fortalecimento de laços entre família e escola, buscando a real essência da educação em que não é apenas somente transmitir um conhecimento a criança, algo pré- montado, conteúdo estático, mas ensinar a criança a pensar, refletir e trabalhar suas emoções. As emoções humanas são o que nos fazem conviver em sociedade, é o que nos torna humanos. É crucial ensinar nossas crianças a saberem lidar com as emoções e expressá-las, isso ajuda em seu desenvolvimento. Ajudá-las não somente com palavras, mas sim com exemplos escolares, familiares.

O desenvolvimento infantil depende da qualidade de intervenções e modelos dos adultos a que ela seja revelada em seus vários momentos da vida. Torna-se necessário enfatizar a importância de estreitar os laços entre escola e família para o desenvolvimento saudável da criança. A família e a escola são os dois ambientes formadores de cidadãos críticos, emocionalmente estáveis que saibam lidar com suas frustrações. Assim, é fundamental que sejam implementadas práticas pedagógicas, cursos para professores, psicólogos nas escolas que assegurem o desenvolvimento da criança.

Assim, destacamos a importância de professores, pais, dialogarem com seus filhos sobre as emoções. Para entender e expressar as próprias emoções, é necessário a linguagem, a palavra para organizar os pensamentos e sentimentos. A linguagem representa a cultura, dessa forma, as emoções são construídas no âmbito social e cultural. A linguagem determina a maneira de pensar. Os conceitos de emoção são construídos e internalizados de formas distintas para cada pessoa. A criança para ter um desenvolvimento conceitual de emoção

precisa ser amparada e ter suporte de um adulto para conseguir compreender e desenvolver o conhecimento de suas emoções.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Com tantos desafios que escolas, professores, pais estão enfrentando quanto ao desenvolvimento emocional, intelectual da criança no ensino à distância frente à pandemia de covid-19, vimos que a parceria entre professor e família se fortaleceu perante o isolamento social. Com as atividades propostas do Projeto Emoções, as crianças em interação com os pais conseguiram expressar verbalmente o que sentiam, nomeando suas emoções. Auxiliar a criança a compreender o que se sente é muito importante para ela conseguir lidar com os problemas e frustrações ao longo da vida.

Com o Projeto Emoções buscamos além de simplesmente ajudar as nossas crianças a nomearem e identificarem suas emoções, que a criança consiga, através da nomeação das emoções, lidar com frustrações, seja uma pessoa crítica, reflexiva e emocionalmente bem resolvida. O desenvolvimento emocional durante a infância é o que vai moldar a criança para os enfrentamentos futuros na adolescência e na vida adulta. É por meio do desenvolvimento emocional, do apoio familiar, escolar que a criança será capaz de interagir melhor com o mundo circundante. Ao trabalhar o desenvolvimento emocional desde a infância, a criança será um adulto com mais empatia, mais socializado e resiliente frente às mudanças que ocorrem na vida. Zaporozhets ressalta:

Por isso, não é possível limitar-se, na educação da criança, somente a comunicar-lhe os conhecimentos já adquiridos e a formar determinados hábitos de conduta. É indispensável desenvolver também as atitudes emocionais corretas em relação ao que lhe rodeia e formar elevados sentimentos morais, intelectuais e estéticos, o que constitui a mais importante tarefa da educação comunista das gerações futuras. (ZAPOROZHETS, 2017, p.135).

Na educação, as escolas precisam ter consciência de seu papel em formar cidadãos críticos, reflexivos, e emocionalmente desenvolvidos. Projetos que visem explorar as emoções e sentimentos nas crianças para que elas compreendam seus sentimentos, pensamentos, ações. O desenvolvimento das emoções na infância são fundamentos necessários para a prática pedagógica, pois defendemos que o ser humano é histórico, social e cultural e que o mundo nos transforma, molda nossas emoções. Entender o desenvolvimento desses processos psíquicos e emocionais na infância é compreender o seu desenvolvimento sociocultural.

E como atividade principal utilizamos a literatura infantil para o desenvolvimento

emocional da criança através do estímulo de nomear as emoções e sentimentos com histórias, técnicas de reflexão sobre as emoções. Através do uso da literatura infantil como forma de auxiliar o desenvolvimento e aprendizagem da criança, visto que ajudará o aluno a desenvolver a sua imaginação, a fortificar a sua inteligência e a esclarecer-se afetiva e emocionalmente através da verbalização, nomeação das emoções. A literatura infantil apresenta-se neste trabalho como um dos indutores para o desenvolvimento da linguagem e socioemocional da criança. Após várias reflexões sobre a pesquisa desenvolvida compreende-se que a leitura de livros pode ajudar o aluno a nomear, verbalizar e avaliar as emoções e os sentimentos sentidos pelas personagens da história, bem como a criar empatia com estas. Conversas sobre os comportamentos das personagens em diferentes histórias ajudam a criança a compreender o que está correto ou errado, desenvolvendo padrões e valores morais.

Mayer e Salovey (1999) relatam que o professor precisa dialogar, compreender e avaliar as emoções através da leitura de histórias permitindo que a criança reflita sobre seus sentimentos para seu desenvolvimento emocional. A literatura infantil apresenta grande importância no desenvolvimento da criança, assim, professores devem promover uma educação para as emoções com projetos pedagógicos que visem o desenvolvimento da criança, e a literatura infantil é um meio para este desenvolvimento. Brito (2010) mostra que as histórias abordadas pelo professor devem despertar no aluno curiosidade, imaginação, assim como Guerra (2006) que acrescenta que o professor deve auxiliar o aluno na aceitação própria e das diferenças dos outros, assim como na busca da felicidade. Brito (2010) fala que o professor ao ajudar o aluno a perceber as emoções, aspectos sensoriais na história, enriquece seu mundo, visão da realidade através de magia e aventuras. Cabe ao professor promover a magia da leitura, com ludicidade, explorar a imaginação das crianças para que construa o seu próprio conhecimento através de leituras (Rösing, 2011), relacionando-as com as suas vivências de mundo. Assim o professor pode ajudar a criança a compreender suas emoções.

Sabemos do enorme desafio sobre o ensino a distância na educação infantil, pois principalmente nesta fase que estão em formação, a interação, socialização com colegas de sala, com outras crianças, com a professora escola é fundamental. Como meio de tentar amenizar a distância e incentivar a interação social que é extremamente importante para o

desenvolvimento da criança, buscamos trabalhar as interações entre pais e filhos em suas casas através das atividades propostas como leitura de livros. Os pais participam ativamente de cada atividade proposta como brincar junto aos filhos, ler, apoiar em todos momentos. Para tentar manter a atenção da criança, trabalhamos com *lives* (de curta duração), áudios com contação de histórias, histórias de curta duração, leituras em pdf para os pais lerem para os filhos.

No ambiente escolar as atividades são dirigidas, estruturadas pela professora. O atendimento às necessidades cognitivas, sociais, culturais, psicológicas da criança é realizado de maneira mais estruturada e pedagógica do que no ambiente familiar. Porém, com a pandemia, as práticas pedagógicas, atividades necessitam da mediação dos pais, da parceria professor e família para não prejudicar o desenvolvimento da criança e sua formação como cidadão.

Como forma de comunicação e parceria entre professor e pais para envio de atividades, diálogos, destacamos o uso do Whatsapp como recurso principal para acolher, compreender a trajetória e experiências de pais e crianças frente o ensino a distância na pandemia do Covid-19. Pela ferramenta Whatsapp conseguimos manter diálogo com as famílias, interações com as famílias e crianças, envio de sugestões de atividades, documentação das atividades realizadas em família, relatos dos pais sobre as trajetórias e experiências. Para que as famílias pudessem ter acesso ilimitado às atividades e para quem não quisesse usar o celular, foi criada uma pasta no google drive para postagem. Com relação às propostas de atividades, buscamos trabalhar com diversos recursos como: vídeos, *lives*, gravação de áudios com contação de histórias, tutoriais, arquivos de livros em pdfs para os pais lerem para as crianças.

Entendemos e respeitamos cada família, sua rotina familiar, bem como a sua participação sempre fora de forma voluntária. O intuito é acolher e ajudar nossas crianças e seus familiares neste momento tão difícil do isolamento social. Os diálogos com os familiares por meio de áudios ou escritas como forma de feedbacks, conversas no particular com as famílias para saber como as crianças estão, sobretudo quando as famílias nos procuram a fim de minimizar angústias e acolher os anseios, inseguranças que sentiram em meio a tanta mudança. Por fim, vimos como a interação por meio do Whatsapp, mídias sociais, Google

Drive nos uniu, professor, pais, família, alunos, de forma tão intensa que nos conhecemos mais a fundo. A interação entre pais e filhos no projeto emoções auxiliou no desenvolvimento emocional da criança, pois vimos em cada fotografia de atividades, de brincadeiras, de fotos com as crianças cozinhando junto de seus pais, ou quando uma live foi feita a o sorriso da criança foi emocionante. São nessas pequenas alegrias, interações a distância que, graças a tecnologia nos aproxima e permite que mesmo sem o contato físico, possamos ver o desenvolvimento das crianças.

Diante dos dados e de uma escuta acolhedora às crianças e famílias, propiciar o suporte de acolhimento, parceria entre escola e família se torna cada vez mais emergentes para que possamos nos apoiar, escola e famílias para dar continuidade ao desenvolvimento da criança em meio a pandemia. Buscamos com essa pesquisa, repensar por meio de diferentes trajetórias e experiências, interações e relações existentes na parceria entre professores e famílias em tempos da Pandemia da Covid-19, visando o desenvolvimento emocional infantil.

Com os dados obtidos através da observação e transcrição dos relatos dos pais via Whatsapp e das atividades das crianças em meio ao isolamento social, verificamos como o processo sociointerativo é fundamental para a construção do desenvolvimento emocional na infância e de extrema importância para ser colocado em vigor no ensino da Educação Infantil. A função de nomear uma emoção e explicar à criança o que ela está sentindo, dá a ela recursos para conseguir organizar e regular sua forma de agir no mundo. O apoio familiar e escolar ajuda a criança a superar medos, angústias em meio a pandemias. Destacamos a importância das relações sociais e da nomeação das emoções na fase de desenvolvimento emocional infantil e que o meio sociocultural molda nossa forma de agir sobre o mundo e, pela palavra, conseguimos regular nossas ações e emoções.

Tendo em vista que o processo de interação e mediação da linguagem entre professor, família e criança é fundamental para a construção do desenvolvimento emocional na infância vemos a extrema importância para ser colocado em vigor no ensino da Educação Infantil um conteúdo voltado ao ensino das emoções. A função de nomear uma emoção e explicar à criança o que ela está sentindo, dá a ela recursos para conseguir organizar e regular sua forma de agir no mundo. Com a pandemia da Covid-19, dar subsídios aos professores de como instruir os pais a darem continuidade no desenvolvimento emocional e intelectual da criança

via ambiente virtual, como Whatsapp, Google Drive entre outras ferramentas tecnológicas.

Com o auxílio dos pais, familiares, como parceiros da escola, trabalhar com projetos sobre sentimentos e emoções em que busquem desenvolver nas crianças a linguagem para saberem nomear suas emoções e expressá-las verbalmente e compreender o que sentem. Com isso crescerão mais fortes e vão conseguir lidar com frustrações, medos entre tantos outros enfrentamentos da vida da melhor forma. Com os resultados obtidos, busca-se contribuir com a grande área de processos de ensino infantil com auxílio do ambiente virtual e aprendizado da Língua Materna, Educação e Psicologia. Oferecer método de capacitação aos professores da área de educação infantil de como dar continuidade ao desenvolvimento emocional e intelectual da criança em meio a pandemias e catástrofes, com atividades via on-line, para os pais, com o intuito de acolher e instruí-los de como lidarem com seus filhos nos aspectos emocionais e intelectuais. Materiais com formas instrucionais de diálogos que professores e pais possam trabalhar o desenvolvimento emocional das crianças na educação infantil.

Os benefícios desta pesquisa são inúmeros tanto para a área da Linguística, Psicologia como para área Educacional, pois nos mostra a importância de nomear as emoções durante a infância para desenvolvimento emocional e intelectual. A palavra tem a função de regular nossos comportamentos e ações sobre o mundo e para a criança, que o lado esquerdo de seu cérebro, responsável pelo pensamento lógico, linguagem, ainda em formação, conseguirá compreender e desenvolver melhor sua consciência emocional. Buscamos ainda fomentar mais pesquisas sobre a temática de maneira a auxiliar as práticas de professores e familiares, contribuindo com a formação e desenvolvimento integral da criança, futuro adolescente e adulto, de maneira a conviver melhor na relação com o outro e consigo mesmo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A criança e seu desenvolvimento: o desenvolvimento cerebral. **Primeira infância em pauta**. Disponível em: <https://www.primeirainfanciaempauta.org.br/a-crianca-e-seudesenvolvimento-o-desenvolvime-nto-cerebral.html>. Acesso em: 10 janeiro de 2021.

Ananias, M. (2000). Propostas de educação popular em Campinas: "as aulas noturnas". Cadernos do CEDES, 51, 66-77.

ANTUNES, Celso. A linguagem do afeto: como ensinar virtudes e transmitir valores. Campinas, São Paulo. Papirus, 2005.

AGUIAR, V. T. de (Coord.) Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores. Belo horizonte: Formato editorial, 2001.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Edições Câmara, 2013b.

BRASIL, MEC. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil. Brasília: MEC, 2009.

BETTELEIM, B. A Psicanálise dos Contos de Fadas. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2002.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. Investigação qualitativa em educação. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

Branco, A. V. Competência Emocional. Coimbra: Quarteto, 2004 Brito, D. S. (Junho de 2010). A importância da leitura na formação social do indivíduo. REVELA: Periódico de divulgação científica de FALS, 8, pp. 1-35. Disponível em: [http://www.fals.com.br/revela12/Artigo4\\_ed08.pdf](http://www.fals.com.br/revela12/Artigo4_ed08.pdf) . Acesso em: 21 de Janeiro de 2021.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M (V.N. Volochinov) *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lauch e Iara Frateschi Vieira. 6.ed. São Paulo: Editora Huritec 1992.

BAKHTIN, M. O autor e a personagem na atividade estética' In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.3- 192.

\_\_\_\_\_. O problema do texto na linguística, filologia e em outras ciências humanas. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.307-336. \_\_\_\_\_ . Reformulação do livro sobre Dostoiévski. In: BAKHTIN, M.

*Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.337-358.

\_\_\_\_\_. Metodologia das ciências humanas. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.393-410.

BRASIL, MEC. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/> . Acesso em: 13 de Janeiro de 2021.

BABENGER, Richard. **Como incentivar hábitos de leitura**. São Paulo, 2005.

CUNHA, Nylse Helena Silva. *Brinquedoteca: um mergulho no brincar*. 4. ed. São Paulo: Aquariana, 2007.

Caballo, V. E. (2001) El papel de las habilidades sociales en el desarrollo de las relaciones interpersonales. In D. R. Zamignani (Org.), *Sobre comportamento e cognição. A aplicação da análise do comportamento e da terapia cognitiva-comportamental no hospital geral e nos transtornos psiquiátricos* (vol. 3, pp. 233-237). São Paulo: ESETEC – Editores Associados.

Cury, A. (2004). *Pais brilhantes, professores fascinantes: como formar jovens felizes e inteligentes*. Cascais: Pergaminho.

CREPALDI, E.M.F. **A importância da família na escola para a construção do desenvolvimento do aluno**. In: *Formação de Professores: contextos, sentidos e práticas*. Acesso em: 16 de Janeiro de 2021.

Carvalho, B. V. (1987). *A literatura infantil: Visão histórica e crítica*. São Paulo: Global

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

DUNCAN, G.J., DOWSETT, C.J., CLAESSENS, A., MAGNUSON, K., HUSTON, A.C., KLEBANOV, P., JAPEL, C. (2007). **School readiness and later achievement. *Developmental Psychology***, 43(96), 14288-1446. Doi: 10.1037/0012-1649.43.6.1428

DURLAK, Joseph A., WEISSBERG, Roger P., DYMNIKI, Alisson B., TAYLOR, Rebecca D., SCHEILLINGER, Kriston B. (2011) **The Impact of Enhancing Students' Social and Emotional Learning: A Meta-Analysis of School-Based Universal Interventions - *Child Development Journal*** - Volume 82, Issue 1 January/February 2011 Pages 405-432

DAMÁSIO, António R. *O Erro de Descartes: Emoção, Razão e O Cérebro Humano*. Tradução de Dora Vicente e Georgina Segurado. São Paulo, Cia. Das Letras, 1996.  
\_\_\_\_\_. *O Mistério da Consciência*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo, Cia Das Letras, 2000.

Educação escolar em tempos de pandemia na visão de professoras/es da Educação Básica, Informe no. 1, 2020.  
<https://www.fcc.org.br/fcc/educacao-pesquisa/educacaoescolar-em-tempos-depandemia-informe-n-1>. Acesso em: 16 de Janeiro de 2021

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Fleer, M., & Hammer, M. (2013). Emotions in imaginative situations: The valued place of fairy tales for support in emotion regulation. *Mind, Culture, and Activity*, 20(3), 240- 259.

Gottman, J. C., & DeClaire, J. (1998). *Inteligência emocional e a arte de educar nossos filhos* (8ª ed.). Rio de Janeiro: Objetiva.

GERALDI, J. W. (org). *O texto na sala de aula*. Cascavel: ASSOESTE, 1984. \_\_\_\_\_. (org). *Portos de passagem*. 2.ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1992.

Galvão, I. (2004). *Cenas do cotidiano escolar: conflito sim, violência não*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Grossman, S. (1999). Examining the origins of our beliefs about parents. *Childhood Education*, 76, 24-27.

Gomes, M. F. (1989). Aprendizagem afectiva. Em C. Rodrigues, J. M. Teixeira, & M. F. Gomes, *Afectividade* (pp. 109-120). Porto: Contraponto. Goleman, D. (2000). *Inteligência emocional*. Lisboa: Temas e Debates.

Houzel, Suzana.H.. “A neurociência do desenvolvimento infantil aplicada à Educação.” Entrevista concedida a Revista Gestão Educacional Digital. Edição de 17/12/2013. São Paulo. Humana Editorial, Dez/2013. Acesso em: 12 de Fevereiro de 2021

IZARD, Carroll E. Four Systems for Emotion Activation: Cognitive and Noncognitive Process. *Psychological Review*, v. 100, pp. 68 – 90, 1993.

LURIA, A. R. (1976). *Cognitive development its cultural and social foundations*. Cambridge, Massachusetts & London: Harvard University Press.

LURIA AR. *Curso de psicologia geral*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, vol. IV. LURIA AR. *Pensamento e linguagem - as últimas conferências de Luria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

LEONTIEV, A. N. *Activity, consciousness, and personality*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1975.

Laureau, A. (1987). Social class differences in family-school relationships. The importance of cultural capital. *Sociology of Education*, 60, 73-85.

Lubi, A. P. L. (2003). Estilo parental e comportamento socialmente habilidoso da criança com pares. In M. Z. S Brandão, F. C. S Conte, F. S. Brandão, J. K. Inglerman, C. B. Moura, V. M. Silva, & S. M Oliane (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição. a história e os avanços, a seleção por conseqüências em ação* (Vol. 11, pp. 536-541). São Paulo: ESETEC – Editores Associados.

Lohr, S. S. (2001). Desenvolvimento das habilidades sociais como forma de prevenção. In H. J. Guilhardi, M. B. B. P. Madi, P. P. Queiroz, & M. C. Scoz (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição – expondo a variabilidade* (Vol. 8, pp. 190-194). São Paulo: ESETEC – Editores Associados.

LEDOUX, Joseph. *O Cérebro Emocional: Os Misteriosos Alicerces da Vida Emocional*. Tradução de Terezinha Batista dos Santos. Rio, Objetiva, 1998.

Laureau, A. (1987). Social class differences in family-school relationships. The importance of cultural capital. *Sociology of Education*, 60, 73-85.

Lindquist, K. A, MacCormack, J.K. y Shablack, H. (2015). The role of language in emotion: predictions from psychological constructionism. *Frontiers in Psychology*, 6, 444. doi: 10.3389/fpsyg.2015.00444.

MARTINS, L. M. O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

MEC & UNESCO (2000). Educação: um tesouro a descobrir. *Relatório para UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI*. São Paulo e Brasília: Cortez, MEC/UNESCO.

Marques, R. (2002). O envolvimento das famílias no processo educativo: resultados de um estudo em cinco países. Disponível em : <<http://www.eses.pt/usr/Ramiro/Texto.htm>> . Acesso em: 16 de Janeiro de 2021.

Magiolino, L. L. S. (2010). Emoções humanas e significação numa perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano: Um estudo teórico da obra de Vigotski. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

Magiolino, L. L. S. (2013) Afetividade e/na educação: Sentir e expressar na experiência (est)ética – contribuições da filosofia espinosana. *Filosofia e Educação*, 5(1), 156-183.

MELLO, Suely Amaral. Algumas Implicações Pedagógicas da Escola de Vygotsky para a Educação Infantil. *Pró-Posições* (UNICAMP. Impresso), Campinas, v. 10, n.1, p. 16-27, 1999.

OLIVEIRA, Marta Khol de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio histórico**. São Paulo: Scipione, 1997.

OLIVEIRA, Z. M. et al. *Creches: Crianças, Faz de conta & cia*. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

Oatley, K., & Jenkins, J. M. (2002). *Compreender as emoções*. Lisboa: Instituto Piaget.

Pons, F., Harris, P. L. y Doudin, P-A. (2003). Ensenyar a comprendre les emocions. *Suports*,

7, 1. 44-53.

Polônia, A. C., & Dessen, M. A. (2005). Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola. *Psicologia Escolar e Educacional*, 9(2), 303-312.

Reyes, M. R., Brackett, M. A., Rivers, S. E., White, M., & Salovey, P. (2012). Classroom emotional climate, student engagement, and academic achievement. *Journal of Educational Psychology*, 104(3), 700–712. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/a0027268>. Acesso em: 10 de Janeiro de 2021.

Rego, T. C. (2003). Memórias de escola: cultura escolar e constituição de singularidades. Petrópolis, RJ: Vozes.

ROBBINS, D. Vygotsky psychology – philosophy: a metaphor for language theory and learning. New York: Kluwer academic / Plenum publisher, 2001.

Sociedade Brasileira de Pediatria. Em pesquisa inédita, pediatras alertam para mudanças de comportamento infantil na pandemia: <https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/empesquisa-inedita-pediatras-alertam-para-mudancas-de-comportamento-infantil-na-pandemia/>. Acesso em: 13 de Janeiro de 2021.

Sigolo, S. R. R. L. (2004). Favorecendo o desenvolvimento infantil: ênfase nas trocas interativas no contexto familiar. In E. G. Mendes, M. A. Almeida & L. C. A. Williams (Orgs.). *Temas em Educação Especial: avanços recentes* (pp.189-195). São Carlos: Edufscar.

Szymanski, H. (2001). *A relação família-escola: desafios e perspectivas*. Brasília: Plano.

SOUSA, Marivalda Guimarães. **Leitura: aprendizagem e prazer**. Quadrimestral n. 8. Maringá, 2004

Santos, M. B. (2002). A magia do conto no desenvolvimento integral da criança (algumas ideias subsidiárias). Em A. Mesquita, *Pedagogias do imaginário: Olhares sobre a literatura infantil* (pp. 116-121). Porto: ASA

SILVA, Gleice Ferreira da; ARENA, Dagoberto Buim. **A leitura na Educação Infantil e as histórias em quadrinhos, 2012.**

SCHIMITT, Miguel Ângelo. **Ação-Reflexão-Ação: A Prática Reflexiva como elemento**

transformador do cotidiano educativo. *Protestantismo em Revista*. São Leopoldo, RS, v, 25, maio-ago. 2011.

SILVA, Elaine Cristina Reis. *Perspectivas do professor com relação à integração da família do educando ao ambiente escolar*. São Paulo: Cortez, 2009, p.01.

Sawaia, B. B. (2000). Emoção como locus da produção do conhecimento - Las emociones y la personalidad: desafios para su reconstrucción desde una perspectiva históricocultural. In III Conference for Sociocultural Research, 1 (p. 29). Campinas: Universidade Estadual de Campinas.

Sawaia, B. B. (2009). Psicologia e desigualdade social: Uma reflexão sobre liberdade e transformação social. *Psicologia e Sociedade*, 21, 364-372.

Távora, M. T. (2003). Evolução e crescimento de pais e filhos: Mudanças necessárias nessa relação. *PSICO* 34(1), 23-38.

Todd, B. Kashdan, Lisa F. Barrett, Patrick E. McKnight (2015). Unpacking Emotion Differentiation: Transforming Unpleasant Experience by Perceiving Distinctions in Negativity. *Sage Journals*. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0963721414550708>. Acesso em: 10 de Janeiro de 2021.

UNICEF. Seis formas de apoiar crianças e adolescentes durante o surto de coronavírus /Covid-19. 2020. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/historias/seis-formas-deapoiar-criancas-e-adolescentes-durante-o-surto-de-coronavirus>. Acesso em: 12 de Maio de 2020.

Wagner, A., Ribeiro, L. S., Arteché, A. X., & Bornholdt, E. A. (1999). Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12(1), 147-156.

Van der Veer, R., & Valsiner, J. (2009). *Vygotsky: Uma síntese*. São Paulo: Edições Loyola.

Vygotsky, L., S. (1998). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.

\_\_\_\_\_. Sobre os sistemas psicológicos. In: *Teoria e Método em Psicologia*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Vygotsky, L., S. (1998). Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes.

VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998a.  
\_\_\_\_\_. Pensamento e Linguagem. 2ed. São Paulo: Editora Martins Fontes. 1998b.

Vigotsky, L. (1931-33/2004). Teoría de las emociones: Estudio histórico-psicológico. Madrid: Akal Universitaria.

VIGOTSKI, L. S. *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1924/2004.

ZAPOROZHETS, A. V. **Os sentimentos**. In: LONGAREZI, A. M.; PUENTES, R. V. (org.). **Ensino desenvolvimental: antologia: livro 1**. Tradução de Lucielle Farias Arantes. Uberlândia: EDUFU, 2017. p. 133-148.

## ANEXOS A

Fotos das atividades realizadas pelas crianças em suas casas e enviadas pelos pais:

